



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**ENTRE NARRATIVAS, RESISTÊNCIAS E PERSPECTIVAS: ANÁLISE DAS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA MANIFESTAÇÃO
CARNAVALESCA MUDANÇA DO GARCIA**

Salvador
2025

**ENTRE NARRATIVAS, RESISTÊNCIAS E PERSPECTIVAS: ANÁLISE DAS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA MANIFESTAÇÃO
CARNAVALESCA MUDANÇA DO GARCIA**

THAÍS GÓES DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
Geografia como um dos requisitos para a
obtenção do Título de Bacharel em
Geografia pela Universidade Federal da
Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Clímaco Cesar
Siqueira Dias

Salvador
2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souza, Thaís Góes de
Entre narrativas, resistências e perspectivas:
análise das transformações socioespaciais da
manifestação carnavalesca Mudança do Garcia / Thaís Góes
de Souza. -- Salvador, 2025.
116 f. : il

Orientador: Clímaco César Siqueira Dias.
Monografia (Bacharel em Geografia) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2025.

1. Territorialidade. 2. Manifestação carnavalesca.
3. Resistência. 4. Bairro. I. Siqueira Dias, Clímaco
César. II. Título.

THAIS GÓES SOUZA

**ENTRE NARRATIVAS, RESISTÊNCIAS E
PERSPECTIVAS: ANÁLISE DAS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA
MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA MUDANÇA
DO GARCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Federal da Bahia como pré-
requisito para a obtenção do Título de Bacharel
em Geografia pela seguinte banca
examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br CLIMACO CESAR SIQUEIRA DIAS
Data: 18/07/2025 15:36:19-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Dr. Clímaco César Siqueira Dias
Orientador – UFBA


Prof. Dr. Clóvis Caribé Menezes dos Santos
UFRRJ

ME. Jamila Reis Gomes

Documento assinado digitalmente
gov.br JAMILA REIS GOMES
Data: 19/07/2025 12:27:48-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Sempre a Deus e aos mentores espirituais.

Ao meu orientador Prof. Clímaco, sempre acreditando, ensinando com muito entusiasmo e sendo honesto sobre os pontos que poderia melhorar. Agradeço por você ter sempre visto a confiança que eu deixava escapar por inseguranças e efeitos da vida, e agradeço sua generosidade, alegria, compreensão e defesa durante todos esses anos.

Ao Professor Clovis, sociólogo nascido e criado no bairro do Garcia, o qual compartilhou seus conhecimentos de morador e cientista para que este trabalho ganhasse conteúdo significativo.

Meus agradecimentos aos moradores nascidos e criados, as suas famílias e aos moradores por assim dizer, associados ao bairro do Garcia, a Fazenda Garcia, os quais se mostraram atentos e disponíveis à locução de suas falas de memória e vivências. Ouvi discursos de resistência e de paixão pela história que construíram e, que buscam ampliar suas vozes com extrema alegria através das pesquisas acadêmicas.

Aos dirigentes das associações de bairro, aos profissionais da música, cantores, produtores, instrumentista de sopro, personagens moradores de outros bairros, foliões, que fazem a manifestação carnavalesca da Mudança do Garcia uma composição rica de sons, imagens, personalidades e temperos.

“Cho, Chuá
[...]”

*Eu não me cансо de falar
Cho, chuã
O meu galho é na Bahia
Cho, chuá/
O seu é em outro lugar*

*Não se aborreça/
Você vem não sei de onde
Fica aqui, não vai pra lá
Esse negócio da mãe preta ser leiteira
Já encheu sua mamadeira
Vá mamar noutro lugar”.*

Música: Cada macaco no seu galho

Composição: Clementino Rodrigues

O Riachão (1964)

SOUZA, Thaís Góes de. **Entre narrativas, resistências e perspectivas: análise das transformações socioespaciais da manifestação carnavalesca Mudança do Garcia.** 2025. 116 f. il. Monografia (Departamento de Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

Entender a resistência dada através da manifestação carnavalesca de bairro, em termos de tempo e espaço pode demonstrar como uma territorialidade permanece. Neste sentido, a territorialidade pode ser investigada através do discurso, das práticas e ancestralidade dos grupos atribuídos ao seu lugar. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar as transformações históricas do carnaval da Mudança do Garcia e suas relações alimentadas pelo cotidiano socioespacial da territorialidade denominada Fazenda Garcia e pelo carnaval da grande cidade de Salvador, Bahia. A Mudança do Garcia resiste historicamente, mantendo uma jornada participativa na maior festa de carnaval de rua realizada no mundo, o carnaval de Salvador. Para isso, em primeiro momento foi imprescindível discorrer sobre os processos de mercantilização do carnaval e da cidade, assim como do processo de consolidação do tecido urbano. Durante o desenvolvimento desta pesquisa foram realizados trabalhos observacionais de campo, entrevistas com os atores atuantes na Mudança do Garcia a fim de identificar os discursos de memória e vivências da territorialidade cultural, as dinâmicas socioespaciais e os elementos históricos de resistência, bem como mapear a territorialidade da Mudança produzida durante a jornada. Os resultados das entrevistas revelam acesso restrito ao financiamento municipal, mesmo tendo em vista o reconhecimento público da Mudança do Garcia em Circuito oficial do carnaval, o ritmo de processo sinérgico de apropriação do carnaval da cidade na Mudança, bem como indicam a tendência de um carnaval intrabairro da Mudança, com contrafluxo e percurso de carnaval exclusivo do bairro. Enquanto contribuição, adiciona-se o entendimento sobre as particularidades do lugar, considerando suas especificidades, como aquele que constrói elementos diferenciados nas suas relações de reprodução de vida comum de bairro. Assim, o estudo permitiu articular em escala geográfica os elementos singulares do lugar.

Palavras-chave: Territorialidade, Manifestação carnavalesca, Resistência, Bairro, Mudança do Garcia.

ABSTRACT

Understanding the resistance expressed through neighborhood carnival manifestations, in terms of time and space, can demonstrate how territoriality endures. In this sense, territoriality can be investigated through the discourse, practices, and ancestry of the groups assigned to their place. Thus, the general objective of this work is to analyze the historical transformations of the Mudança do Garcia carnival and its relationships, fueled by the socio-spatial dynamics of daily life in the territorial area known as Fazenda Garcia and the carnival of the great city of Salvador, Bahia. The Garcia Movement has endured historically, maintaining a participatory journey in the largest street carnival celebration in the world, Salvador's Carnival. To this end, it was essential to initially discuss the processes of commodification of the carnival and the city, as well as the process of consolidating the urban fabric. During the development of this research, observational fieldwork and interviews were conducted with actors involved in the Garcia Movement to identify the discourses of memory and experiences of cultural territoriality, the socio-spatial dynamics, and the historical elements of resistance, as well as to map the territoriality of the Change produced during the journey. The interview results reveal limited access to municipal funding, despite the public recognition of Mudança do Garcia as an official Carnival circuit, the synergistic pace of the city's Carnival appropriation during Mudança, and indicate a tendency toward an intra-neighborhood Carnival during Mudança, with a counterflow and a Carnival route exclusive to the neighborhood. As a contribution, we add the understanding of the particularities of the place, considering its specificities, such as that which builds differentiated elements in its relations of reproduction of common neighborhood life. Thus, the study allowed us to articulate on a geographic scale the singular elements of the place.

Keywords: Territoriality, Carnaval spirit, Resistance, Neighborhood, Mudança do Garcia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Desfiles dos blocos nas ruas de Salvador com placas de dizeres políticos, no carnaval de 1978 e 1986, respectivamente.....	38
FIGURA 2 - Mulher preta vestida com o traje de baiana servindo bebidas para os foliões do bloco Mordomia composto somente por empresários no carnaval de 1992.....	41
FIGURA 3 - Fluxograma da metodologia da pesquisa.....	44
FIGURA 4 - Mapa de localização do bairro.....	51
FIGURA 5 - Fotografia aérea do Garcia e Barris em escala 1:4000, de 1946.....	53
FIGURA 6 - Fotografia aérea do Engenho Velho de Brotas/Garcia/Dique em escala 1:4000, 1946.....	54
FIGURA 7 - Trechos do <i>skyline</i> visto a partir de moradia localizada na cumeada da Rua Prediliano Pita, Fazenda Garcia (2018)	55
FIGURA 8 - Consulta de linhas de ônibus no bairro em 2018.....	57
FIGURA 9 - Manifestação no bairro do Garcia referente a substituição de linhas do transporte público.....	59
FIGURA 10 - Linha do tempo dos principais movimentos carnavalescos originados no bairro.....	66
FIGURA 11 - Desfile da Mudança do Garcia no carnaval de 1976 de Salvador, pressionado por foliões pipoca, trio e bloco privado.....	71
FIGURA 12 - Desfile da Mudança do Garcia, onde havia até o ano de 2010 a prática dos grupos desfilarem com carroças puxadas por animais cavalos e burros em 1986, na Rua Prediliano Pita, Fazenda Garcia.....	72
FIGURA 13 - Traçado do percurso realizado no Circuito Riachão, nas ruas do bairro.....	74
FIGURA 14 - Componentes da Mudança de chão, segundo a ARRCB.....	76
FIGURA 15 - Alteração do nome do cortejo Mudança do Garcia para Circuito Riachão a partir do projeto do legislativo municipal.....	77
FIGURA 16 - Carrocicleta carregando as “frases de protesto” subindo o Garcia, durante a Mudança de 2025.....	78
FIGURA 17 - Trajeto do Circuito Riachão para o Circuito Osmar, no Campo Grande.....	79

FIGURA 18 - Concentrações populacionais nas Mudanças nos carnavais de 2018 e 2015.....	81
FIGURA 19 - Processo de sinergia entre o carnaval da cidade e carnaval de bairro.....	87
FIGURA 20 - Entrada da Mudança na passarela do Campo Grande no carnaval, 2024.....	93
FIGURA 21 - Identificação de estruturas presentes na Mudança do Garcia (Círculo Riachão), no presente.....	95

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição dos participantes por gênero e faixa etária.....62

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Relação dos atores que participaram das entrevistas.....	46
QUADRO 2 - Linhas de ônibus que operam intrabairro do Garcia em 2025.....	58
QUADRO 3 - Blocos identificados durante o circuito Riachão, percurso da Mudança do Garcia em 2019.....	85
QUADRO 4 - Ordem das atrações da Mudança do Garcia 2025 para saída do desfile por categoria.....	86

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Perfil dos entrevistados de acordo com cor ou raça, escolaridade e renda.....	63
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Associação do Bloco dos Cornos
AMAG	Associação dos Moradores e Amigos do Garcia
ARCCB	Associação Recreativa e Cultural Chupe Bico
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EPUCS	Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador
IBGE	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FGM	Fundação Gregório de Matos
PMS	Prefeitura Municipal do Salvador
RMS	Região Metropolitana de Salvador
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia,
SSP	Secretaria de Segurança Pública da Bahia
SUFOTUR	Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OBJETIVOS	21
2.1 Geral	21
2.2 Específicos.....	21
3 JUSTIFICATIVA	21
4 REFERENCIAL TEÓRICO	23
4.1 Abordagem dialética: o lugar da geografia e do geógrafo no estudo cultural	23
4.2 A formação populacional e impactos socioeconômicos da utilização da mão-de-obra escravizada na cidade da Bahia, Salvador.....	30
4.3 O carnaval na cidade: um breve histórico da sua territorialização	36
5 MATERIAIS E MÉTODOS	42
5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa	42
5.2. Caracterização territorial do bairro do Garcia	49
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
6.1 Análise do perfil sociodemográfico dos atores entrevistados	61
6.2 Construção e tradição da manifestação carnavalesca	64
6.3 A Mudança do Garcia e o Circuito Riachão	73
6.4 Perspectivas e Transformações.....	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA.....	106
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (ORGANIZADORES)	107
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (DIRIGENTES DE OUTROS BLOCOS)	108
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA (MEMBROS DE GRUPOS DE SAMBA).....	109

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA (REPRESENTAÇÃO DE SINDICATOS PARTICIPANTES DA FESTA)	110
APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA (RESTAURANTES)	111
APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA (GESTORES PÚBLICOS: VEREADORES)	112
APÊNDICE H - QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS.....	113
APÊNDICE I - CONTRATO DE CESSÃO DE IMAGENS - ACERVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS	114

1 INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX testemunharam um interesse vultoso da mídia, publicidade, artistas, turistas e foliões pela experiência do Carnaval de Salvador. Em termos de consumo, ao longo da história nos anos sequentes, a concentração de foliões nos circuitos ainda permanece grande em número populacional. Embora com diferenças entre eles, em 2025, 11 milhões de foliões (da Bahia e turistas) foram contabilizados nos principais circuitos da cidade, o Circuito Dodô, o Osmar e o Circuito Batatinha, segundo os dados da contagem populacional realizado através do sistema de reconhecimento facial durante os cinco dias oficiais da festa da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP, 2025).

Na história do carnaval da cidade, as manifestações populares foram incorporadas à razão da mercantilização cultural. Salvador passou intensamente por esse processo nos anos de 1990. Documentalmente, os carnavales populares que vinham de décadas anteriores, contribuíram para a aparecimento dos blocos afros, do Afoxé¹ Filhos de Gandhy, em 1949 e, principalmente nos anos de 1970, com o Ilê Aiyê (1974), que representou a manifestação mais massiva da população negra e forte repercussão na própria política de reivindicação da identidade negra em Salvador; seguido do bloco Malê Debalê em 1979, Muzenza e bloco Olodum, em 1981 (Oliveira, 2012). Até então, essa configuração do grande e popular carnaval de Salvador, mesmo com diferença socioespacial dos blocos de corda das classes de elite na rua, como o bloco Internacionais, o bloco Coruja e dos clubes, mas nada anteriormente na história foi tão expressivo quanto o que foi presenciado na década de 90. Ou seja, parte do modelo do carnaval de rua do bloco de trio elétrico foi transformado em hegemônico, e se fez a venda de uma “cultura de massa” (Adorno, 2002, p. 60) de Salvador.

A venda da cidade se deu muito por atração dessa festividade. Aliado ao surgimento do som do carnaval de massa, que é o *axé music* - este definido como uma mescla do som da população pobre da cidade – o carnaval popular foi sendo apropriado por classes abastadas, e o carnaval de Salvador passou a ser hegemonizado por um seleto e pequeno grupo de artistas da cidade por temporada. O carnaval feito dessa forma, foi

¹ Os afoxés vinculados aos terreiros de candomblé foram organizados por relações de vizinhanças nos bairros populares da cidade (Oliveira, 2012).

realizado através dos processos de venda da cidade e venda de cultura dos anos 1990, para demais cidades do país (Dias, 2018). Incontestavelmente, o potencial artístico e cultural da cidade foi tomado, em certo modo, pelo interesse capitalista para o alto valor de consumo de populações oriundas de outras cidades do Brasil e do mundo, induzido por publicidade e meios de comunicação. Nesse contexto, a identidade baiana foi amplamente divulgada e caricaturada em símbolos.

Em conjunção, observa-se a aplicação do planejamento estratégico das cidades em Salvador. Este modelo de planejamento urbano estratégico difundido por organismos econômicos na cidade de Salvador, no Brasil e América Latina foi replicado a partir do sucesso da sua aplicação na cidade de Barcelona (Vainer, 2000).

O cenário cultural em Salvador com o movimento do *axé music* dos referidos anos de 1990, foi inicialmente de caráter popular, cultura do lugar, declarado como um movimento artístico e musical de mistura do samba reggae com outros ritmos, cantou mazelas sociais do povo. A classe média se apropriou e transformou-a em cultura de massas, vendeu, mas o axé continua sendo uma produção de cultura popular. À medida que se expandiu e pressionou um determinado movimento enquadrando-o ao modo mercantil, para o sucesso entre as massas, tornando-o repetitivo, é claramente o percurso findado ao declínio.

Outro aspecto fundamental quanto ao entendimento da construção do espaço urbano de Salvador, no século XX, está no período de latência populacional entre meados da década de 1940, quando se adensou a necessidade por espaço habitacional, ao mesmo tempo, que se fortificou o controle sobre o solo urbano (Brandão, 2021). Desde os anos 20, várias cumeadas e vales internos começam a ser ocupados, porém sem maior conflito, como os altos do Garcia, da Federação, trecho do que é hoje a Avenida Vasco da Gama, dos Vales da Graça, Canela e Nazaré, criando-se comunidades culturais riquíssimas, com a presença de núcleos religiosos (capelas, terreiros de candomblé), esportivas e recreativas, forte comércio local (oficinas, armazéns), os quais serviam de pontos de encontro, de uma população formada por profissionais do setor de serviço (empregados domésticos, mestres de obra, motoristas, costureiras), de acordo com Souza *et al.*, (2002).

É neste contexto, que se justifica mais um tempero no mosaico cultural formado na cidade a partir da migração e pessoas vindas dos pequenos municípios próximos da capital e sua ocupação popular nas cumeadas dos bairros próximo ao centro de Salvador

(Andrade; Beltrão, 2009), devido a uma nova configuração sobretudo em seu núcleo central da cidade (Silva, 2013) das aberturas das Avenidas de Vale, as quais levavam a infraestrutura adjacente de iluminação elétrica.

O Garcia, bairro residencial localizado geograficamente próximo ao centro da cidade de Salvador, e do Circuito Dodô (Campo Grande), de ocupação antiga na parte mais alta concentra colégios tradicionais na sua principal avenida de cumeada², apresenta uma ocupação popular em sua localidade chamada de Fazenda Garcia. O bairro heterogêneo diferencia o seu tecido social e urbano envolvente entre seus dois lugares: o Garcia de ocupação urbana primeira e a Fazenda Garcia de ocupação dos anos de 1940 onde lhe estão associadas formas de identidade cultural marcantes, como da manifestação carnavalesca de iniciativa popular, ainda presente, da Mudança do Garcia e do Samba Junino e dos findados bloco Filhos do Garcia, Caciques do Garcia e Escola de Samba Juventude do Garcia (Moura, 2011; Miguez, 2020).

Ocorre no bairro uma delimitação além do limite físico do “Arco” entre dois lugares, porém complementares entre si. O lugar Fazenda Garcia herdou o nome da antiga sede da fazenda que originou a formação da população envolvente e continuidade do bairro Garcia carregado de simbolismo. À vista disso, não sendo dois bairros em um, mas pelos quais perpassam processos persistentes, de contrastes espaciais e clara distinção entre o cotidiano da sua população na Fazenda Garcia sua identidade espaço cultural apresenta indicação significativa para o presente estudo.

Ao atravessar todo o bairro do Garcia, é possível chegar diretamente à Praça do Campo Grande e às ruas mais centrais da cidade, bem como desfilar no centro, o que também era o movimento anual de alguns outros grupos, inclusive grupos carnavalescos de samba, e a escola de samba do bairro (Soares, 2025).

Especificamente, somente o carnaval do bairro do Garcia, através da Mudança apresenta ainda, a especificidade de adentrar a passarela oficial do carnaval da grande cidade e disputar o espaço do circuito oficial com sua territorialidade. Ao longo do tempo, a Mudança do Garcia irrompeu os portões do Campo Grande com seu tempo médio de

² Cumeada – o mesmo que linha de cumeada, isto é, a linha formada pelos cumes – parte mais alta ou culminante de um morro ou de uma serra, que se sucedem ininterruptamente numa serra ou cadeia de montanhas. A linha de cumeada é, por conseguinte, sinônimo de linha de crista ou linha de freto (Dicionário Geológico Geomorfológico, p. 118, 1993).

desfile diferenciado e sem cordas, se comparado ao dos blocos comerciais de trios, em diversidade de sons e ritmos produzidas ao longo de seu percurso e foliões livres, sem o cumprimento rígido da duração cronometrada do desfile oficial exigido pela mídia televisiva presente na passarela (Dias, 2002).

O presente trabalho é um convite ao debate claramente político ao discorrer sobre a seletiva aceitação histórica da manifestação cultural da Mudança do Garcia no espaço urbano e no carnaval da cidade de Salvador. Para tanto, discutem-se as estratégias conduzidas por atores sociais (em grupos) para gerar visibilidade através do tempo e exercer uma territorialidade de modo a possuir maior participação popular e reconhecimento.

Deste modo, um caminho possível, é realizado neste trabalho com esforço em se afirmar as disputas pelo espaço público da rua e pela luta da sobrevivência em forma de resistência popular, da visibilidade pelos meios de comunicação e demais canais, os quais se associam pela participação política ou das denúncias socioespaciais.

Dado o exposto, propõe-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma as transformações históricas do carnaval de bairro interagem nas estruturas socioespaciais presentes na territorialidade da Mudança do Garcia e, mais ainda, como essas interações se relacionam com o carnaval globalizado da cidade de Salvador (BA). Devido ao caráter experimental desta pesquisa, entende-se, de acordo com os estudos de Dias (2017), que os métodos de resistência dos pobres nas cidades possuem uma racionalidade nas suas formas de agregar para sua sobrevivência, e na metrópole a relação de vizinhos em cotidiano oferece sentido ao lugar.

Sustenta-se nesse trabalho então, a seguinte hipótese, que: Se produz, atualmente uma manifestação carnavalesca propriamente de bairro, mesmo com interações e relacionamentos imbricados com o carnaval da cidade de Salvador. O bairro passou a ser um continente dessa manifestação, todavia a população do bairro contribui para a sua manutenção. O movimento ainda pode ser analisado, enquanto movimento de resistência, mesmo apresentando contradições. No atual momento, o movimento não se constitui integralmente enquanto cultura de massa, mas é híbrido, uma vez que adquire elementos técnicos da cultura de massa, associados aos elementos socioespaciais de resistência.

Isso posto, após a introdução, este trabalho se esforça em evidenciar o debate político presente na manifestação carnavalesca Mudança do Garcia através da resistência

ao modelo mercantilizado imposto e da luta direta e de uma afirmação contestatória pelo espaço da cidade de Salvador.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

De acordo com o contexto apresentado, o principal objetivo deste trabalho consiste em analisar as transformações socioespaciais presentes na Mudança do Garcia, a partir dos discursos dos atores participantes da festa e sua interação com a territorialidade e cotidiano socioterritorial da Fazenda Garcia, enquanto parcela integrante do bairro do Garcia em Salvador-Bahia.

2.2 Específicos

- a) Identificar as estruturas políticas, econômicas e culturais as quais compõem a Mudança do Garcia;
- b) Discorrer sobre os processos de venda da cidade de Salvador a partir dos traços culturais do lugar;
- c) Evidenciar diferentes aspectos socioespaciais da vida cotidiana do bairro, quanto às dinâmicas e relações que se estabelecem;
- d) Destacar a territorialidade cultural da Mudança do Garcia criada no bairro, enquanto forma de resistência à padronização dita pelo capital no carnaval da grande cidade.

3 JUSTIFICATIVA

Os estudos e teorias desenvolvidas na geografia descritas sobre a cultura popular, indústria de massa, apropriação do capital à cultura popular, as territorialidades e sobre a venda da cidade, caracterizam-se como rico e fornecem base teórica e empírica do cenário cultural atual nas grandes cidades.

Na presente pesquisa, busca-se o bairro do Garcia em suas nuances culturais e o teor científico acadêmico, como redescobrir a produção do carnaval da Mudança do bairro do Garcia na cidade de Salvador.

Uma das motivações para o trabalho, parte da concepção de Dias (2017), ao considerar as diferentes relações de vizinhança dos pobres moradores nos bairros populares, a proporção em que reconhece, o território criado e a profunda relação material e dialética dos pobres nestes bairros historicamente adensados.

Diante deste cenário, conforme Dias (2002), a mercantilização do carnaval de Salvador estimulou os conflitos entre o carnaval popular do Garcia e produtores do espaço do carnaval: o poder público e empresários da indústria cultural. Segundo o autor, isto pôde ser claramente visto através do episódios tensos de passagem da Mudança pelo portão de acesso a passarela do Campo Grande nos anos de 1990 e 2000, através das tentativas de retenção dos foliões nas grades por horas, acusações de causar atraso do desfile dos blocos oficiais do carnaval e, exclusão do desfile da Mudança nas transmissões televisivas na época.

Nesse contexto espacial uma manifestação cultural pode ser vista a partir dos processos intencionais de articulação e apropriação das técnicas, o que é um deleite a investigações acadêmicas sobre a configuração espacial do bairro, enquanto território.

Nesta abordagem, para Santos (2006), o espaço é indutor e resultado dos processos sociais. Sobre isso, partindo do exposto, a geografia aparece no estudo cultural diferenciando-se das ciências sociais devido a análise da componente espacial, ao ver que é no espaço geográfico onde se incorporam construções e traços identitários demarcados a partir de sua materialidade.

Ressalta-se que em contrapartida à cultura popular estão as práticas do capital, da mercantilização e espetacularização da cultura de massa com objetivos distantes à cultura feita pelos pobres na cidade. Ainda nesta perspectiva, salva as condições de imposições através da violência urbana, Dias (2017) acrescenta que os pobres residentes dos bairros populares possuem intenso convívio de rua, o que possibilita até mesmo reformular o “meio técnico-científico-informacional” (Santos, 2006, p. 159) em seu cotidiano. É nessa aproximação, que o presente estudo, aplica sua ideia e demonstra um cotidiano mais intenso, indutor de relações culturais no final de linha do bairro do Garcia.

Sobre o conceito dado ao meio técnico-científico-informacional, Santos (2006 p. 159), afirma ser:

O meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica

informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção.

Este trabalho ao identificar as transformações socioespaciais mostra fases de resistências de uma manifestação popular do carnaval de bairro da Mudança do Garcia à indústria cultural do carnaval da cidade. Tudo isto dado por características ancestrais e singulares, como ausência por anos dos (*i*) imensos trios elétricos; (*ii*) cantores consagrados pelo axé como puxadores oficiais do bloco; (*iii*) patrocinadores nacionais; a estando presente (*iv*) no circuito oficial da festa com gritos e adornos das mazelas sociais do país.

Conforme Almeida (2014) a Mudança do Garcia, praticada até os dias de hoje, apresenta uma extensa e impactante história no carnaval de Salvador percorrido desde os primeiros anos do século XX. O registro jornalístico no Diário da Bahia informando sua saída na segunda-feira de 02 de março de 1930, traz em seu conteúdo uma publicização com intencionalidade política de oposição às eleições federais do dia anterior, em 1º de março. Embora nesta época houvesse muitas festas de Mudança, organizadas pelas reuniões de moradores dos bairros populares da cidade de Salvador, a nota revela uma intenção de destaque, especificamente a Mudança do Garcia, já com um traço político marcado. O jornal neste contexto ofereceu somente cinco matérias na edição, sem muitas publicações sobre o carnaval da cidade (Almeida, 2014).

Desta forma, os achados desta pesquisa contribuem para a discussão sobre a relevância do cotidiano na construção social. O estudo aqui apresentado, tomando como referência empírica o bairro, este distante do mundo perfeito, utópico e positivista, considera as especificidades da força do lugar como aquele que constrói elementos diferenciados nas suas relações de reprodução de vida comum.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Abordagem dialética: o lugar da geografia e do geógrafo no estudo cultural

O presente estudo discorre sobre os conceitos pesquisados na geografia cultural. No caso aqui estudado, observam-se conceitos da indústria de massa, cultura popular, venda da cidade, manifestações culturais, identidade, das categorias de análise de lugar, território e territorialidade trabalhados por autores da Geografia e das áreas afins.

A manifestação carnavalesca é o mote da pesquisa. Atrelado a isto, deve-se lembrar, que o conceito de cultura é polissêmico e igualmente rico. Há diferentes conceitos de cultura, trabalhados em diversas áreas do conhecimento, como na antropologia e, até mesmo dentro da Geografia, há diferentes conceitos e demais estudos aplicáveis (Cosgrove, 2003). Dentro deste contexto, ao usar a geografia enquanto uma forma de olhar, uma lente, capaz de revelar e traduzir os objetos e ações das territorialidades criadas e reproduzidas. A geografia cultural é ampla e das variadas formas de ser trabalhada, as quais coexistem, não há uma única forma metodológica, a qual seja possível explicar os fenômenos no mundo (Ducan, 2003).

Moreira (2006) alerta para um o momento contemporâneo do pensamento geográfico que consiste mais numa pluralidade de tendências sem o predomínio de um paradigma predominante. Em certo momento o domínio do marxismo na geografia foi importantíssimo para as questões de ordem social – os estudos da estrutura social. Na fase atual, isso é diferente, em que todas as correntes se reconhecem em termos da sua legitimidade para formular um discurso na geografia. Este reconhecimento da pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas na geografia impõem uma nova exigência ou eleva o pensamento geográfico a outro patamar. Agora, não basta somente afirmar o pertencimento a um paradigma dominante para se obter reconhecimento.

Os paradigmas são fontes de diferentes perspectivas que se entrechocam, ou que se desafiam e, assim disputam a melhor resposta às questões postas na realidade. Para isso elas têm a necessidade de criar uma interlocução entre elas. Essa disputa é extremamente salutar do ponto de vista da necessidade, daí decorrente, de aprimorar os fundamentos do método de cada vertente, da estrutura epistemológica dos discursos, e dos fundamentos ontológicos dentro de cada perspectiva e, assim perceber quais as nuances de variação no mesmo campo (Moreira, 2006).

Nesse contexto, rejeita-se o predomínio de um único e absoluto leito de pensamento, sendo também necessário explicitar quais fontes se estão buscando. Não fugindo à responsabilidade, literalmente de se situar, considerando a riqueza do pensamento geográfico, aquela distante de única prescrição, perante as diversas correntes filosóficas que perpassam a geografia busca-se também neste estudo uma qualificação teórico metodológico das áreas da sociologia e história. Responsavelmente, afirmando a identidade geográfica na discussão da dimensão espacial da realidade, com consciência e consistência para que não se perca nos discursos de outras áreas.

Essa responsabilidade é histórica, em que a geografia por vezes esteve mais preocupada com a dimensão empírica da realidade. Esse empirismo dominante acabou criando uma situação de indigência teórica do pensamento geográfico. O movimento de renovação dos anos de 1970 da geografia possibilitou o cenário diverso atual.

O desenvolvimento da consciência do homem, de acordo com a teoria marxista ocorre através da conciliação da relação do homem *versus* natureza a partir do trabalho produzido (Moreira, 2006), ou seja, ao mesmo tempo em que distancia o homem em relação a natureza, o humaniza porque o trabalho não o faz individualmente, mas socialmente.

A busca do marxismo como fonte inspiradora para se entender um trabalho sobre a cultura exige pensar um pouco nos limites e dificuldades do trabalho da cultura na perspectiva diretamente derivada da obra de Marx. Em alguns momentos para Marx, a cultura pôde ser entendida como uma força conservadora e tradicionalista que impedia o rompimento das relações de dominação e constituição de um processo revolucionário. Ainda que em diversos aspectos do debate cultural, Marx possa ter se posicionado com particular crítica, visto em alguns elementos da pintura e literatura observados ressalvas, obras derivadas do marxista induz a uma leitura de que a cultura tem que ser vista em seus limites reais, sobre os seus limites válidos.

É preciso considerar que já em dimensão epistemológica, a geografia marxista destaca o tema do desenvolvimento da sociedade por meio da construção do seu espaço, vez que construindo a sociedade o homem constrói o seu espaço dialeticamente. (Moreira, 2006). Daí parte a contribuição de Santos (2006) da formação espacial como uma dimensão estrutural das sociedades.

Pode-se argumentar, que assim como a esfera econômica, esfera jurídica, política e cultural, o geógrafo do século XX revela a esfera de ordem socioespacial. No pensamento marxista há ideia da natureza primeira transformada pelo trabalho em natureza segunda em um ciclo repetido a cada novo acréscimo de trabalho. Então, isso introduz, permanentemente a dialética na análise espacial, que à medida que se investiga o processo de organização espacial observa-se a forma como diferentes trabalhos atingem uma organização espacial já existente, seja ela mais natural, ou socialmente mais produzida, gerando uma nova configuração (Santos, 2006). Tal dialética é, assim, um componente do método marxista na análise espacial.

Sposito (2004) quando debate o método, o conhecimento científico e a relação entre Geografia e Filosofia, nas leis, conceitos e teorias na reflexão de espaço e tempo, como nos conceitos de região e território coloca as contribuições produzidas, historicamente, por filósofos e geógrafos nos temas e teorias geográficas. E no tempo da pós-modernidade há uma crise de paradigma, necessitando das formas do pensamento.

A Fenomenologia entendida enquanto estudo da compreensão das coisas, dos fenômenos, aqueles que acontecem e que se podem perceber, que acontece em determinado momento, sua essência é a intencionalidade. Contra os métodos positivistas, o método fenomenológico proposto por Husserl (1973) não estando à serviço dos teóricos dedutivos e indutivos, considera que os objetos podem ser reais, fantásticos ou ideais de algo puramente intuitivo, manifestado imediatamente a consciência. Neste caso, a intuição deve guiar destacar o pesquisador quando destacar os problemas e hipóteses e aos conceitos e elaboração teórica. O objeto é entendido a partir de como o sujeito o percebe e a abstração dessa realidade pode perder parte da realidade, caso não considere o histórico. Nas ciências humanas o método fenomenológico é amplamente aplicado na busca qualitativa, focado no específico para compreensão dos fenômenos.

As concepções presentes na Escola de Frankfurt marcadas pelo materialismo marxista dos seus precursores, Theodor W. Adorno com o livro “Indústria Cultural e Sociedade” e Max Horkheimer, no século XX propõe uma dualidade entre a cultura popular e a sua chamada “cultura de massa” (Adorno, 2002, p. 60). A Escola de Frankfurt trabalha o poder político nas representações midiáticas (Adorno, 2002).

Santos (2006) propõe um novo entendimento desse par opositor, quando a cultura popular se transforma em cultura de massa. Segundo o autor, devido ao poder de comunicação entre os pobres na cidade, a cultura de massas absorvida pode produzir cultura popular à proporção que, as relações socioespaciais são reinventadas na cidade.

As formas de manifestação, propriamente culturais, da arte, música, não aparecem com a aura de cultura popular, sendo muitas vezes, resultantes da multiplicidade de fenômenos horizontalizados, são tomadas como posse das classes sociais privilegiadas que divulgam cultura e não admitem reconhecer sua origem e, assim revelar os pobres das grandes cidades que fazem cultura. Pode-se pensar, então que o fazem é cultura e política. Alinhado com este propósito, Dias (2018) acrescenta que a cultura popular modifica as relações socioespaciais a par de sua resistência e mutação.

No entanto, de acordo com Santos (2006), com o domínio da cultura de massa sob as formas da cultura popular, se estabelece uma relação cíclica, que em resposta, origina uma outra cultura popular das massas. Assim, Santos (2006, p. 217) afirma que:

Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada.

Em contraponto, o movimento cultural continuamente se reinventa entre os pobres nas grandes cidades, encontrando combustível na resistência aos modelos padronizados por capital que além de os excluírem, muitas vezes sobre exploram. Na análise de Dias (2017, p. 46) o lugar é a dimensão das práticas solidárias, sobretudo na grande cidade de Salvador e, diz que:

[...] na grande cidade a comunicação ocorre de forma muito mais acentuada do que em qualquer outro tipo de formação urbana. Nas metrópoles, os encontros comunicacionais entre os pobres é realizado de forma amiúde, sejam nas grandes arenas esportivas, nos espaços de shows musicais, nas estações de trem, metrô ou ônibus, dentro dos transportes públicos, e, no caso específico de Salvador, nas múltiplas festas de rua como o Carnaval, festas de largo, nos bares que se comunicam com a rua através de cadeiras na via pública, no comércio de rua do Centro Histórico, bem como nos mais de 100km de praia da Cidade e Região Metropolitana.

Sobre as relações dos lugares, Foucault (2013) desenvolve o conceito das heterotopias e identifica seus princípios, para a tomada de consciência com posicionamento de que não existem lugares neutros. Segundo o autor, em toda a sociedade há utopias que tem um lugar real e preciso com tempo fixado – esses lugares utópicos agitam momentos ucrônicos. Já as heterotopias são lugares reais com características singulares, ou seja, espaços construídos por grupos de pessoas em simultâneas relações. O que há de fundamental nas existências da heterotopias é que elas contrapõem outros espaços, isto, ou fantasiando denúncias da realidade, ou criando espaço perfeitos, diferentes dos nossos tão desordenados. Há segundo o autor, heterotopias próprias a nossa cultura, exemplificada através dos espaços culturais (os museus e bibliotecas). No caso das festas, estas são explicadas enquanto heterotopias crônicas, não eternas com tempo de duração estabelecida, ligadas ao tempo, no entanto em rupturas.

Sobre isso, na visão de Serpa (2013), o lugar constrói elementos diferenciados resultantes das interações dos sujeitos enquanto resistem ao modelo imposto da cidade ao serviço do capital. Para o autor o lugar, articula processos entre diferentes escalas

geográficas de forma extensa e múltipla consoante a habilidade de integração dos seus grupos ao acesso das ferramentas técnicas nas respectivas áreas de atuação.

De acordo com Castells (2008), a construção de significado dado a partir da identidade ocorre alicerçado na cultura. Para o autor, à medida que todos os atributos culturais inter-relacionados ficam prevalentes, torna-se possível verificar identidades em forma legitimadora, de resistência ou fruto de algum projeto comum.

Assim, Serpa (2007) destaca a complexidade em compreender o espaço a começar das representações sociais fruto das dinâmicas do tempo pretérito e do porvir, composto pelo imaginário. O autor relata que o espaço percebido se relaciona aos objetos e fenômenos imediatos, o qual carece de elaborações simbólicas de cunho complexo e pode ser entendido como contexto dos perceptos, embora haja, neste momento o início da incorporação dos objetos e dos fenômenos às estruturas cognitivas.

Por outro lado, ainda segundo o autor acima, o espaço concebido se conceitua através dos símbolos, os quais carecem de percepções, incorporadas às estruturas cognitivas sem a legitimação das práticas espaciais cotidianas, mas influenciando diretamente nos espaços de representações. Assim, para Serpa (2007), é finalmente nestes espaços que acontecem os processos cognitivos e das representações sociais, das mediações entre o percebido e o concebido. Conjuntamente, é também o espaço vivido dos conflitos e das lutas (Serpa, 2007).

Santos (2006) afirma o protagonismo dos pobres nas “horizontalidades” (2006, p. 174) do lugar, sobretudo, nas grandes cidades, devido à forte comunicação entre eles, apesar da ingerência da globalização. Dias (2017) procura definir a grande cidade através dos critérios propostos na literatura de Santos. Segundo o autor, o fator político é o mais importante para ser analisado na cidade, seguido das avaliações urbanas referentes a demografias, economias e processos históricos.

Neste fenômeno urbano e confluência política, Vainer (2002) analisa a cidade enquanto mercadoria e ora, como objeto de luxo devido ao marketing de um mercado competitivo entre outras cidades, que a vitriniza para a venda em configuração de imagem imperativa e positiva. Segundo o autor, isto explica o chamado *marketing* urbano, o qual se impõe como um campo específico do processo de planejamento e gestão das cidades. Conta, ainda, que isto ao mesmo tempo explica o comportamento de muitos prefeitos que mais parecem vendedores ambulantes do que dirigentes políticos. Já Harvey (1989),

acrescenta que a espetacularização urbana atrai capital e pessoas, em que há ideia, de criar uma imagem própria do lugar para venda e promoção. Em Salvador o marketing ocorre a partir da sua cultura e história.

Haesbaert (2004) define o território a partir da dimensão jurídico-política, cultural e econômica. O Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas com o tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. A contar de uma dimensão cultural, o território resulta da forma simbólica e subjetiva construída em contraste com o produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social com relação do espaço. Ao conceito de lugar, aquele dá condição de espaço vivido, em seu conteúdo, com características e condições próprias intercaladas, com memória espacial e dimensão simbólica.

Como afirma Serpa (2010) é na investigação sobre a tradição que se pode entender as acepções populares de patrimônio e cultura, especialmente em Salvador, onde tradições são inventadas e reinventadas no dia a dia, através da criatividade dos moradores das áreas populares da cidade. O autor considera que a percepção, imaginação, a recordação da vida cotidiana, são descritivos das inter-relações socioespaciais da população. Na compreensão do conceito de lugar, propriamente na Geografia, Serpa (2013, p. 4), afirma que:

[...] é ora associado a uma análise marxista, pensando-se os lugares como as distintas versões dos processos de reprodução do capital ao redor do mundo, ora a uma análise fenomenológica e humanista, entendendo-se o lugar como lócus da reprodução da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de “cultura”. Tais abordagens suscitam questões sobre o papel dos lugares nas cidades contemporâneas, em um contexto de metropolização, fragmentação e homogeneização, que vai conformando lugares hierarquizados por lógicas econômicas e políticas, em geral de caráter extra local. A metrópole parece negar os lugares, sobrepondo valores e conteúdos hegemônicos às experiências enraizadas na vida cotidiana de cada lugar.

Por fim, Mitchell (2008, p. 88) revela não existirem “culturas em unidades completamente distintas e autônomas”, mesmo as identificadas enquanto “cultura resistente” e a “cultura hegemônica”. O autor argumenta que estas práticas existem com o propósito do consumo e partilha do conhecimento, mas que, estes conhecimentos não são culturais, são conhecimentos que se aspiram sobre as bases do elemento da filosofia materialista, ou seja, são elementos da vida política e econômica. Neste caso, os sujeitos e processo os quais não se acomodam diretamente numa etapa produtiva são um

contraponto da atividade produtiva, pelo lazer e emprego do tempo para a atividade lúdicas e menos direcionadas, podem passar assim, para a qualificação do uso econômico mais claro da sua apropriação. Perde-se assim a troca unicamente cultural, reduzindo-a em autenticidade para a forma da troca econômica.

4.2 A formação populacional e impactos socioeconômicos da utilização da mão-de-obra escravizada na cidade da Bahia, Salvador.

A primeira capital do Brasil, Salvador, se inicia com uma conformação estabelecida das funções urbanas definidas pelo Estado português. A cidade peninsular surgiu com núcleos-sítios, com a ocupação da área do centro antigo no *horst*³ da falha geológica, em que a sua geomorfologia⁴ foi estrategicamente aproveitada em sua porção alta para função residencial e caminhou em direção à Baía de Todos os Santos.

O processo de ocupação dos portugueses tinha objetivos em Salvador com funções definidas também para a conquista de terras no interior, da sua baía na construção do seu sistema hegemônico. Todavia, a partir do declínio do ciclo econômico da cana-de-açúcar e assim decadência dos engenhos presentes no Recôncavo da Baía, a região Salvador, enquanto espacialidade dotada de lugares com suas particularidades, como o forte comércio dos negros vendidos através da moeda do fumo, entra em dissolução.

A utilização da mão de obra escravizada está presente historicamente na formação da cidade de Salvador. Historicamente, pouco antes da implantação do 1º Governo Geral Português e chegada de Martim Afonso de Souza há registros da compra de índios presos, do povo tupinambá levado para a metrópole. A partir deste primeiro contato, a ocupação, principalmente dos portugueses, de forma maciça das terras do povo tupinambá, dizimou a presença dos índios nas áreas de interesse e iniciou aí o processo de dominação também dos índios pelo trabalho forçado.

³ Horst ou pilar é a parte elevada ou saliente em relevo contínuo. Esta proeminência pode ser devida à elevação do terreno por falha escalonada ou por causa da formação de uma fossa tectônica ou graben. Já o graben é o mesmo que fossa tectônica, depressão forma alongada, enquadrada por uma série de degraus produzidos por falhas paralelas. A Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia, é uma depressão alongada produzida por desabamento tectônico deste tipo. O antônimo da fossa é o *horst*. (IBGE, Dicionário Geológico Geomorfológico, p. 221, 232, 1993).

⁴ A geomorfologia é a ciência que estuda as formas do relevo, tendo em vista sua origem, estrutura e natureza das rochas, o clima e diferentes forças endógenas e exógenas. Neste caso, a palavra foi utilizada como sinônimo de relevo (IBGE, Dicionário Geológico Geomorfológico, p. 204, 1993).

A transferência da capital da colônia para o Rio de Janeiro no século XVII devido a ascensão dos minérios das Minas Gerais é um marco do ostracismo e decadência da Região Salvador (Andrade; Brandão, 2009). Destaca-se que a Região Salvador foi extremamente dinâmica cuja influência chegava às terras hoje delimitadas como estado do Ceará, isto muito devido ao forte comércio de escravos que perpetuou na economia citadina até o final do século XIX.

Resistências do povo indígena na costa foram levantados por séculos seguintes, o que provocou genocídio de grande parte desta população. Todavia, a mão de obra escravizada de negros foi maior e intensamente comercializada até o final de século XIX, iniciado no ciclo econômico canavieiro, sustentando-se também por anos vindouros com a atividade do tráfico negreiro, mesmo proibido no comércio internacional pelos ingleses. Neste contexto, a cidade de Salvador foi praça comercial de chegada de grandes navios com alta população de negros, principalmente de negros africanos à distribuição do produto negro pelo interior do território *brasilis*.

A Salvador ocupada por europeus, comerciantes e negros (como mercadoria), índios em menor proporção, viveu dinâmica intensa do comércio da mão-de-obra negra com moeda de fumo no auge da indústria da cana-de-açúcar. A cidade como função portuária recebia navios e pequenas navegações, já na costa atlântica durante o período do século XIX como resultado do tráfico, a cidade concentrava capitais (moedas de troca) e postos de exibição da “carne negra” para a venda e, também absorveu esta população acrescidas às famílias europeias abastadas. Ainda assim, a cidade concentrou capitais oriundos destas transações comerciais o que representou investimentos e implantação de estabelecimentos bancários na cidade no final do século XIX, período este em que o ciclo da cana-de-açúcar já havia sido decadente.

O crescimento da população negra em Salvador foi fruto de uma economia escravista. Este processo carregado de heranças, caracteriza uma população de traços étnicos e formaliza a riqueza cultural presente nas relações cotidianas na cidade. Historicamente, o povo negro resistiu aos processos de dominação do capitalismo comercial com a afirmação de sua identidade. Esta urbanidade contribuiu para a tentativa de manutenção dos seus traços culturais.

Já durante o período da República, de 1989 a 1930, Vasconcelos (2006) reconhece em Salvador contradições socioespaciais, replicação do padrão europeu de urbanização e

o movimentação do meio rural em direção a Salvador dos escravos abolidos, incorporando a população de ex-escravos da cidade, adicionado a população dos escravos urbanos abolidos.

De acordo com Andrade; Brandão (2009), após o século XVIII definido como “o século” da história de Salvador, a cidade passou por crises econômicas as quais paralisaram o desenvolvimento, chamado pelo governador Otávio Mangabeira já no século XX, de “Enigma Baiano” (Andrade, 2009, p. 68), juntamente com crescimento populacional vagaroso visto, desde o século XIX até os anos de 1930 (Vasconcelos, 2006).

As reformas da gestão de governo de José Joaquim Seabra, dos primeiros anos do século XX, iniciaram um novo formato do centro de Salvador (Silva, 2013), através do “Urbanismo Demolidor” (Andrade; Beltrão, 2009, p. 145), nas áreas centrais, até o atual bairro da Barra. Os investimentos do Estado na cidade foram voltados à modernização através de investimentos em infraestrutura, as quais alteraram o espaço urbano de Salvador (Andrade; Brandão, 2009). A modernização ocorreu a partir da implantação de rede de saneamento, energia elétrica e na “reforma urbana com desenvolvimento da parte sul da cidade com a abertura da avenida Sete de Setembro da área central e portuária” (Vasconcelos, 2006, p. 8). Neste contexto, Santos (2008) define, à época de 1950, duas cidades de Salvador, uma cidade baixa, de área nova construída sobre aterros com ocupação das atividades comerciais e resquícios da função residencial; e a cidade alta, antiga e da moradia.

Já a concepção modernista do planejamento urbano do Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador (EPUCS), iniciado em 1943, adota um modelo de cidade discriminando áreas por funções de habitação, lazer e trabalho. A partir da orografia de Salvador, composta por vales, cumeadas e encostas, os estudos do EPUCS definiram o traçado das vias de modo radial-concêntrico, o radial-concêntrico, construindo as Avenidas de Vale (Andrade; Brandão, 2009).

O padrão pensado foi realizado para a circulação do fluxo rápido de pessoas, através do automóvel particular para concretizar o modo de vida moderno funcional, em que o indivíduo pudesse se deslocar em áreas diferenciadas. Tudo isto foi pensado para uma cidade com população de até um milhão de habitantes (Andrade; Brandão, 2009).

As Avenidas de vale construídas para serem ruas expressas para os carros, sem o alargamento de calçadas para a passagem dos pedestres, com viadutos, iluminação moderna, contemplaram um modelo único de transporte para uma população definida por determinado número. Porém, não houve uma substituição ao modelo e planejamento voltado ao transporte de massa e aumento populacional na cidade a partir das aberturas destas avenidas após os anos de 1970.

As linhas do transporte público rodoviário, que passam pelas Avenidas de Vale da cidade, apresentam dificuldades quanto à conexão de um vale a outro, uma vez que não integram, de modo satisfatório, os percursos de ida entre um ponto de uma cumeada de um determinado bairro à chegada a cumeada de um bairro vizinho. Ainda após o plano do EPUCS, não foram pensados modos satisfatórios ao deslocamento de massa em Salvador e os bairros de ocupação consolidada do centro da cidade ainda reclamam a ineficiência.

A cidade não cresceu como nos anos de riquezas dos séculos anteriores. Porém, a partir dos anos de 1940 a cidade retomou o seu crescimento populacional, devido a ascensão econômica, recebimentos dos capitais e realizações bancárias das lavouras cacauieiras, descoberta do petróleo no bairro do Lotado, chegada da Petrobras nas cidades próximas a capital nos anos de 1950, depois a implantação, nos anos de 1960, do Complexo Industrial de Aratu (CIA), seguido na década de 1970 da implantação do Polo Petroquímico de Camaçari.

Essa sucessão de eventos concentrou capitais e técnicas na cidade, adensando serviços e perspectivas de trabalho para a população vinda das cidades pequenas do interior da Bahia, à capital em busca de progresso na qualidade de vida. Contudo, esta ocupação populacional de pobres na cidade ocorreu de forma não planejada, situando-se próxima e nas encostas das avenidas dos bairros centrais na cidade. Essa característica pode ser explicada devido ao mínimo de infraestrutura como água e luz, levada pela construção das Avenidas de Vale na cidade, o que de modo precário beneficiou essa população.

Os migrantes pobres que não ocuparam as áreas próximas ao centro antigo de Salvador, ocuparam o subúrbio ferroviário - área densamente ocupada a partir dos anos de 1940. Neste cenário, o planejamento na cidade não contemplou tal ocupação. Dos anos de 1950 a 1980 a cidade foi alvo de intensas migrações em que formou um novo ciclo,

seguindo um processo de industrialização da cidade e do Estado. A Região Metropolitana de Salvador (RMS) necessitava de um cotidiano comum devido ao movimento de trabalhadores. As ocupações irregulares que acompanhavam o declive do terreno das encostas sem qualquer planejamento habitacional adequado, aumentaram exponencialmente a área ocupada muito devido à crise dos anos 80.

O bairro de Cajazeiras I e II, surgiu nos anos de 1970 a partir do projeto de habitação somente nas áreas de cumeada, deixando as encostas a ocupação de parte da população não contemplada pelo projeto e com emergência à moradia.

O atendimento do Estado detentor de terras aos interesses de corporações imobiliárias, salvo poucos programas voltados à demanda popular de habitação durante a década da redemocratização e crise econômica, acentuaram as condições de ocupação. Deixando claro, que o mercado imobiliário se transformando em mercadoria especulativa, atendendo a função financeira liquidando sua função social de moradia segmentou a área urbana soteropolitana.

Salvador, cidade histórica e de ocupação antiga, apresenta especificidades próprias, com “urbanização de status” nas áreas ao longo da orla atlântica e de uma “urbanização popular”, nos bairros ao longo da Baía de Todos os Santos (Serpa 2007, p. 37). No entanto, segundo Dias (2017) é uma cidade com processos os quais cerceiam o acesso ao solo urbano pela maioria da população. Pode-se citar o recolhimento do laudêmio sobre áreas em áreas centrais de elevado preço do m² da terra (os bairros da Graça, Amaralina, Barris, Rio Vermelho), herdado em descendência familiar com origem no período do Brasil Colônia; o Foro, pago à Igreja Católica pelo terreno construído, adicionado ao parcelamento em terrenos da União (Dias, 2017).

Dado a esse intenso fluxo migratório do século XX, não houve um planejamento no âmbito municipal para mitigar o problema habitacional, como também uma gestão que acompanhasse a ligeira ocupação. Salvador cresceu, assim de forma desigual. Conforme Santos (2008) diz, a paisagem da cidade marca os recortes dos séculos da sua história dada a continuidade das técnicas utilizadas.

Assim, de acordo com Gordilho-Souza (2009) uma das consequências destes processos desiguais de cidade é acesso a moradia em Salvador. A habitação da população migrante e pobre da cidade ocorreu de maneira precária, sob a informalidade e sem

qualquer acompanhamento, à época, do poder público local, o que resultou em ocupações inseguras e arrendamentos irregulares do solo (Gordilho-Souza, 2009).

As condições de vida precárias de habitação, saneamento, educação e trabalho ainda nos anos de 1980 colocou em holofote uma cidade desigual com forte segregação espacial. Frente ao entendimento sobre o espaço urbano capitalista, Corrêa (2000) acrescido por Carlos (2015; 2016), explicam que a segregação das áreas urbanas e a resultante fragmentação espacial é projetada e articulada por agentes que produzem e consomem o espaço.

Por fim, pode-se analisar a cidade enquanto objeto espacial a partir da dimensão marxista desempenhada por Lefebvre (1972). O seu conteúdo – urbano – decorre de sua forma social, em que os movimentos sociais de resistência são estruturas resultantes das contradições socioespaciais reproduzidas pela expansão capitalista nas cidades latino-americanas. A cidade é, assim, “palco” e “objeto de luta” do capital versus o trabalho (Maricato, 1985, p.7). Frente às lógicas de mercado e do Estado, a população pobre ocupa, usa e habita sob a “lógica da necessidade” (Abramo, 2007; 2009, p. 50).

A grande cidade, até pode ser vista, enquanto centro de oportunidades para os pobres, a qual oferece mínimos caminhos para o sustento e sobrevivência do indivíduo ao atuar em vários ofícios. A grande cidade é, desta maneira, a que concentra possibilidades, densifica técnicas (Santos, 2006). A Salvador concentrou isto tão logo, na dominação portuguesa, enquanto a cabeça da metrópole em sua época colonial.

Por sua vez, Santos (1996) mostra importância da análise do espaço geográfico, enquanto instância social. O território usado se torna sinônimo de espaço geográfico - em um sentido banal - devido a atuação das empresas ultrapassarem o espaço reticular. Assim, a utilização do território é complexa, dotado de verticalidades por ser condição ativa da vida social, econômica e histórica. Neste sentido, o espaço é instância de análise e o local dimensão escalar. Pode-se dizer ainda, que se tem usos de territórios indissociáveis na cidade. Vê-se o espaço urbano das grandes cidades latinas, desigual, onde as localizações das pessoas são frutos de uma intencionalidade entre o mercado e o governo, que mutilam a cidadania de seus habitantes com localizações forçadas (Santos, 1997).

4.3 O carnaval na cidade: um breve histórico da sua territorialização

Coerente com o desenvolvimento da sociedade e da festividade, torna-se necessário suporte atualizado em abordagens e conceitos ao se falar de carnaval como um todo. Abordagens as quais sejam capazes refletir as mudanças de uma festa cívica, no seu dado limite, uma vez que a festividade é referendada por parte do Estado e apresenta códigos definidos, ordenamentos, tempos de desfiles e alegorias, regras do jogo, mesmo que nem sempre detalhadas a sociedade.

A festa carnavalesca e sua representação apresenta diferenças em suas formas, no tempo passado e no tempo presente. É inegável, no presente, o interesse em mobilizar a cultura negra de forma afirmativa e sensível nos carnavais atuais, seja com as letras e ritmo do samba e visibilidade estética midiática.

O carnaval é uma centralidade, ao pensar em sentido estrito ao de agregar. A festa na cidade da Bahia tem sua origem contada com o surgimento do Entrudo no século XIX nos salões e as ruas da cidade eram o espaço de manifestações da população negra em turno posterior das festas da elite branca (Miguez, 2020). Neste contexto, é natural a literatura ampla sobre as formas, reflexões e perspectivas dos conceitos aplicados da Geografia Cultural, apoiados nos conhecimentos sobre a identidade.

Dessa forma, a fim de entender o processo de ocupação do bairro torna-se necessário debruçar-se sobre os antecedentes históricos da cidade. Como aborda Dias (2017) que em sua tese “Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador”, para se entender as origens dos bairros populares deve-se resgatar história da cidade, desde os primórdios da sua colonização. Neste sentido, o autor lembra que instrumentos políticos e econômicos aniquilaram o acesso ao solo urbano pela população pobre de Salvador.

A cidade foi palco de diversas formas do fazer carnaval. Durante os anos de 1960 e 1970, até 1985, além das festas fechadas de clubes ocorridas no final de semana, havia as competições das escolas de samba de bairros (Soares, 2015; 2025). De acordo com Miguez (2020), as escolas de samba na cidade surgem devido a influência midiática das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, mas envoltos das batucadas e cordões que já animavam os bairros populares. Estas escolas foram ancoradas em forte identidade territorial, as quais estampavam no próprio nome como as famosas Diplomatas de

Amaralina, Filhos da Liberdade, Juventude do Garcia e Filhos do Tororó (Miguez, 2020; Moura, 2011).

Ocorre, ao longo dos anos, no carnaval da cidade de Salvador, as participações de foliões com estéticas em fantasias carregando cartazes com frases em protestos, que revelam os conflitos socioespaciais. De todo modo, as atividades carnavalescas sempre foram intensas nos bairros da cidade, aliada a Mudança do Garcia, conforme Almeida (2014), moradores dos bairros populares se reuniram para desfilar, atravessando as ruas do bairro e até além dos seus limites, com suas mudanças e charangas, como a Mudança do Massaranduba, Mudança do Uruguai, Mudança da Sé. Todas estas atividades estavam além dos bailes de um classe branca em processo claro de segmentação territorial (Miguez, 2020). A tipografia carnavalesca conhecida como bloco afro surgiu na cidade de Salvador em meados da década de 1970 (Rezende *et. al*, 2023).

A Figura 1 abaixo mostra a prática dos foliões em integrar frases de protesto sobre o cenário político da época, aos blocos, isto ainda em seu período embrionário, em que a concentração populacional seria menor do que a observada anos mais tarde com o processo de massificação do modelo e venda da cidade musicada.

FIGURA 1 – Desfiles dos blocos nas ruas de Salvador com placas de dizeres políticos, no carnaval de 1978 e 1986, respectivamente.



Frases identificadas nos cartazes: (A) “Vamos pechinchar por eleições!” em 1978; (B) “Comprar é um verbo que professor não pode conjugar”, em 1978; (C) “FMI: Fome, miséria e insegurança”, “FMI é o fim”, em 1983.

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT, 2019)

Outro momento de destaque da história do carnaval soteropolitano, se dá devido a popularização midiática do movimento do *Axé music* no início dos anos de 1990, definido por Dias (2018), como o momento da profissionalização da festa. A cantora e puxadora de trio elétrico, Daniela Mercury reportou ao Jornal do Rio, que se fazia música percussiva baiana, não havia referência ao nome *Axé*. Nesta fase, os meios de comunicação não entendiam a música e o jornal O Globo estampou na reportagem: “Rainha do Axé”. Havia no carnaval de Salvador desde os anos de 1980 um caldeirão musical e artístico.

Neste contexto, a mortalha virou abadá, houve uma ruptura no carnaval de Salvador com a ideia de encurtar a vestimenta no bloco Eva. Sob o comando do puxador de trio, Durval Lelis por volta de 1994-1995 com homenagem à capoeira, já havia o *kimono* enquanto vestimenta do bloco. Daí espalhou-se em todo o país. Convém destacar, que em sentido estrito a palavra oriunda do *yorubá* significa camisa, trazida pelo malês, em camisa de oração. A este tempo, os Jacús (cordões) demarcavam os espaços dos blocos e já se diziam cordas.

A corda modificou a interação do folião ao modelo de negócio centrado no bloco e foi em direção ao camarote conectando pictóricas imagens do artista puxador de trio. Pode-se, até se dizer que, a ascensão de grandes puxadores (cantores considerados grandes animadores), não significou a ascensão de grandes cantores, mas de amplificados animadores de trios elétricos.

Todavia, é importante relatar que antes da emergência do mercado das cordas dos blocos e camarotes, os muros dos clubes tradicionais de Salvador, à saber: Lords, Fantoches, Cruz Vermelha, Associação Atlética, Yacht da Bahia, tinham mais aspectos do carnaval de rua do que os camarotes atuais. Até porque os bailes dos clubes ocorriam durante a noite e eram bailes com marchinhas e fantasias das famílias de classe média e rica da cidade, espaços de luxo.

Há de se ressaltar, ainda, o início do camarote voltado para dentro, com infraestruturas completas de som, serviços de culinária, segurança física, atrações internas e custo elevado, a partir da explosão mundial do *axé music*. Porém, o processo de se ter uma engrenagem empresarial nas ruas da cidade origina-se no final dos anos de 1980 e encontra seu *frenesi* nos anos de 1990 (Dias, 2018).

Esta tecnologia baiana não foi replicada de igual maneira nos diferentes lugares, mesmo que reproduzido em escala nacional. Ainda assim, não se esgotam as discussões a respeito da ocupação dos camarotes em espaços públicos. Já sobre a permanência dos grandes trios há um movimento contrário com a proximidade do artista com o público, através de ações e falas durante o desfile. Quanto a este estrondoso palco, que se tornou o trio elétrico, sua permanência parece estar em conformidade aos grandes empresários da música baiana e aos patrocinadores.

De acordo com Dias (2018), declínio do movimento do *axé music* pode ser entendido após a conjunção dos seguintes acontecimentos: fracasso de replicação do modelo de carnaval em outras cidades, massificação da musicalidade, cachês vultosos e ascensão de estrelas baianas do carnaval. O autor ainda, reitera que, o modelo ainda reproduzido em Salvador e, pode-se também acrescentar neste caso, nas cidades médias baianas que reproduziam as chamadas micaretas de rua, se realiza em razão da inserção dos financiamentos públicos.

Além disso, pode-se lembrar de um atributo particular da festa, que foi a decoração do carnaval da cidade. Pode-se dizer que, a perda do clima lúdico do carnaval, visto principalmente através da decoração das ruas, já não é mais vista como em outros tempos da história, mas não em totalidade, estando presente através das fantasias, nos corpos dos foliões. Concorda-se que o carnaval é uma fantasia que interrompe a rotina das pessoas. Deve-se aos afoxés e blocos afros e aos de samba a manutenção da beleza plásticas das fantasias. Perdeu-se a dimensão visual das decorações originais do carnaval, com múltiplas possibilidades, por temas nas ruas, mas ainda mantido em parte, nas ladeiras do Pelourinho.

O carnaval de Salvador não é uma festa desterritorializada, ela tem conexão imediata com os espaços da cidade. No caso do circuito mais famoso e recente do carnaval da cidade, o circuito Dodô, dos anos de 1990, o qual compreende as avenidas atlânticas entre o bairro da Barra até Ondina pode ser analisado enquanto, a conquista mais rica de mercado de momo, uma vez que ali fincou-se algumas bases e reduziu os foliões do circuito tradicional Osmar, ao rejeitar através dos famosos puxadores e blocos a manutenção dos seus desfiles. Na tentativa inicial, antes do *marketing* do bloco Crocodilo, puxado por Daniela Mercury, os blocos Cerveja & Cia, até mesmo o Habeas Copos já realizada em dias anteriores a data oficial de abertura do carnaval, pequenos

encontros informais de grupos que se encontravam e tocavam instrumentos musicais, de sopro e assim, ganhou a dimensão de circuito.

FIGURA 2 - Mulher preta vestida com o traje de baiana servindo bebidas para os foliões do bloco Mordomia composto somente por empresários no carnaval de 1992.



Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
(SECULT, 2019)

O carnaval, apesar de agregar as manifestações culturais do lugar alternou conflitos os quais resultaram em discriminação, sobretudo da população negra e pobre

(Dias, 2018). O trio nos anos de 1990 modificou as interações dos foliões na rua e a interação entre os blocos amparados pelo movimento do axé music em ascensão nacional.

Para além de uma negociação mercadológica de cidade e do sistema capitalista é inegável a importância cultural e religiosa do território na influência da fixação da população. De acordo com a contribuição dos estudos supracitados, a intencionalidade verificada sobre a imagem culturalista produzida para uma espetacularização da cultura popular à serviço da cultura de massa, apresenta aspectos racistas, estruturados na sociedade capitalista-midiática. Nada destoa tanto da realidade quanto o comportamento nababesco explorado durante as festividades carnavalescas.

A imagem da cidade de Salvador é marcada por completo imaginário sobre a cultura, que se “confunde” com a cultura baiana em sua totalidade. Esta cultura conquistou um modelo industrial e obteve do Estado, enquanto agente de território, um agente facilitador de apropriação e comercialização de sua identidade cultural. A referência de carnaval neste formato é o da cidade de Salvador, do seu processo geo-histórico e cultural.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa

O procedimento metodológico foi realizado a partir do estudo de algumas das obras científicas de autores, como Haesbaert (2004), Serpa (2010; 2013) Dias (2002; 2017; 2018), Santos (2002), enquanto suporte teórico acerca das acepções e discussões em torno dos conceitos de lugar, cultura popular, cultura de massa, território e territorialidade. Dessa forma, a pesquisa considera abordagem qualitativa para caracterizar e espacializar o fenômeno investigado.

Assim, para relacionar e discutir estes principais conceitos ao recorte socioespacial investigado foi necessário a inserção do pesquisador-geógrafo no campo. Conjuntamente, o trabalho objetivou alterar o olhar exclusivo da moradora por um olhar de pesquisadora, obtendo resultados em anotações de diários de campo dos registros das vivências e das escutas atentas dos moradores vizinhos, os quais essenciais para levantamentos de questões sobre o bairro e tema.

Ao considerar esta importância, a pesquisa foi dividida em duas fases, com duração em dois diferentes períodos. O primeiro período foi compreendido pelo trabalho de campo entre os meses de novembro e dezembro de 2018; fevereiro de 2019. Já o segundo período foi estabelecido entre os meses de abril-maio/2025, perfazendo uma imersão temporal total de cinco meses. Apesar da temporalidade distinta, esta aplicação fornece um panorama singular ao considerar o processo pandêmico.

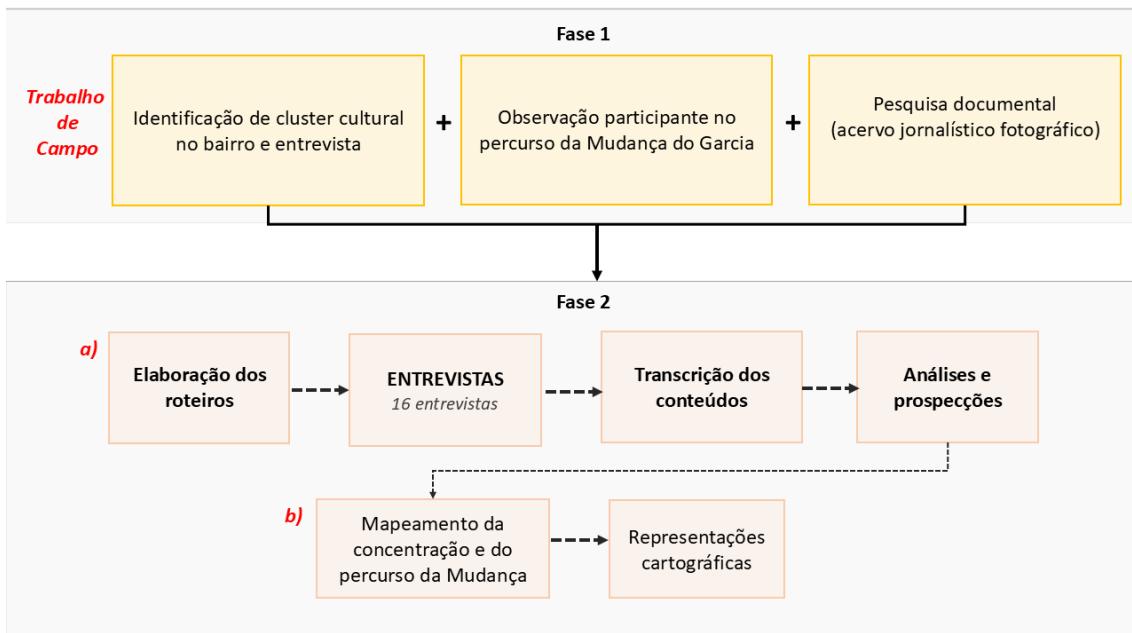
No intuito de acessar como os elementos que formam as práticas da cultura popular interagem na manifestação carnavalesca da Mudança do Garcia foram imprescindíveis na **Fase 1**, a realização de trabalhos de campo (observação) de um cluster cultural no bairro e do percurso da festa. Neste propósito, foi identificada uma moradora atuante no comércio, na educação, nas associações da Fazenda Garcia de incentivo à cultura popular. Nesta fase, iniciaram-se as entrevistas semiestruturadas presencialmente com antiga moradora, que apresenta historicamente uma participação política e cultural na Fazenda Garcia. Em consonância, executou-se o trabalho de campo do percurso da Mudança do Garcia, em fevereiro de 2019.

Na **Fase 2** houve a sequência das entrevistas estruturadas realizadas com os atores participantes da construção da Mudança do Garcia. Dentre estes estão os organizadores locais da manifestação, em gestão ininterrupta desde o ano de 2013; demais atores participantes destacada na história da principal festa do bairro: moradores antigos e ativos na consolidação das associações de bairro, blocos e agremiações carnavalescas do bairro; foliões com destaque em suas atividades de bairro e do desfile; acrescidos dos profissionais da música baiana, cantores e puxadores de trio; comerciantes; presidentes de sindicatos; e gestores públicos municipais.

Ainda assim para as pesquisas relacionadas ao processo de ocupação, buscou-se a revisão bibliográfica sobre a origem do bairro do Garcia, referentes às primeiras ocupações e sua evolução, utilizando como fontes autores como Gordilho-Souza (2009), Brandão (2021), seguida por pesquisa documental investigativa no acervo fotográfico da Fundação Gregório de Matos (FGM) com quatro visitas técnicas exploratórias dos arquivos físicos referentes às reportagens e imagens carnavalescas que estivessem relacionadas com a área do estudo, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2019.

Na sequência é mostrado a metodologia a ser desenvolvida na pesquisa conforme o fluxograma da Figura 3.

FIGURA 3 - Fluxograma da metodologia da pesquisa



Fonte: elaboração própria (2025).

Foram realizadas, no total, 16 entrevistas, das quais treze foram realizadas de forma online através de vídeo e três de forma presencial. As entrevistas on-line contemplaram dois organizadores, três músicos, um produtor musical, dois dirigentes de blocos, dois foliões permanentes, um comerciante, dois vereadores (gestores públicos) e dois presidentes de sindicatos. Já as entrevistas presenciais, as realizadas com dois representantes dos sindicatos ocorreram na sede da Central Única dos Trabalhadores (CUT) - Bahia e uma da comerciante na sede do estabelecimento no bairro do Garcia. As entrevistas realizadas duraram em média uma hora e vinte e sete minutos, totalizando aproximadamente treze horas de entrevistas. Estas entrevistas foram realizadas utilizando a ferramenta gratuita do *Google Meet*.

Todas as entrevistas foram gravadas com anuência dos participantes (Apêndice A), os quais possuem imagem em vídeo ou áudio. Para cada um dos grupos de entrevistados, foi elaborado um roteiro de perguntas específicas, contemplando a perspectiva dos organizadores (Apêndice B), dirigentes de blocos (Apêndice C), membros de grupo de samba (Apêndice D), presidentes de sindicatos (Apêndice E), comerciantes e organizadores de evento (Apêndice F), e gestores públicos – vereadores de Salvador (Apêndice G). Os comerciantes do restaurante reduto cultural do bairro e os foliões permanentes foram entrevistados acrescentando o mesmo roteiro destinado aos

organizadores, uma vez que são ativos nos movimentos do bairro. Já os músicos que não fazem parte do estilo musical do samba e o produtor musical foram entrevistados com o roteiro de dirigentes de outros blocos. Como parte da análise do perfil, as questões sociodemográficas (Apêndice I) foram aplicadas a todos os grupos entrevistados.

As entrevistas foram conduzidas através da escuta ativa, entendendo em primeiro momento, como se iniciou a participação do indivíduo com a manifestação. Cada entrevistado incorporou o seu histórico na festa e pontuou cenas singulares experienciadas através dos anos de participação. Devido a isto, os diferenciados tempos de conversa foram respeitados sem qualquer incômodo e interrupções das suas falas e duração.

No intuito de fornecer um panorama geral referente a territorialidade construída em que as interações destes atores acontecem, situando e caracterizando o perfil dos entrevistados, foram identificados oito grupos de atores principais que compõem a festa. O Quadro 1 abaixo apresenta a relação dos participantes entrevistados na pesquisa.

Embora tenha sido excluído o grupo dos foliões ocasionais, dada a limitação de tempo possível para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso e metodologia de aplicação de entrevista detalhada com cada componente, o contexto não foge ao objetivo desta pesquisa. A compreensão dos foliões ocasionais, entendidos como mais um importante ator componente da Mudança não é totalmente ignorada, devendo ser sugerida em demais trabalhos de campo, uma vez que contribui para o entendimento da categoria, processos e, principalmente, das práticas.

QUADRO 1 – Relação dos atores que participaram das entrevistas

Categoria	Entrevistado	Participação na Mudança do Garcia	Gênero	Idade/Faixa etária	Profissão	Reside ou residiu no Garcia	Tempo da entrevista ¹	Data
Dirigentes de Associações de bairro	Organizador 1	Presidente da AMAG	Masculino	56	Policial, Funcionário Público	Reside	01h20min	26/04/2025
	Organizador 2	Presidente da ARCCB	Masculino	71	Auditor fiscal aposentado	Reside	01h26min	07/05/2025
Músicos	Músico 1	Cantor e puxador de trio de samba	Masculino	47	Músico profissionalizado	Reside	01h00min	07/05/2025
	Músico 2	Cantor e puxador de micro trio de MPB e marchinhas	Masculino	60	Músico profissionalizado	Nunca residiu, reside próximo	01h00min	23/05/2025
	Músico 3	Músico de chão contratado para a Charanga	Masculino	66	Músico profissionalizado	Nunca residiu, reside próximo	27min	16/05/2025
Produtores musicais	Produtor 1	Produtor musical da banda que desfila em minitrio elétrico	Masculino	57	Produtor musical	Nunca residiu, reside próximo	49min	14/05/2025

Dirigentes de bloco	Bloco 2	Dirigente e empresário do Bloco dos Cornos (extinto)	Masculino	73	Professor e Diretor escolar aposentando	Residiu por durante infância e juventude,	01h15min	16/05/2025
	Bloco 1	Dirigente e empresário do Bloco Pagodão <i>Amor e Samba</i> (ativo)	Masculino	64	Encanador e empreendedor	Nunca residiu, reside próximo	55 min	13/05/2025
Foliões permanentes	Folião 1	Folião, abre a residência da família para os reencontros da MG	Masculino	68	Professor universitário aposentado	Residiu durante infância e juventude, apresenta cotidiano semanal no Garcia, consciente das organizações comunitárias	01h10min	07/05/2025
	Folião 2	Personalidade em carro singular nas festas populares de Salvador	Masculino	67	Mecânico aposentado	Nunca residiu no bairro e próximo	01h00min	13/05/2025
Comerciantes	Comerciante 1	Comerciante, atuante no movimentos coletivos do bairro	Feminino	82	Professora aposentada	Reside em maior parte dos anos de vida, nascido e criado	01h03min	11/2018; 09/06/2025
	Comerciante 2	Fundador da Escola de Samba Juventude do Garcia, Comerciante	Masculino	84	Economista e Militar reformado	Reside em maior parte dos anos de vida, nascido e criado	01h07min	14/05/2025

		atuante no movimentos coletivos do bairro						
Gestores públicos	Gestor 1	Integrante do Conselho da Salvaguarda da Mudança do Garcia	Feminino	68	Enfermeira, Professora e vereadora de Salvador	Residiu em bairros próximos		22/05/2025
	Gestor 2	Integrante do Conselho da Salvaguarda da Mudança do Garcia, abre a residência da família com feijoada durante da M.G.	Masculino	62	Professor, auditor fiscal, vereador de Salvador	Residiu no entorno dos limites do bairro*, possui comitê no bairro	45min	28/05/2025
Representantes dos Sindicatos	Presidente 1	Presidente de Sindicato Bahia	Masculino	61 anos ou mais	Auditor fiscal aposentado	Nunca residiu no bairro e próximo	30min	18/06/2024
	Presidente 2	Presidente do SINERGIA Bahia	Feminino	51 a 60 anos	Eng. Química aposentada	Nunca residiu no bairro e próximo	28min	18/06/2024
Total do tempo das entrevistas							13h05min	

(1) Tempo médio de entrevista.

Fonte: elaboração própria a partir da aplicação das entrevistas (2025).

As entrevistas abertas foram conduzidas a partir do roteiro estruturado de perguntas. Embora as entrevistas tenham seguido as perguntas propostas, de acordo com cada perfil, todos os entrevistados trouxeram opiniões e abordaram demais assuntos, muitos deles correspondentes às perguntas voltadas aos outros atores. Assim, foram abordados pelos entrevistados alguns pontos específicos que denotam insatisfação e críticas com a festa atual. A reconstrução espacial e histórica deste trabalho ocorre em conciliação com os relatos dos atores ativos na Mudança, em tempo presente.

5.2. Caracterização territorial do bairro do Garcia

A população total do bairro do Garcia, de acordo com o Censo de 2022 (IBGE) é de 11.490 habitantes, com predomínio da população feminina entre os 40-49 anos, (9,3%) e, de homens da faixa etária entre 30-39 anos. Deste total, 299 pessoas vivem em domicílios classificados em comunidade urbana na área localizada no fundo do Colégio Público Edgar. A população do bairro é de maioria negra, com cerca de 78% de pardos e pretos.

A pesquisa possui como estudo de caso uma territorialidade produzida historicamente numa área específica do bairro do Garcia, conhecida como Fazenda Garcia. Assinala-se que, a nomenclatura e delimitação oficial do bairro Garcia, de acordo com a Lei Municipal de Bairros nº 9.278/2017 e Decreto nº 3.2791/2020, o qual reconhece todo o perímetro, enquanto única unidade territorial de bairro. Embora seja um único bairro, o bairro do Garcia, torna-se necessário considerar, que tal delimitação está baseada nas relações identitárias da população residente, quanto ao histórico e distinto padrão de ocupação da área. Neste sentido, torna-se notória a identificação do bairro com estas duas grandes parcelas:

i) Garcia - uma porção de área delimitada, com única avenida de cumeada, a Avenida Leovigildo Filgueira, o Garcia, propriamente dito, pode ser delimitado devido a consolidação urbana de residenciais de alto e médio padrão formado por prédios, tradicionais e extensos colégios particulares voltados à classe média e alta da cidade, como também constituído ainda por casarões antigos e, possuir no seu perímetro equipamentos públicos de alto valor agregado, como o Teatro Castro Alves, a vizinhança aos bairros com maiores preços dos imóveis e valor solo urbano.

ii) outra porção, a Fazenda Garcia, com única avenida de cumeada, a Rua Prediliano Pita, que delimita a área popular da área nobre excedendo os limites do final de linha de ônibus do bairro, apresenta ocupação de baixo-médio padrão de maioria casas e sobrados autoconstruídas, ocupações fundiárias irregulares e arrendamentos informais fazem o menor valor do solo urbanos, porém ainda assim, valorizado devido à proximidade com o centro da cidade e o acesso aos bairros vizinhos de alto e médio padrão econômico. Apresenta as ruas em escadarias, a presença de dois colégios públicos estaduais, pequenos comércios em vendinhas, alguns bares e barracas de rua de venda de alimentos e bebidas. Seus acessos ocorrem por Avenidas de Vale que conectam as centralidades populares.

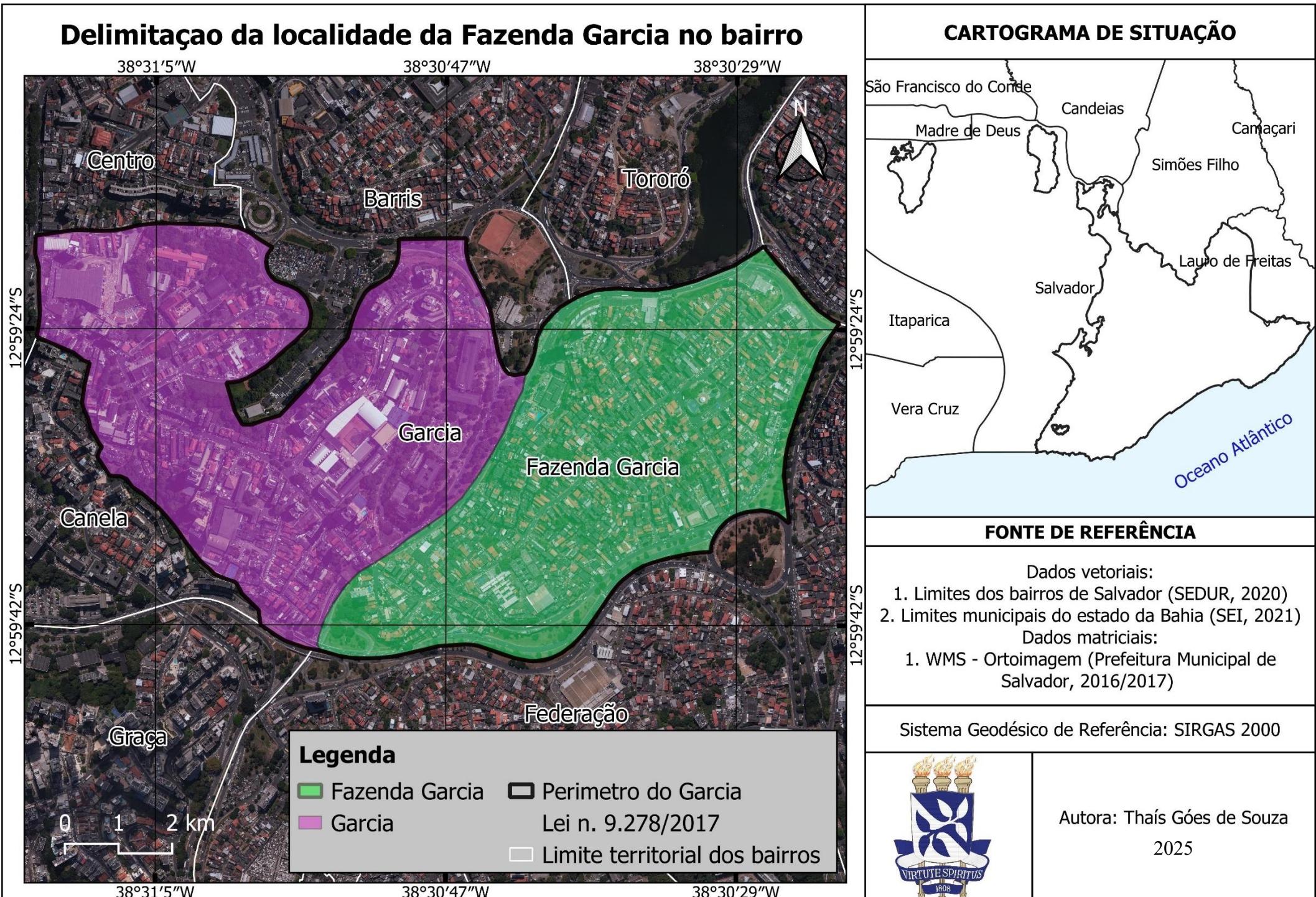
Compõem-se assim o entendimento, quanto ao mapeamento destas duas territorialidades no bairro. A descontinuidade do Garcia e contiguidade sócio territorial da Fazenda Garcia foi representada por anos, com um marco físico do arco, conhecido por todos os moradores e frequentadores dos bairros. O arco, via urbana construída para ligação da Avenida Leovigildo Filgueiras do Garcia à Rua Prediliano Pita da Fazenda Garcia e, delimita de forma concreta o perímetro social em um bairro localizado próximo ao centro tradicional de Salvador.

Outrora esta fragmentação territorial do Garcia esteve mais acentuada. Os efeitos da ocupação informal da área da Fazenda Garcia enfatizaram a fragmentação do bairro. Mais do que isso, alguns entrevistados mostraram semelhantes frases ao dizer desta dissociação espacial presente no bairro: “O pessoal que morava do Colégio Vieira para cima, dizia que morava no Campo Grande”.

“Para você ver, como essa sociedade sempre foi estratificada, a Avenida Leovigildo Filgueiras que era a rua principal do bairro, que começa lá no Campo Grande e termina ali pelo arco, ali sempre teve pavimentação até a porta da casa do prefeito, o então Coronel Duarte. Dali para cá (final de linha do Garcia) não tinha. Era barro. Não tinha transporte. Naquela época só tinha bonde e tinha que saltar lá no 1º Arco porque o bonde ia até o Rio Vermelho e do Rio Vermelho à Praça da Sé. Ou então descer e pegar o bonde”.

(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

FIGURA 4 – Mapa de localização do bairro



É preciso olhar, então, para o histórico da ocupação popular da territorialidade da Fazenda Garcia. Quanto à esta historiografia, Vasconcelos (2006), indica a área integrante da Fazenda Garcia pertencente à freguesia da Vitória. A freguesia, neste caso, refere-se a uma povoação sob o aspecto eclesiástico (Dórea, 2006). Esta vasta freguesia da Vitória, situava-se ao Sul da de São Pedro e contava com 1.592 almas, residindo em 355 fogos, relatado no censo de 1775. O autor aponta que a transformação mais importante na freguesia da Vitória foi a construção da estrada para o Rio Vermelho, no ano 1811, a qual interligava o Campo Grande, Canela, Campo Santo, a Fazenda Garcia e ao Rio Vermelho. Esta corresponde, em grande parte, à atual Avenida Cardeal da Silva, localizada no bairro da Federação.

É importante também assinalar, a importância dos resultados do denominado de topografia social verificado por Vasconcelos (2006) nos estudos de Pierson na cidade de Salvador nos anos de 1930. A pesquisa indicou o predomínio dos “habitantes por negros e mestiços escuros, nos bairros centrais do Engenho Velho, Federação e Garcia”, mas não somente, indicando também os bairros mais distantes do centro da cidade. Em sequência revelou a concentração por mestiços escuros nos bairros localizados no pilar da falha geológica de Salvador, o “Santo Antônio, Barbalho, Barris, Tororó e Itapagipe” e “por brancos na Vitória, Canela, Graça e Barra” (Vasconcelos, 2006, p. 26).

Sob a perspectiva da ocupação populacional da Fazenda Garcia, em aspecto semelhante, concorda-se com a linha de pesquisa de Andrade e Beltrão (2009), ao compreender que os aspectos físicos foram decisivos na expansão do tecido urbano de Salvador. Inicialmente foram sendo ocupadas as linhas de cumeadas, em sua parte mais altas do relevo e desenvolvendo a produção de subsistência e abastecimento de águas nos vales, as quais foram finalizadas com a imposição do rápido tráfego rodoviário das Avenidas de Vale nessas áreas baixas do relevo da cidade, especificamente nas áreas centrais.

As Figuras 5 e 6 mostradas abaixo são fotografias do levantamento aerofotogramétrico da cidade que integram o acervo do EPUCS, da Coleção Fotos Aéreas, realizadas em dezembro de 1946, pela empresa S.A. Cruzeiro do Sul LTDA. A Figura 5 abaixo traz uma fotografia aérea das áreas dos bairros do Garcia e do Barris, a qual é possível verificar ao sul da representação, as marcações das culturas executadas no vale do relevo local. A área cultivada atualmente é ocupada pela Av. Vale dos Barris. O traçado da Avenida Leovigildo Filgueiras no Garcia, está presente logo abaixo e à

esquerda, trecho do bairro dos Barris, seguindo à direita para a parte da área do bairro do Politeama.

Os contornos do bairro antes das modificações urbanísticas podem ser de difícil representação, também devido ao com o aterramento de parte da área alagada do Dique do Tororó. O trecho abaixo consiste num desempenho entre as dimensões de memória e destaca a vivência dos territórios construídos na época das aberturas das Avenidas.

Os contornos geográficos do Garcia não são tão simples quanto as pessoas falam! [...] Havia roças, terreiros de candomblé, o Dique do Tororó ia até o túnel, foi aterrado, tinham descidas, tinha o bonde que passava pelo arco e ia até o final de linha no Rio Vermelho”.

(Professor, 62 anos, nascido e criado na Fazenda Garcia)

FIGURA 5 - Fotografia aérea do Garcia e Barris em escala 1:4000, de 1946.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Salvador da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT, 2019). Disponível em: <http://arquivohistorico.fgm.salvador.ba.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&ccipar=phl82.cip&lang=por>

De forma complementar, observa-se através do centro da imagem, na Figura 6 outras áreas de vale cultivado, nesta posteriormente ocupadas pela Avenida Anita Garibaldi e o Largo/Praça *Lord Cockrane*. Observa-se um trecho de estrada da Avenida Vasco da Gama partindo do Dique do Tororó e seguindo à esquerda da imagem em direção ao bairro do Rio Vermelho. Esta área cultivada próximo ao Dique do Tororó, chamada de Roça do Lobo, dividia a área com as estradas de terra, que serviam de acesso às avenidas de cumeada do centro pela população pobre.

FIGURA 6 - Fotografia aérea do Engenho Velho de Brotas/Garcia/Dique⁵ em escala 1:4000, 1946



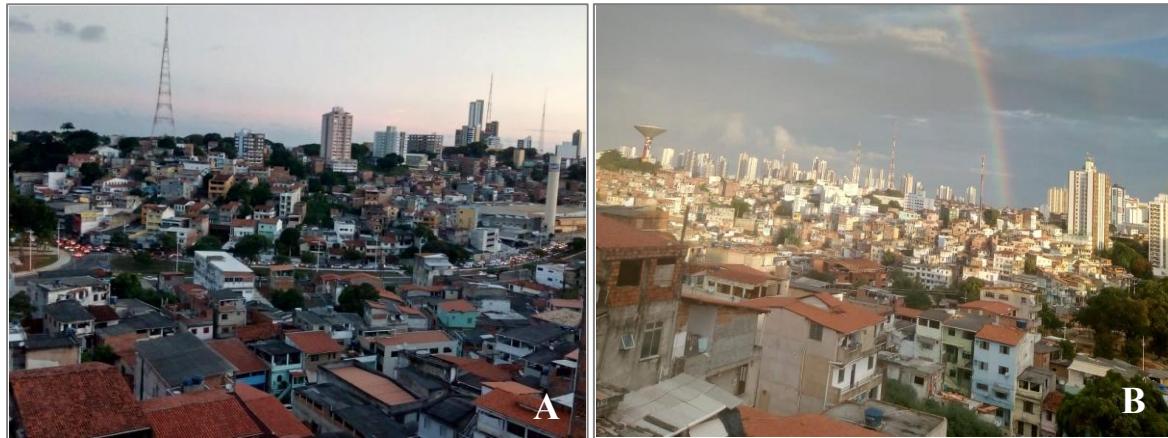
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT, 2019).

⁵

Depósito acumulado à beira-rio.

No momento presente, a Figura 7 a seguir exemplifica a forma urbana dos bairros vizinhos, através do padrão construtivo da ocupação residencial nos vales, visto a partir da visada do recorte da paisagem na rua de cumeada da Prediliano Pita, da Avenida de Vale Reitor Miguel Calmon, via de acesso aos bairros nobres do Canela, Graça e ligação com Av. Anita Garibaldi.

FIGURA 7 - Trechos do *skyline* visto a partir de moradia localizada na cumeada da Rua Prediliano Pita, Fazenda Garcia (2018)



(A)Vista, no centro da fotografia à esquerda, de uma das avenidas de vale que define o limite de bairro, a Av. Reitor Miguel Calmon, sentido Av. Anita Garibaldi; (B) Praça Lord Cochrane, canto inferior direito e bairro vizinho da Federação.

Fonte: Moradores da Fazenda Garcia visadas durante o ano de 2018.

Destarte, enquanto bairro com forte identidade cultural, a caracterização da Fazenda Garcia e da descrição dos processos da área, pode ser vista em escritos biográficos. O ator Lazáro Ramos (2017) no capítulo “Entre o laboratório e o palco” da autobiografia “*Na Minha Pele*” descreve a localidade a área do final de linha do Garcia e Rua do Baú, na Fazenda Garcia:

“Aos catorze anos saí da casa de Dindinha e fui morar com meu pai no Garcia, bairro que se desenvolveu a partir da ocupação de uma antiga fazenda colonial e é um dos mais antigos de Salvador. Nos anos 1940 e 1950, sua parte mais alta foi dividida em uma série de loteamentos, e construções modestas se multiplicaram pela região. Quando me mudei para lá, em 1991, os becos e as vielas pouco iluminados ainda eram de terra batida. Mas o Garcia. Mas o Garcia estava em plena expansão, tanta que, entre as crianças do bairro uma das brincadeiras prediletas era pular na areia das obras. Hoje o que existe são casas amontoadas entre edifícios modernos. Pela fragilidade, essas construções me lembram castelos de cartas. E foram crescendo desordenadamente, de acordo com a ascensão social dos donos. **Nossa área, conhecida como Fazenda Garcia preservou seu espírito** familiar e popular. Mesmo sem luxos, nossa casa é um dos maiores orgulhos de meu pai: foi construída aos poucos e hoje tem três andares, com direito a um terracinho. A obra levou tantos anos que perdi as contas. Ele sempre sonhou com isso: um andar para ele, um para mim e outro para minha irmã. E realizou o sonho”.

Embora, o contato de um particular afeto de um espaço construído - o qual se valoriza a instância subjetiva do ser - possa ser definido enquanto um objeto de estudo, o relato de um ator profissionalizado de fama nacional, trata da defesa de reflexões da consciência humana, quanto à situação a qual estava exposto com sua família, em um bairro de ocupação popular e de autoconstruções familiares. O seu depoimento reconhece e traz uma abordagem de um fenômeno relativamente recente da ocupação das pessoas pobres na Fazenda Garcia.

Referente às outras festas e usos distintos nos espaços do bairro, ocorre no bairro outro movimento próprio, o Samba Junino. Esta prática é comum com a saída de grupo de samba de chão, tarde da noite em dias próximos ao dia do São João (24 de junho) nas ruas do bairro do Garcia, Engenho Velho de Brotas, Engenho Velho da Federação como um verdadeiro arrastão de rua com músicas de samba e batucadas em ritmos juninos. Tudo isto completando um circuito independente seguindo a madrugada, atravessando as avenidas de vale que interligam estes bairros e agregando pessoas ao desfile, que somente finaliza ao amanhecer. Vale dizer que, o arrastão de samba junino acontece em bairros distantes dos situados no centro de Salvador, como Cajarriê de Cajazeiras e na Liberdade.

Durante todo o ano, também nos turnos da noite em dias de feriado e finais de semana, uma concentração de pessoas na rua, de ambulantes e carros com disputas de som realizam a festa de largo do Garcia, isto no perímetro da praça do final de linha da Fazenda Garcia. Localizado através do nome do bairro por frequentadores do local, a festa de Largo do Garcia teve início com agregações de pessoas na rua no período da noite dos finais de semana, depois foi adicionada nas últimas quartas-feiras de cada mês, seguida de todas as sextas-feiras. É na Praça Marquês de Olinda, ponto central da saída da Mudança do Garcia que ocorre a concentração de pessoas, ambulantes comercializando bebidas alcoólicas, barracas de lanches e churrascos e de carros com som amplificado tocando músicas do paredão.

As mobilizações de bairro também correspondem às reivindicações de melhorias relativas quanto aos problemas locais de acessibilidade, fluxo de trânsito e do uso do espaço do largo do final de linha por festas noturnas com alta concentração de pessoas nas vias e som alto, são as chamadas festas de largo. Por ser um bairro central de ocupação consolidada (relativamente antiga) e, geograficamente próximo de bairros nobres, os problemas relativos ao abastecimento de água, distribuição de energia elétrica não são comuns à comunidade.

No que diz respeito à mobilidade e acessibilidade no bairro, habitar em torno da Av. Leovigildo Filgueiras, fisicamente próxima a área nobre do Largo do Campo Grande, onde converge maior número de linhas de transporte público rodoviário, atenua alguns conflitos de bairro em relação ao acesso a este modal.

Da totalidade de linhas do transporte coletivo rodoviário que atravessavam o bairro no ano de 2018, sete pertenciam ao transporte intraurbano, conforme a Figura 8, sendo uma do transporte interurbano, caso da linha (0841) Vilas do Atlântico/Praça da Sé não integrante do Consórcio Integra da Empresa de Transportes Costa Verde LTDA. Ao identificar as linhas de ônibus que atravessam o bairro do Garcia, ainda há, fluxo majoritário pela rua de vale Padre Domingos de Brito em sentido à Avenida Leovigildo Filgueiras não tendo o trajeto na rua de cumeada Prediliano Pita, principal da Fazenda Garcia.

FIGURA 8 - Consulta de linhas de ônibus no bairro em 2018



Fonte: Transalvador, 2018

Inúmeras vezes, devido a observação enquanto residente por mais de dezessete anos, aguardando o ônibus no ponto na entrada do Garcia (limite ao qual se confunde em proximidade com o Largo do Campo Grande), foi possível ouvir entre os moradores do final de linha do Garcia, reclamações comuns referentes a demora e lotação do ônibus

com destino ao final de linha da Fazenda Garcia: “*Aqui é Garcia, lá onde moramos é a Fazenda Garcia!*”. Isto denota a fragmentação socioespacial do bairro do Garcia e a maior demanda populacional dos residentes da Fazenda Garcia para descer até a localidade. No Quadro 2 abaixo são mostradas as linhas de ônibus presentes no bairro.

QUADRO 2 - Linhas de ônibus que operam intrabairro do Garcia em 2025

Código e nome da linha	Itinerário na Av. Leovigildo Filgueiras (Garcia)	Itinerário na Rua Prediliano Pita (Fazenda Garcia)
1035 - Aeroporto X Praça Da Sé Via Garibaldi/Garcia	Sim	Não
0221 - Ribeira X Fazenda Garcia	Sim	Sim
0152 -Vasco Da Gama X Barbalho	Sim	Não
1130 - Ondina X Cabula VI Via Garcia/Comércio	Sim	Não
0341 - Rodoviária Circular R2 X Garibaldi/Comércio	Sim	Não

Fonte: Moovit App e trabalho de Campo (2025)

A Figura 9 abaixo mostra um protesto dos moradores da Fazenda Garcia em relação ao transporte público no bairro no local conhecido como arco, impedindo a subida de carros e ônibus da Rua Prediliano Pita, cujo acesso é o final de linha do Garcia e da Rua Padre Domingos de Brito em direção ao Campo Grande. Esta reivindicação, apesar de ser do ano de 2018, é antiga e foi organizada após extinção da linha (0104) - Fazenda Garcia/Macaúbas e da linha (0222) Rua Direta/Fazenda Garcia, restando somente a população da Fazenda Garcia a linha rodoviária (0221) – Ribeira/Barbalho X Fazenda Garcia (Politeama), pertencente ao consórcio Plataforma (Subúrbio) parte do Consórcio Integra foi mantida.

FIGURA 9 – Manifestação no bairro do Garcia referente a substituição de linhas do transporte público



A



B

GARCIA
 0222 – RUA DIRETA – FAZ. GARCIA
O QUE VAI ACONTECER
 Esse atendimento será substituído
COMO SERÁ O ATENDIMENTO
 Utilizar outra linha ou fazer a integração aberta.
ESCOLHA O QUE É MELHOR PRA VOCÊ NA ESTAÇÃO ACESSO NORTE

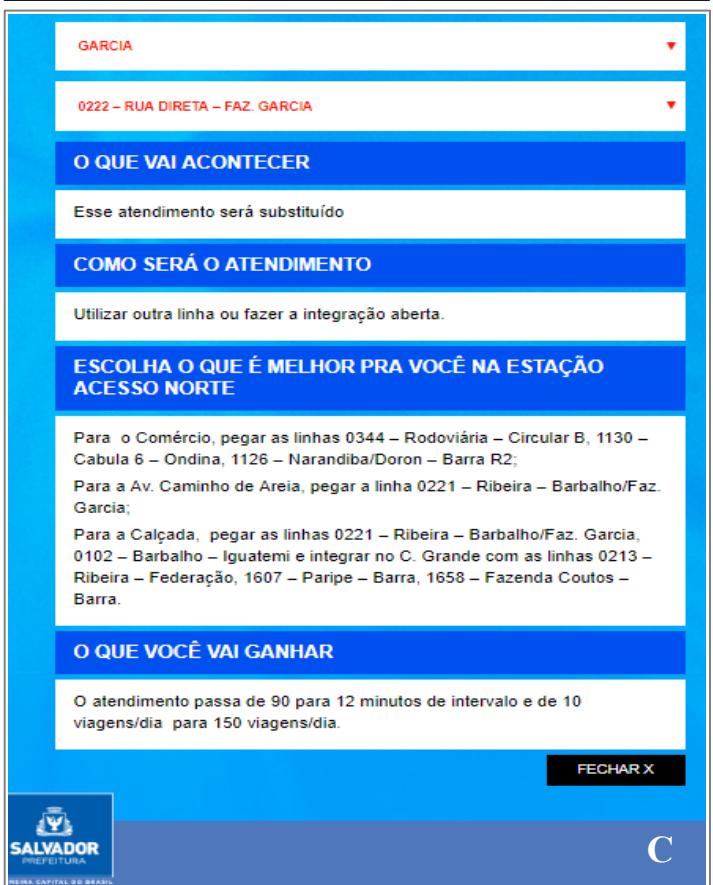
Para o Comércio, pegar as linhas 0344 – Rodoviária – Circular B, 1130 – Cabula 6 – Ondina, 1126 – Narandiba/Doron – Barra R2;
 Para a Av. Caminho de Areia, pegar a linha 0221 – Ribeira – Barbalho/Faz. Garcia;
 Para a Calçada, pegar as linhas 0221 – Ribeira – Barbalho/Faz. Garcia, 0102 – Barbalho – Iguatemi e integrar no C. Grande com as linhas 0213 – Ribeira – Federação, 1607 – Paripe – Barra, 1658 – Fazenda Coutos – Barra.

O QUE VOCÊ VAI GANHAR
 O atendimento passa de 90 para 12 minutos de intervalo e de 10 viagens/dia para 150 viagens/dia.

FAZENDA GARCIA
 0222 – RUA DIRETA – FAZ. GARCIA
O QUE VAI ACONTECER
 Esse atendimento será substituído
COMO SERÁ O ATENDIMENTO
 Utilizar outra linha ou fazer a integração aberta.
ESCOLHA O QUE É MELHOR PRA VOCÊ NA ESTAÇÃO ACESSO NORTE

Para o Comércio, pegar as linhas 0344 – Rodoviária – Circular B, 1130 – Cabula 6 – Ondina, 1126 – Narandiba/Doron – Barra R2;
 Para a Av. Caminho de Areia, pegar a linha 0221 – Ribeira – Barbalho/Faz. Garcia;
 Para a Calçada, pegar as linhas 0221 – Ribeira – Barbalho/Faz. Garcia, 0102 – Barbalho – Iguatemi e integrar no C. Grande com as linhas 0213 – Ribeira – Federação, 1607 – Paripe – Barra, 1658 – Fazenda Coutos – Barra.

O QUE VOCÊ VAI GANHAR
 O atendimento passa de 90 para 12 minutos de intervalo e de 10 viagens/dia para 150 viagens/dia.



C



D

(A) Moradores da Fazenda Garcia protestam no arco do bairro com faixas e interrompem o fluxo de carros no bairro; (B) Fogo em galhos e materiais presentes na via do arco; (C) e (D) Listagem da mudança da linha de ônibus no bairro segundo o site disponibilizado pela Prefeitura de Salvador com a seguinte chamada: “*Fique ligado nas mudanças das linhas de ônibus e adante seu lado*”. Disponível em: http://linhas.salvador.ba.gov.br/?page_id=133 (2025)
 Fonte: Portal G1 (2018); Salvador (2025)

O processo de racionalização das linhas se deu pela extinção da linha (0104) - Fazenda Garcia/Macaúbas, a qual realizava um trajeto menor ao se comparar também extinta linha (0222) - Rua Direta/Fazenda Garcia e a única em operação atualmente a

Linha (0221) – Ribeira/Barbalho X Fazenda Garcia (Politeama). A única linha de transporte público rodoviário oferecido, a referida 0221, realiza o trajeto em todo o bairro do Garcia e segue até o final de linha do bairro (Praça Marquês de Olinda), possui um longo trajeto, partindo do Largo da Ribeira passando por todo o centro da cidade. Segundo o aplicativo de monitoramento Moovit⁶ (2021), a linha 0221 tem 63 paradas e a duração de viagem é de aproximadamente 1h19min.

Tanto esta limitação, quanto a diferenciação entre o Garcia e a Fazenda Garcia pode ser visualizada através da busca do website da prefeitura municipal de Salvador, em que se lista a extinção das linhas citadas anteriormente, decorrentes do processo chamado pelo poder público municipal de reestruturação das linhas de ônibus urbanos. O site apresenta as exclusões da linha do transporte urbano (0222) - Rua Direta/Fazenda Garcia e da linha (0104) - Fazenda Garcia/Macaúbas também ter sido desativada no bairro.

A acessibilidade no bairro tende a ter implicações significativas a partir da extensão da linha 1 do metrô da cidade, até o Campo Grande. Pode-se dizer, previamente, que os preços médios dos imóveis do bairro poderão ser elevados e o seu estoque ter uma rotatividade ainda maior.

A ordenação da principal via de acesso à Fazenda Garcia se mostra de difícil solução, devido ao uso das ruas para estacionamento dos moradores, cujas residências, em sua maioria, não possuem garagem, bem como dos visitantes de outros bairros da cidade, como festas de largo e bares tradicionais. Aliado a isto, há também a ocupação do meio fio por cadeiras e mesas dos bares locais, barraquinhas de churrascos e bebidas. Em novembro de 2018 foi sinalizado o estacionamento de carros em lado único no bairro com a implantação de faixa contínua dentro da Fazenda Garcia e placas. Os dois semáforos presentes do bairro e as três faixas de pedestre, atualmente, encontram-se no Garcia. Nunca houve semáforo na Fazenda Garcia e uma antiga faixa de pedestre que havia na porta, do presente, Colégio Municipal Hildete Lomanto foi apagada com o tempo e há anos não é remarcada pela Prefeitura. Em observação os carros continuam estacionando do lado esquerdo da Avenida Prediliano Pita.

⁶ Disponível através do link: <https://moovitapp.com/salvador>

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao considerar o objetivo de analisar as manifestações culturais e o cotidiano socioespacial em uma territorialidade denominada Fazenda Garcia, enquanto parcela integrante do bairro do Garcia em Salvador-Bahia este capítulo serve a apresentação dos resultados obtidos e suas discussões e foi estruturado nas seções: 6.1 A Construção e tradição da manifestação de bairro, seguido do item 6.2 A manifestação carnavalesca Mudança do Garcia e o Circuito Riachão; do item 6.3 Perspectivas e Mudanças.

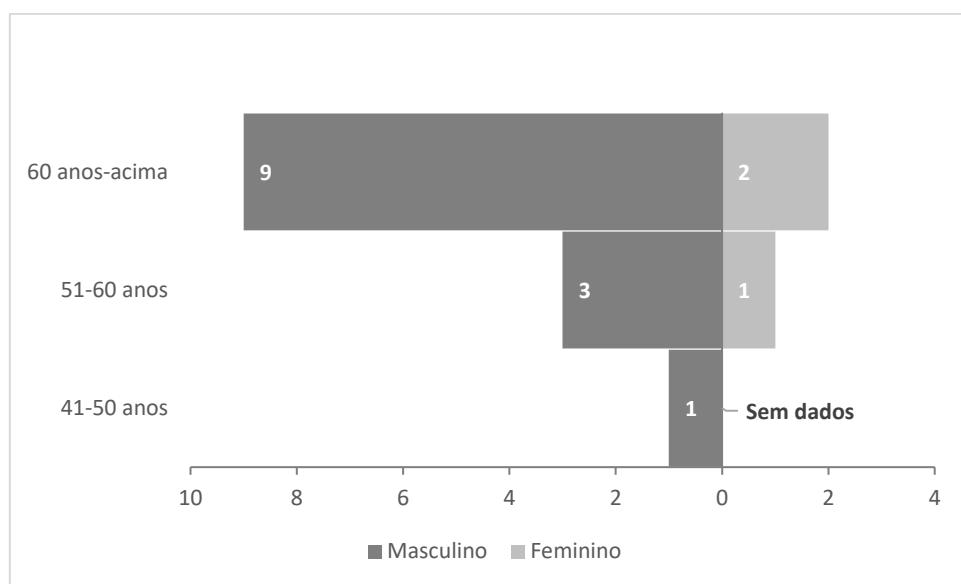
6.1 Análise do perfil sociodemográfico dos atores entrevistados

Em primeiro momento de análise é preciso conhecer o perfil socioespacial dos atores entrevistados através da correlação de gênero, faixa etária, cor, escolaridade e renda. A amostra do estudo é composta por profissionais aposentados de diversas áreas (professores, mecânico, auditores fiscais), como descrito no Quadro 1 acima. Somente quanto às categorias profissionais, a maioria foi de professores (25%), seguido por músicos profissionais (18,75%), auditores fiscais (18,75%), policial, (6,25%), produtor musical (6,25%), encanador (6,25%), mecânico (6,25%), engenheiro (6,25%).

Com relação à variável gênero, 81% da amostra dos atores entrevistados é masculino (nº população = 13), tendo aproximadamente 19% do gênero feminino (3 mulheres entrevistadas) do total de 16 participantes. Os resultados evidenciam a intensa participação dos atores homens no carnaval, similar ao que ocorre nas demais organizações de blocos e associações carnavalescas da cidade. Nesse sentido, convém destacar que, esta característica corrobora com a masculinização das gestões do carnaval de rua. Estes resultados vão ao encontro dessa tendência, porque a amostra composta por homens representa a maioria também no bairro.

Como implicações práticas, merece destaque pensar que as políticas de gestão devem focar na participação feminina no Carnaval, não somente nas publicidades e campanhas de conscientização dos assédios sexuais, mas também da inserção das mulheres nos cargos de gestão do carnaval. Os resultados destes dados acima levam a sugerir um carnaval masculinizado em Salvador, Bahia.

GRÁFICO 1 - Distribuição dos participantes por gênero e faixa etária



(1) Não foram entrevistadas pessoas do gênero feminino da faixa etária dos 41 aos 50 anos.

Fonte: elaboração própria a partir das entrevistas (2025)

Em relação a idade, a maioria da amostra foi acima dos 61 anos, com 69%, seguido dos 25% da amostra dos participantes com idade entre os 51 aos 60 anos; da reduzida participação das idades de 41-50 anos, com 6% de representatividade, sem percentis na amostra das idades extremas da faixa de 18 a 30 anos, e dos 31 aos 40 anos. Estes valores mostram as participações dos atores identificados em idades acima dos 40 anos. Em suma, a maioria da amostra é acima dos 60 anos, com reduzida participação das idades extremas.

Outro ponto que merece ser discutido é o bairro de residência dos participantes. Dessa forma, é razoável dizer que há uma certa diversidade dos atores que fazem a Mudança referente à localização geográfica. A maioria dos entrevistados (37%) reside no bairro do Garcia, seguido daqueles que nunca moraram no bairro (25%), mas moram em bairro próximo. Os que nunca residiram no bairro e próximo (18,75). Já os nascidos e criados no bairro, que tenham residido desde então, correspondem a aproximadamente 12,5%. Quanto aos participantes entrevistados que nunca residiram no Garcia e residiram durante sua vida em bairro vizinho, mas atualmente não residem no bairro vizinho, a proporção foi de 6,25%. Estas correlações podem ser vistas no Quadro 1.

Em relação a variável cor e raça, vê-se dois grupos com iguais valores, no entanto, as maiores proporções são de pessoas que se identificam como pretas e pardas e minoria branca e indígena. Os resultados desta variável levam a sugerir que há uma forte

presença de reconhecimento da identidade racial e cultural das pessoas que integram a manifestação carnavalesca do bairro.

Com relação à escolaridade, ocorre o predomínio de pessoas com ensino superior e ensino médio. As porcentagens indicam um alto e médio nível escolar, que de certo modo, possuem estreita relação com a faixa de renda. Nesse sentido, convém destacar que mais da metade dos entrevistados estão na faixa de renda familiar acima dos cinco salários mínimos.

TABELA 1: Perfil dos entrevistados de acordo com cor ou raça, escolaridade e renda

Características	Participantes (n)	% de representatividade
Cor ou raça (1)	Branca	01
	Preta	07
	Parda	07
	Indígena	01
	Total	16
		100%
Características	Participantes (n)	% de representatividade
Escolaridade (2)	Ensino Médio	05
	Ensino Superior	07
	Mestrado	02
	Doutorado	02
	Total	16
		100%
Características	Participantes (n)	% de representatividade
Faixa de renda familiar	até 2 salários mínimos	03
	acima de 2 até 5 salários mínimos	04
	acima de 5 salários mínimos	09
	Total	16
		100%

(1) Não foram entrevistadas pessoas da cor ou raça amarela; (2) Não foram entrevistadas pessoas com escolaridade Ensino Fundamental e pós-graduação *lato sensu*.

Fonte: elaboração própria a partir da aplicação das entrevistas (2025)

6.2 Construção e tradição da manifestação carnavalesca

Alguns mitos envolvem a história da formação da manifestação popular *Mudança do Garcia*, entre os moradores da Fazenda Garcia. Uma das versões mais reproduzida nas ruas, becos e ladeiras de acesso as Avenidas de Vale do entorno da localidade da Fazenda Garcia é a de que em certa segunda-feira de carnaval o Senhor Pai do músico Riachão expulsava uma prostituta, que alugava uma de suas pequenas casas e a enviava para o bairro da Ribeira, distante do Garcia.

Desta história que enriquece, tornando folclore as relações de vizinhança e gênese de seus habitantes, faz-se genuíno a produção cultural de um dos atores do falatório. O Riachão foi um dos moradores mais antigos, por anos de vida e permanência no bairro, tendo iniciado a sua arte e cantoria, enquanto profissão nas ruas do Beco do Panta, onde residiu. A fala abaixo de um dos organizadores e representante da “Velha Guarda da Mudança” da festa é em primeiro lugar, representativa do processo de lúdico criado, quanto ao surgimento da Mudança do Garcia, ao relatar: “Não existe nada disso, eu mesmo perguntei a Riachão e ele disse que não houve isto” (Organizador 2, Dirigente da ARCCB, homem, 71 anos, nascido no bairro do Garcia).

A partir daí, alguns autores como Almeida (2014) e Machado (2016), acrescido das respostas dos entrevistados corroboram com o fato de que a festa foi resultado das práticas carnavalescas comunitárias dos moradores saírem pelas ruas do bairro com as carroças puxadas por animais, principal meio de transporte da população pobre da época, colocando utensílios velhos, fazendo batucadas (Moura, 2011), puxando as crianças, jovens e até mesmo desfile das famílias inteiras, que gostavam de brincar o carnaval.

Alguns cordões carnavalescos podem ser identificados no tempo recente da história dos carnavais no bairro. O Bloco das Cozinheiras é apontado por Machado (2016, p. 141) como “primeiro registro de manifestação carnavalesca originária do Garcia”. A autora acrescenta ainda que, a Mudança do Garcia surge por volta dos anos de 1920, desaparece e ressurge após a modernização do bairro.

Souza (2007) argumenta a imprecisão de quando a Mudança do Garcia surgiu, no entanto, revela ser possível, o início da história do bloco remontar ao final dos anos de 1920, ao citar o registro, verificado em Pires (2004), de um processo a um folião que, acompanhava a Mudança em estado de toxicologia dos lança-perfumes e muito usada nos carnavais da época. Neste período é concordando em Almeida (2014), que além disso

identifica o registro jornalístico de O Diário da Bahia, em 1930.

Para melhor compreender a sazonalidade dos importantes marcos de movimentos carnavalescos originados na Fazenda Garcia, a Figura 10 abaixo mostra a linha temporal das manifestações precedentes e período da formação carnavalesca da Mudança do Garcia, tomando como referência os trabalhos de Souza (2007), Moura (2011), Almeida (2014), Machado (2016), Miguez, (2020) e relatos de memória dos atores entrevistados, da faixa etária dos 61 a mais.

Antes da consolidação de um até então, movimento do carnaval único de bairro, composta por população negra mestiça, Almeida (2014) indica a formação do bloco Arranca Tocos, como um antecessor direto da Mudança do Garcia. Segundo o autor e falas dos moradores, o bloco surgiu a partir da reunião de músicos policiais militares, tocando e arrancando os restos de vegetação no solo exposto das ruas da Fazenda Garcia sem asfaltamentos. Após esta fase, o bloco mudou de nome, para Faxina do Garcia e, inseriu carroças de tração animal, fazendo o percurso até as ruas do centro da cidade. Em sintonia com essa discussão, o membro da “velha guarda” traz a motivação da alteração do nome do bloco Arranca Tocos para a faxina do Garcia, ao adicionar:

“As mães de santo daqui do bairro disseram para trocar o nome, pois era de uma entidade do Candomblé, para retirar os tocos do caminho”.

(Organizador 2, Dirigente da ARCCB, homem, 71 anos, nascido no bairro do Garcia)

Demais blocos e movimentos surgiram após os anos de 1960, os quais integraram a Mudança. Nas entrevistas demais movimentos carnavalescos extintos puderam ser identificados, tais quais: o bloco As Derrubadas, bloco Remandiola (1995), bloco Pagodão (2010), o bloco dos Cornos (1987), realizado através da Associação do Bloco dos Cornos (ABC), a lavagem do Chifre dos Cornos (2015).

FIGURA 10 - Linha do tempo dos principais movimentos carnavalescos originados no bairro

PERCURSO DOS CARNAVAIS NO BAIRRO



Fontes: elaborado a partir dos trabalhos de Souza (2007), Moura (2011), Almeida (2014), Machado (2016), Miguez, (2020) e dos discursos de memória dos atores entrevistados (2025).

A partir da chamada urbanização do bairro, nos anos de 1960, a nomenclatura foi alterada novamente para Mudança do Garcia, conjuntamente ao apoio do ex-vereador Herbert de Castro através da consolidação do asfaltamento da principal rua do bairro e ampliação do sistema de abastecimento de água e transmissão de energia elétrica, o que, deixou minimamente parecida com a parte do bairro do Garcia de cima. O trecho a seguir é representativo desta discussão:

“Quando foi que o bairro recebeu asfalto? Foi inaugurado no dia 1º de janeiro de 1960 e esse já foi com o prefeito Heitor Dias. E eu não posso deixar que... Isso aconteceu graças a uma liderança que nós tínhamos aqui, que era empreiteiro da prefeitura e depois conseguiu ser vereador, chamado Herbert de Castro. E ele não morava aqui, ele foi noivo de uma professora de uma família também muito tradicional daqui – a família Ferreira e, ele então liderava tudo por aqui, ele fazia festas, antes tinham outras pessoas que faziam, mas quando ele chegou aqui começou a fazer festas religiosas, Sábado de Aleluia, queima de Judas, São João, carnaval, grito de carnaval, não tinha um melhor do que daqui do Garcia. Foi uma época assim de muita coisa boa. Ainda na poeira no barro, depois ele conseguiu com o Heitor Dias fazer com o asfalto. Aí o resultado por conta dessa mudança urbana, o bloco que já existia chamado Faxina, mudou o nome a pedido do vereador Herbert de Castro para Mudança do Garcia e a Mudança do Garcia se sustentou num bloco que já existia.”
(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

A irreverência do bloco sempre foi noticiada em quase todos os anos nos principais veículos de comunicação. A sátira política sempre foi motor das reivindicações da comunidade de todo o bairro do Garcia e de integrantes oriundos de diversos locais da cidade, da região metropolitana e do país. Nesta linha, Almeida (2014) ao estudar, no livro “*Mídia e Carnaval: uma representação midiática do bloco Mudança do Garcia em 1930*”, relata o conteúdo publicado no Diário da Bahia⁷ nas edições de 2 e 4 de março de 1930, circulado em Salvador, investigando aspectos de influência políticos e mercantis nas decisões editoriais, já que estes dias eram dias de carnaval na cidade, mas também período de eleições federais.

O recorte acima traz a referência de tempo de existência da Mudança do Garcia, com a nota da sua saída no carnaval da cidade, em um ano emblemático com eleições do dia 1º de março e carnaval nos dois dias seguintes. Ainda segundo o autor, outras mudanças de bairros pobres da cidade (Uruguai, Massaranduba, localidade da Sé) saíam pelas ruas da cidade tecendo críticas de forma descontraída com carroças e charangas (bandas compostas por instrumentos de sopro e em percurso de chão). No entanto, a

⁷ O jornal foi encerrado no ano de 1957 um ano após o seu centenário devido a uma crise financeira.

Mudança do Garcia é exceção no festejo do carnaval da cidade, em termos de anos de permanência (Almeida, 2014; Machado, 2016).

O bairro do Garcia é tradicional celeiro de entidades organizadoras das manifestações culturais carnavalescas e tudo isto, pode ser entendido através das relações de vizinhança (Dias, 2018) entre seus moradores. Tal valor pode ser atribuído à ancestralidade de sua população e discriminação sofrida a partir dos processos de ocupação precários nas áreas centrais da cidade. Moura (2011), corrobora com esta perspectiva ao relatar que o povo mais escuro, pobre e descalço fazia suas batucadas nas cumeeiras de bairros pouco afastados, como Garcia, Tororó e Brotas, nos fundos dos vales (onde estão hoje as grandes avenidas) e na Baixa dos Sapateiros, participando perifericamente do Carnaval.

Os carnavais da cidade eram concentrados em clubes e agremiações, como nos desfiles em carros automobilísticos da população rica nas ruas do Campo Grande e desfiles de blocos fantasiados na Praça da Sé, sendo este o *Carnaval da Praça*. O carnaval dos bairros populares do Garcia, Tororó, Saúde, Liberdade, Engenho Velho de Brotas, Cosme de Farias, Ribeira, Itapagipe, era foco de grande animação e ponto obrigatório de passagem das sociedades carnavalescas que participavam dos concorridos concursos organizados pelas associações ou grupos de moradores (Félix, 1994). Assim, de acordo com Moura (2011, p. 8) “pequenos grupos de foliões serpenteavam pelos interstícios da descontínua malha urbana de Salvador, somando-se pouco a pouco, parando para comer e beber em casa de amigos e conhecidos”.

“Eu comecei a participar do Faxina do Garcia como foliã aos 12 anos! Engraçado... Mamãe me entregou a uma vizinha que morava ali defronte e eu fui de mão dada com ela até a Praça da Sé. Nesse tempo ainda não era Mudança, era o bloco Faxina do Garcia. Foi fundado por alguns músicos da polícia militar, que moravam aqui, jovens e que resolveram fazer esse bloco para animar a segunda-feira de carnaval porque antigamente não era feriado, o comércio funcionava. Assim só havia mascarados pela rua sem nenhuma animação. A faxina era um bloco aberto a quem quisesse participar, pois só os músicos se vestiam de saieta e frente única. As caretas que participavam carregavam bacias, cadeira velha, panela, urinó e depois deram para levar galhos de árvores, tudo quanto era coisa velha como se fosse alegoria. Acho que era para justificar o nome de faxina. O Garcia era um bairro que só tinha calçamento até o trecho onde fica o Colégio Edgar Santos. No final da década de cinquenta, o vereador Ebert Castro, líder do bairro conseguiu com o então prefeito Heitor Dias asfaltar toda a rua Prediliano Pita, construir um jardim na Praça Marquês de Olinda e levar o asfalto a rua Quintino Bocaiúva até o final da ladeira, nas proximidades da Vasco da Gama. É o fato de o bairro ter passado por uma mudança urbana, que o vereador solicitou aos responsáveis pelo bloco Faxina a troca do nome para Mudança do Garcia.

(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

Na mesma linha, é recorrente a perpetuação destas duas principais versões nas pesquisas acadêmicas sobre as origens da festa carnavalesca da Mudança do Garcia, visto em Santos (2025), Soares (2025), Cardoso (2015), Machado (2016), Almeida (2014). De todo modo, o que integra o imaginário do bairro.

É a partir da contextualização do início de um movimento espontâneo de moradores em uma segunda-feira de carnaval, a fim de brincar e animar processos conscientes de mundo, a partir da necessidade da vida comunitária, que se torna possível analisar a territorialidade produzida e da ação, ao longo do tempo, dos usos das frases reivindicatórias e teor das críticas.

“A Mudança era o carnaval da gente! No carnaval de Salvador, a segunda-feira não era feriado.”

(Professor, 68 anos, nascido e criado no bairro do Garcia)

É importante destacar que a formação dessa identidade segue uma miscelânea social e musical dadas através dos ritmos. O samba oriundo da matriz africana saiu dos quintais das casas onde a tradição negra era aceita, já que era proibido o movimento nas ruas. Nas casas angolas, estruturou-se esse ritmo e a roda de samba mesma do candomblé da nação angola. E a Fazenda Garcia de população majoritariamente negra tem essa tradição do samba no fundo das casas.

Segundo Moura (2011) os figurantes da Juventude do Garcia vieram a constituir, em 1966, o Cacique do Garcia, o primeiro bloco de índio de Salvador, influenciado pelo Cacique de Ramos, do Rio de Janeiro. Quase todo o movimento dos blocos de índio aconteceu na área de vale, correspondente ao eixo Garcia/Federação/Tororó. Outros blocos de índio, surgiram, mesmo com presença de menor impacto, foram os Guaranis, os Penas Brancas, os Peles Vermelhas, os Xavantes, os Tamoios, os Cheyennes e os Moicanos. Em 1974 seriam formados os Comanches do Pelourinho, seguindo dos Sioux e dos Tupis, em 1977, no bairro da Federação.

“Desta época foram criados os blocos de samba no bairro, com músicas do Juventude do Garcia, do Cacique do Tororó. Eram músicas de pessoas do bairro, tanto dos temas da Escola de Samba da Juventude, quanto dos protestos. As críticas eram locais, da prefeitura e tal, com a Ditadura, a esquerda ficou muda e aí de 64 a 66 os movimentos políticos aderiram e incorporaram as frases contra o regime militar e depois vieram os sindicatos.”

(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

Diz-se do Quelé que foi o primeiro bloco a usar “saieta e sombrinha”; antes de ir às ruas do centro da Cidade Alta, fazia um arrastão, levando consigo os moradores de cada trecho. De repente, os becos e ruas do bairro da Federação e do Garcia transformavam-se em palcos carnavalescos (Moura, 2011).

As escolas de samba nasceram de uma modesta imitação do modelo carioca (Moura, 2011; Miguéz, 2020). A Juventude do Garcia teve origem na batucada Filhos do Garcia, que em 1956 se apresentava como bloco sem categoria definida e três anos depois já mostra nítida influência das escolas do Rio de Janeiro. Em 1960, já tínhamos os Ritmistas do Samba, da Ladeira da Preguiça, no centro. Em 1961, a Juventude do Garcia já é de fato uma escola de samba, vindo a se oficializar como tal em 1963, quando também surgem os Amigos do Politeama e os Filhos do Tororó, por sua vez descendente do Cordão Carnavalesco Filhos do Tororó, de 1953 (Moura, 2011).

Esta percepção da relatividade da geografia existencial coincide com a experiência de radical reformulação do traçado urbano de Salvador a partir do final dos anos de 1960. De acordo com Moura (2011), a construção das Avenidas de Vale e viadutos correspondeu à remoção de dezenas de comunidades populares tradicionais, várias delas contíguas aos bairros onde emergiram os blocos de índio, justamente o Garcia, a Federação e o Tororó. Era a continuidade entre Carnaval e vida urbana, diante das transformações impactantes da modernização.

O que se apreende dessa discussão é que, o projeto de modernização da cidade de Salvador verificado pelas aberturas das grandes Avenidas de Vale, pavimentou trechos e modificou o uso de toda área com características fortemente rurais da população de moradores do fundo do vale. A fala abaixo de uma moradora octogenária, nascida e criada no bairro, sobre as experiências e modificações causadas pelas ações políticas reconstrói este tempo e espaço vivido:

“O bloco era chamado de bloco sujo. Saímos daqui (Fazenda Garcia). Ele era todo a pé. Descia do Tororó e passávamos onde construíram as duas torres de prédio junto ao 5º Centro de Saúde, onde antigamente era uma plantação de flores, acredito que era até uma horta que era de um português, tinha estábulo, vendia leite. Era a roça do lobo, limite com o bairro dos Barris. Eu não tenho foto, mas eu tenho uma memória de passar ali. Essas avenidas de vale receberam muito dinheiro do governo militar, antes tinha casa de um lado, casa de outro.”

(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

A crítica à política e aos descasos sociais sempre estiveram presentes ano a ano na manifestação. Todavia, como relatado pela moradora e professora Maria Auxiliadora a censura verificada durante o golpe militar de 1964 intensificaram a participação da classe artística e dos estudantes, estando no espaço da Mudança do Garcia um momento um tanto mais livre das opressões para os gritos da sociedade:

“Nessa época, logo uns 4 anos depois, entramos naquele regime militar. E aí, a Mudança continuou, o golpe de 64 durou muito tempo. **Críticas... as pessoas que chegavam faziam críticas**, pregavam-nas nas carroças e ficou um bloco chamativo para a classe intelectual, de artistas, universitários e políticos que estavam concordando. Começou a valorizar a Mudança e aí a Mudança foi crescendo. Herbert faleceu e um grupo daqui se reuniu para que não perdesse a tradição. Mas com a continuação a Mudança ficou meio que **chapa branca** porque apesar da Constituição de 88 ter garantido o resgate da democracia, ainda naquela fase da transição, muita gente que não tinha nada a ver com a nova república continuou comandando. Por que esses processos não se dão assim: termina aqui e começa outro.”

(Comerciante, professora aposentada, 82 anos, nascida e moradora de toda sua vida na Fazenda Garcia)

FIGURA 11 – Desfile da Mudança do Garcia no carnaval de 1976 de Salvador, pressionado por foliões pipoca, trio e bloco privado



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT, 2019).
Acervo fotográfico da Fundação Gregório de Matos, do Diário de Notícias

Os depoimentos trazem que durante este período, o desfile da Mudança começou a ter uma certa cronologia, a carroça destaque ia na frente, a qual funcionava como um abre-alas, carregando as frases fortes com contexto e representantes da comunidade, à época.

“As carroças eram os meios de transportes populares da época, e assim durante o desfile da Mudança “carregavam as críticas”, e os foliões, as crianças, iam até a Praça da Sé e voltava para o Garcia. “Ia todo mundo e tinha a charanga no chão, a batucada”.

(Organizador 2, Dirigente da ARCCB, homem, 71 anos, nascido no bairro do Garcia)

FIGURA 12 - Desfile da Mudança do Garcia, onde havia até o ano de 2010 a prática dos grupos desfilarem com carroças puxadas por animais cavalos e burros em 1986, na Rua Prediliano Pita, Fazenda Garcia



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT, 2019).

Acervo fotográfico da Fundação Gregório de Matos

Quando a Mudança passava no bairro, já havia reclamações de alguns moradores, quanto aos dejetos, e na cidade seria impossível não saber quando o trajeto da Mudança passava. A proibição dos animais nas festas populares na Bahia vem após alinhamento e termo de conduta com o Ministério Público da Bahia, já nos anos 2000. Embora o número

de carroças nesse momento já tenha sido de menor proporção, a proibição legal veio em defesa aos animais expostos em ambientes desfavoráveis. A polêmica da presença dos animais teve um estreito vínculo com a Mudança, no entanto, a prática era comum e, até em maior escala em demais festejos, como na Lavagem do Bonfim.

Dias (2017) relata que este modelo ocasionava o deslocamento dos grupos de cavaleiros de outros bairros da cidade, como do bairro da Santa Cruz, o qual já participava com frequência para as festas de largo da cidade e do carnaval, sobretudo na Mudança do Garcia.

Outra característica, conforme explica Oliva Junior (2008) é que há na Mudança do Garcia uma vasta reunião de mensagens verificadas através das imagens. Segundo o autor, deve-se considerar que o objetivo da Mudança se centra na capacidade individual do cidadão de se manifestar e expressar de forma democrática, através das mensagens que carrega no desfile e transmite para toda a sociedade, mesmo daquelas das homenagens pessoais a amigos e políticos. Assim, Oliva Junior, (2008, p. 94) complementa dizendo:

“As mensagens imagéticas podem ser literárias em formato de pequenos textos, as não-verbais, através da produção de fantasias, máscaras e representações simbólicas, que remetem a conteúdos políticos das esferas municipais, estaduais ou nacionais”.

Para Lima (2010, p. 71), o carnaval da Mudança do Garcia preserva esta singularidade estética, o qual resume sua forma e conteúdo, dizendo:

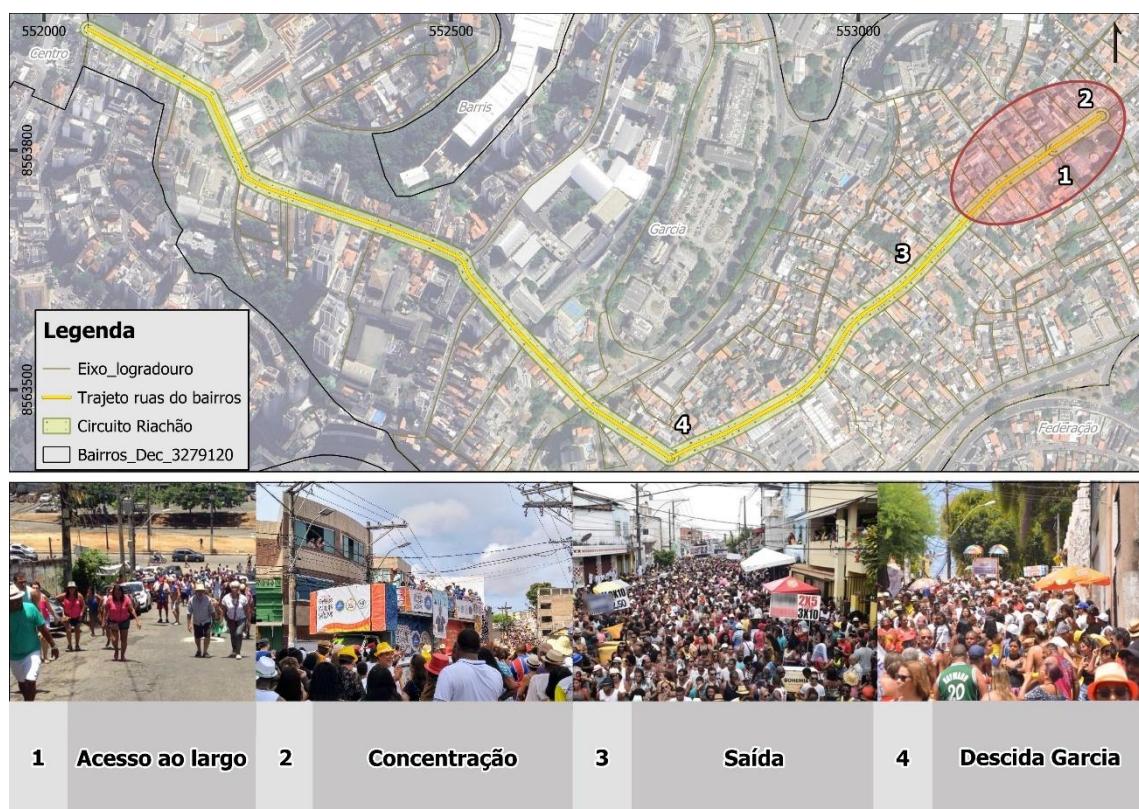
“É uma das manifestações mais díspares e legítimas do Carnaval de toda Bahia, com algumas milhares de pessoas que saem pelas ruas, sempre na segunda-feira, acompanhando carroças com muita folhagem, gente fantasiada, batucadas refinadas, e um tom geral de anarquia e protesto. Vale tudo!”

6.3 A Mudança do Garcia e o Circuito Riachão

Ao longo do tempo, a maior parte da festa ocorre nos limites internos do trajeto oficial, e, ainda hoje, mesmo antes de irromper a passarela do Campo Grande, “são percorridos cerca de três quilômetros” (Machado, 2016, p. 140). Destes, cerca de 1,6km são percorridos no bairro do Garcia partindo da Praça Marquês de Olinda (Fazenda Garcia), seguindo a Rua Prediliano Pita e Avenida Leovigildo Filgueiras, até a entrada do bairro. E, da entrada do bairro do Garcia, até o seu final, tradicional na esquina da Casa d’Itália, percorrem-se aproximadamente mais 1,2km.

Embora a chegada dos foliões ao largo do final de linha do bairro (Praça Marquês de Olinda) se inicie aproximadamente às 9h da manhã, a maior concentração populacional ocorre, sobretudo entre as 11h-13h para saída do desfile. O espaço é então ocupado por foliões, agremiações formados por sindicatos, artistas, empresas, famílias e amigos, foliões avulsos, carros e trios elétricos. O restaurante Aconchego da Zuzu, localizado no final de linha, é uma referência de encontro entre os participantes, o qual funciona durante toda a segunda-feira da Mudança, servindo o tradicional prato de feijão para iniciar o percurso.

FIGURA 13 -Traçado do percurso realizado no Circuito Riachão, nas ruas do bairro



Fonte: elaboração própria (2025)

A administração da Mudança, no presente, é dividida entre as duas associações localizadas na Fazenda Garcia, a Associação de Moradores e Amigos do Garcia (AMAG), e a Associação Recreativa e Cultural Chupe Bico (ARCCB). De acordo com a fala do Organizador 1 os recursos financeiros mais expressivos, vem do financiamento público da Bahiagás e Secretaria de Fomento ao Turismo (SUFOTUR) para custeio dos cachês dos músicos presentes na Mudança do Garcia. A verba chega através da pessoa jurídica (CNPJ nº 40.594.210/0001-70), da AMAG, reconhecida através da Lei ordinária

municipal nº 7171, de 20 de dezembro de 2006.

O Organizador 2 demonstra conhecimento sobre isto ao afirmar estar em uma enorme crise financeira, com diversas contas do carnaval sem faturamento. Anualmente, a ARCCB realiza empréstimo para custeio dos gastos com a Mudança, que são pagas após o recebimento da verba pública do Estado da Bahia, e seu fracionamento por parte da AMAG, que recebe diretamente os recursos. Entretanto, o Organizador aborda a questão política na distribuição e os bastidores, ao relatar:

“A verba da Mudança vem do poder público: estado através da Bahiagás para manter trio e pagar cantores. Este ano a verba municipal não chegou até nós, ele paga o artista. Todo ano a gente toma empréstimo, quando recebia da prefeitura a gente pagava, este ano não pagamos ainda!”

(Organizador 2, Dirigente da ARCCB, homem, 71 anos, nascido no bairro do Garcia)

Além da segunda-feira de carnaval com a Mudança, a ARCCB realiza outra atividade carnavalesca de abadá, na Quarta-Feira de Cinzas, sempre das 17h até umas 19h, com o arrastão da Charanga nas ruas da Fazenda Garcia, pois para o Dirigente da ARCCB, a divisão das tarefas ocorre da seguinte forma: “*A Chupe Bico se preocupa com esta parte histórica e a AMAG com a moderna, o trio, os cantores*”.

Dentre os custos para a parte da “Mudança velha”, chamada de “Chão”, cita-se o pagamento dos músicos da Charanga, grupo de som popularmente caracterizado como banda de catarro e cuspe, e o grupo das baianas, uma vez, que ambos compõem a ala da frente da Mudança, junto com os bonecos. As Baleias de Itapuã compõem o movimento a partir do convite da ARRCB. A Figura 14 mostra a baleia de Itapuã no desfile em 2024, ala das baianas na Mudança do Garcia na passarela do Campo Grande, em 2018.

Para uma melhor compreensão quanto aos recursos e direito de acesso às políticas públicas após oficialização da Mudança do Garcia, enquanto Circuito Riachão por parte do poder público municipal, questionou-se os seus resultados aos organizadores e gestores municipais entrevistados.

De acordo com o principal organizador da manifestação cultural carnavalesca e Presidente da AMAG o reconhecimento da Mudança do Garcia, em circuito oficial da cidade, não significou maiores investimentos financeiros para a festa. E acrescenta que, esta iniciativa se deu ao presenciar o alcance midiático do convite da Associação de Moradores e Amigos do Garcia (AMAG), da participação do artista popular Riachão na festa em 2013.

FIGURA 14 – Componentes da Mudança de chão, segundo a ARRCB



Fontes: SECULTBA (2025); Brasil de Fato (2024); Jornal Grande Bahia (2024)

A fala da vereadora autora do projeto de reconhecimento do Circuito Riachão, de oposição da gestão municipal, concorda com o discurso do principal organizador da festa, quanto ao acesso dos recursos financeiros, tendo em vista a aplicação da lei por parte da prefeitura e diz: “*Transformou em Circuito, mas não tem nada significativo, não tem dotação orçamentária*”. Mas pontua que, devido a isto, algumas ações puderam ser exigidas e permitiram um melhor ordenamento da Mudança, como a ampliação da iluminação pública em alguns trechos de ruas, inserção de pontos com banheiro químico e melhor reconhecimento do horário do desfile.

As informações recolhidas através das conversas e entrevistas assumem muito mais a informação de que o interesse de um grupo político municipal específico em reconhecer de forma legal a Mudança do Garcia, enquanto Circuito Riachão.

O trecho abaixo demonstra a visão de um gestor que participa da Mudança do Garcia e possui experiência com os demais circuitos da cidade, como o Dodô e o Batatinha. A entrevista cita alguns problemas, inclusive das problemáticas relativas ao descaso do Circuito visto após o credenciamento do seu micro trio ao desfile.

“Eu acho um dos circuitos mais difíceis, ele é apertado, tem muita ladeira, isso para os carros é muito difícil, é muito cheio, tem muita criança e idosos, é muita tensão! Anda, aí de repente não anda mais. O motorista fica exausto. A

Mudança é o único circuito que eu sempre preciso comprar água no caminho para a equipe, porque faz muito calor nesse horário! E tem uma diferença muito grande porque você não tem a presença forte da organização do carnaval, com fiscal e polícia, com ordenamento de horário de saída, como tem na Barra [Círculo Dodô]. É uma coisa completamente autogerida. Você vai e conversa com as outras atrações, que te diz: *Seu som está muito alto. Fique longe!* Você precisa andar mais um pouco. É diferente dos outros circuitos que tem um poder público com gestão presente. Na Mudança não vejo isto, como nos outros circuitos da cidade, eu vejo só lá no Campo Grande, um fiscal da SALTUR sozinho com um rádio na mão. Tudo isto é importante para o bom andamento do evento. Quando integrou ao circuito eu até achei que iria mudar. Eu acho que precisa ter mais conversa, não pode ser uma coisa solta, porque não funciona mais”.

(Produtor musical, homem, 57 anos)

O circuito passou a ser oficializado através da Lei Ordinária Municipal nº 8.926/2015, titulando o cortejo pelo nome do artista Riachão do circuito da Mudança do Garcia, no carnaval de Salvador, de acordo com autorização do Conselho Municipal do Carnaval, Figura 15. Assim, a Mudança percorre o Círculo Riachão (em todo o bairro) e deságua no Círculo Osmar (Campo Grande).

FIGURA 15 - Alteração do nome do cortejo Mudança do Garcia para Círculo Riachão a partir do projeto do legislativo municipal



Fonte: Sistema Leis Municipais Salvador, em 21/10/2015.
Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2015/893/8926/lei-ordinaria-n-8926-2015-denomina-de-riachao-o-circuito-da-mudanca-do-garcia-no-carnaval-de-salvador?q=8926%2F2015>

Em contexto espacial da Mudança, uma das transformações foi o surgimento das *carrocicletas* em substituição às carroças, que fizeram ao longo de anos, o trajeto carregando objetos de protesto, pessoas e ornamentos. As *carrocicletas* são parecidas com um triciclo, empurrado por um condutor, as quais carregam cartazes há 12 anos, de acordo com a Associação Chupe Bico, responsável por colocar estes instrumentos técnicos no desfile da Mudança. A imagem abaixo faz alusão a comemoração do bloco afro da cidade Ilê Aiyê, o qual desfila no circuito do Campo Grande.

FIGURA 16 - Carrocicleta carregando as “frases de protesto” subindo o Garcia, durante a Mudança de 2025



Fonte: Paula Fróes, Portal Correio (2025)

O carnaval do Garcia é carregado de simbolismos. É inegável a atuação política no histórico da festa, principalmente, quanto ao significado do desfile da Mudança do Garcia no Campo Grande. Na construção da tradição da Mudança perpassa alguns momentos emblemáticos como o do carnaval de 1997. Segundo o antigo dirigente Raimundo Bujão, quando o Malê Debalê desfilou com seu levante Malê na Mudança foi porque não havia conseguido financiamento para o seu desfile no circuito oficial Osmar do carnaval. Então estar presente no desfile da Mudança significou irromper os portões para acessar a passarela do circuito do Campo Grande e reclamar ao mundo esta situação. Pode-se pensar neste cenário, além das negociações entre os elementos de estrutura de mercado, em um período ainda de efervescência do axé music nos anos 90, com este

momento de escape e, assim, pensar se haveria a possibilidade de desfile se houvesse verba para este ano.

“Em certos períodos de determinados gestores da cidade fomos até ameaçados de acabarem a Mudança porque quiseram responsabilizá-la porque eles têm todo o aparato policial ali na hora e as pessoas que respondiam pela Mudança de ter que receber a submissão, foram chamadas e ameaçadas durante o governo de Imbassaí. Mas daí os organizadores foram na imprensa e contaram que ele (o prefeito) baixou a guarda. Até hoje tudo é feito com muita lamentação”.

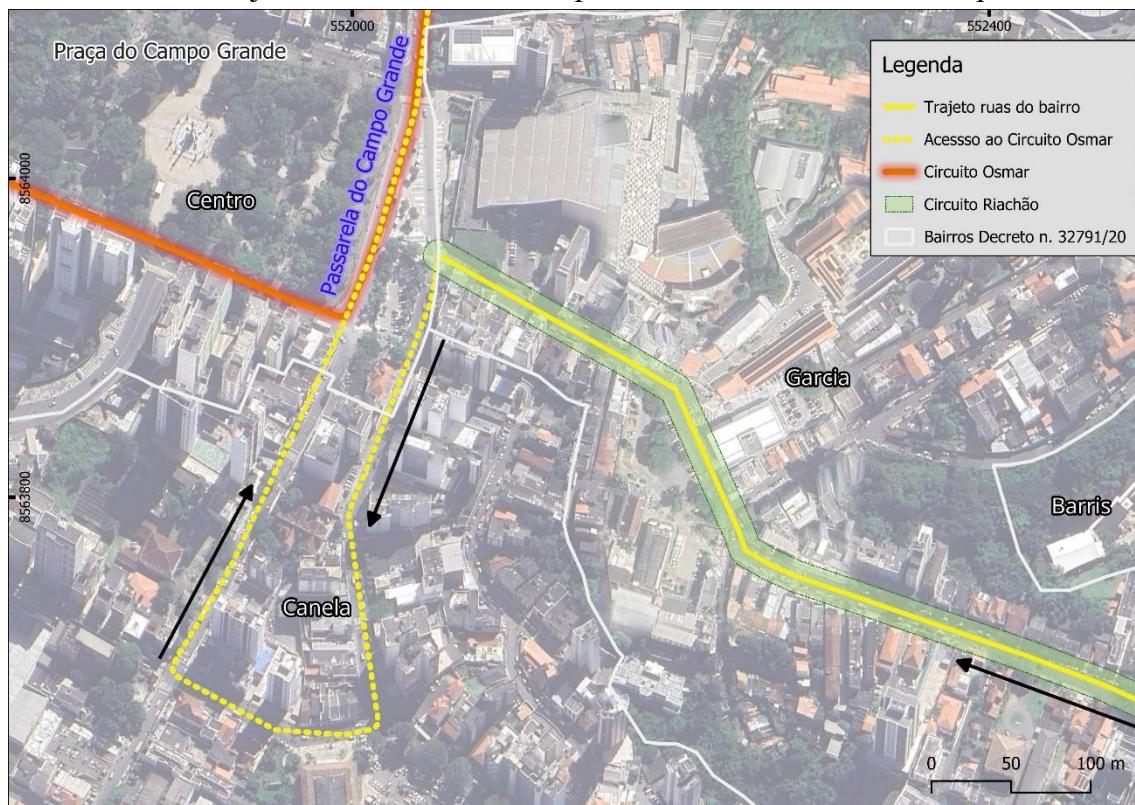
(Comentário anonimizado)

O relato acima consiste em uma narrativa de ações truculentas dos gestores políticos durante os anos de 1990 de maior atenção do movimento do axé music no circuito do Campo Grande. Em momento de maiores tensões socioespaciais, porém, se destaca a representação e poder por suporte midiático, com sentido geográfico na passarela do Campo Grande.

“A própria organização do carnaval faz com o povo do Garcia. Ali é o povo que não tem dinheiro! O cara que não pode pagar um abadá de dois mil, e quer passar na televisão, para alguém dizer que viu ele. Quando chega no Campo Grande, que é na hora da gente curtir essa história, aí vem as Muquiranas, o Psirico e mistura tudo”.

(Folião 2: Turuca Carro de Palha, homem, 67 anos).

FIGURA 17 – Trajeto do Circuito Riachão para o Circuito Osmar, no Campo Grande



Fonte: elaboração própria (2025) com base no Decreto municipal n. 8.626/2015 e entrevistas

Ainda que a Mudança tenha sido considerada uma manifestação popular em prol, unicamente da luta das classes para se mudar a realidade dos grupos sociais discriminados, diferentemente das experiências dos outros desfiles, há neste contexto socioespacial, a vivência e a construção de gritos necessários à sociedade.

Nesta fase de ascensão do axé music e dos desfiles no circuito Osmar, Dias (2002) contribui em seu trecho “*Mudança do Garcia: um Campo Grande cada dia mais distante*” ao afirmar que o tempo do carnaval do Garcia é diferenciado, pois se deslocava sem cordas, sem blocos de trio, incorporando qualquer folião que queira acompanhá-la na diversidade sons e ritmos musicais produzida ao longo de seu percurso. E complementa apontando que, todo o seu desfile é realizado sem se ater aos cronômetros do desfile oficial nem aos rígidos tempos exigidos pela televisão presente.

As falas dos principais organizadores, defendem a afirmação constante em caracterizar a Mudança do Garcia enquanto manifestação cultural e não enquanto um bloco carnavalesco. A questão é que a Mudança é profusamente conhecida como um bloco popular e, poderia, até ser classificado como um bloco atípico, composto por variados grupos independentes de pessoas, sons, fantasias, horários e encontros, desfilando somente durante um dia de evento, na segunda-feira do carnaval. Quanto a isto Machado (2016) reconhece a Mudança como um bloco, onde há um conjunto de outros blocos no contexto espacial. Assim, com base nas falas e na literatura, assume-se neste trabalho, desta forma, a razão de se considerar a Mudança do Garcia enquanto manifestação cultural carnavalesca e, não tão somente bloco.

Quanto aos resultados referentes à execução de todo o percurso do Circuito Riachão, a maioria dos participantes realiza de todo o percurso do Circuito Riachão e seguem até o final da passarela do Campo Grande, no Circuito Osmar, onde costumeiramente a Mudança começa a se dispersar. Isto está associado aos seus perfis. No entanto, as exceções se referem à faixa etária, problemas de saúde e, escolha individual de permanecer no ponto de referência dos encontros entre amigos e familiares.

FIGURA 18 – Concentrações populacionais nas Mudanças nos carnavais de 2018 e 2025



(A) Participação dos moradores da Fazenda Garcia no circuito Riachão no ano de 2018; (B) e (C) Grupos de samba de chão e foliões avulsos na descida do arco na Mudança de 2025.

Fonte: Moradores da Fazenda Garcia na Mudança de 2018; Portal G1; Web site Acorda cidade (2025)

Construção de narrativas emblemáticas da entrada da Mudança do Garcia na passarela, com relatos sobre o desrespeito aos foliões da Mudança: “Parece que a Mudança suja o carnaval, entendeu? Não respeitam a Mudança. Isso não acaba, não”.

“O horário da Mudança é que é terrível! A organização (*do carnaval da cidade*) tinha que deixar a Mudança desfilar à vontade, entendeu? Vocês têm 1 hora para ficar aqui no circuito, pronto! A gente ficaria ali! O trio elétrico ficaria lá longe para poder a gente ouvir a nossa música. Então quando chega no circuito, a Mudança vai entrar, aí vem o trio de Canário, aí já está saindo o trio de não sei quem, aí já está a gente imprensado, aí não aconteceu muita coisa, fica feio! Ninguém ver a gente! A imprensa não ver! Eu dou sorte que ainda me filmam pelo fato da persistência de estar ali todo ano. Oiá, Turuca de novo!! Mas até para entrevistar é ruim, dois trios elétricos tocando e a gente no meio. Não tem jeito!”

(Folião 2: Turuca Carro de Palha, homem, 67 anos).

O ponto de encontro popular do bairro e da Mudança é o restaurante Aconchego da Zuzu, localizado no final de linha:

“Saio de casa (Pituaçu) para a Mudança às 6h30, 07h00. Quando eu saio atrasado eu já saio nervoso, porque eu gosto de chegar cedo e aquilo ali enche rápido! Eu chego umas 8h00-08h30h e lá o negócio do feijão, lá no Recanto da Zuzú. Lá eu como o feijão, dou risada e saio com a Mudança às 11h30”.
(Folião 2: Turuca Carro de Palha, homem, 67 anos).

Dada a estética ainda presente na Mudança, embora em menor expressão, observa-se um folião permanente, o qual revela-se aqui o seu nome artístico, devido ao personagem apresentado ao longo dos anos de desfile. Trata-se do Turuca do Carro de Palha ou ainda, Turuca Carro de Palha. A narrativa singular de sua performance na Mudança do Garcia, iniciou logo após sua participação na festa popular da Lavagem do Bonfim, influenciado por um amigo de percurso. A performance deste folião no carnaval do Garcia é original devido às técnicas utilizadas e persistência de participação. É por meio de um carro Brasília da Volkswagen, ano 1977, que Turuca Carro de Palha sai de seu bairro na orla atlântica da cidade, distante do bairro do Garcia todos os anos para desfilar na Mudança.

A história deste personagem é interessante. Mecânico profissional, com período de trabalho como piloto de teste na Fórmula 1 – período inclusive que interrompeu seu desfile na Mudança por 6 anos – recriou um transporte inspirado no desenho de carros franceses de 1920, o qual desmontou, retirou a carroceria, alongou o seu chassi e, recria constantemente sua cobertura com no mínimo doze palhas de coqueiros extraídos de seu quintal. É importante inteirar sua fala de que o veículo é regularizado.

Antes de sugerir as perguntas sobre as transformações e tendências na Mudança, o Turuca Carro de Palha já defende que sua resistência não acabará no carnaval do Garcia, reconhecendo as diferenças com o carnaval elitizado da cidade: “*Prefiro estar no Garcia a estar em Ondina na multidão com cordeiros e multidão, são quatro mil pessoas iguais*”. Desde a criação do carro de palha em 1986 e saídas “somente” no carnaval da Mudança desde este início, Turuca desfila em marcha humana, sem cordas, notadamente. Para ele:

“Somente em um ano, eu sozinho, depois da Mudança entrei no sentido contrário do corredor da Vitória (bairro próximo ao largo do Campo Grande), desci a ladeira da Barra e entrei com o carro no circuito da Barra-Ondina. Fui desfilando e o povo entrando no carro, até as 2h da manhã”.

Conforme sua entrevista, a principal motivação de integrar a Mudança está no fato dos encontros e reconhecimentos dos laços constituídos ao longo de todos os anos na territorialidade da festa. A consciência quanto a relação individual do sujeito com mundo

e sua realização pode ser observado quando, uma vez ele diz: “*Eu estou aqui com o carro que eu criei e estou no mundo todo. Eu me sinto grande!*”. O seu discurso de memória e ação, revela ainda mais do seu processo consciente de mundo, ao declarar: “*A rua é nossa, a rua não é de corda, a corda é para amarrar alguma coisa!*”.

A sua história de vida tem proximidade com a música, tendo exercido a atividade profissional após sua aposentadoria, próximo às estrelas do carnaval baiano, Luiz Caldas. As descrições sobre suas performances durante a Mudança do Garcia revelaram experiências nas dimensões do lúdico, como na cena retratada através de música, de uma confusão com o carro de palha que, quase se desfez, ainda na época das carroças guiadas por tração animal. O caso, é que quando Turuca viu seu carro sendo mastigado por um jegue e ter reclamado com o dono do animal para afastá-lo, rendeu uma baita comédia, com o dono defendendo que seu animal estava somente cumprindo sua necessidade básica de se alimentar. Com o Sr. Turuca defendendo o seu carro a confusão só finalizou com os guardas conciliando o afastamento do equino.

“[...] Na Mudança do Garcia
No meio da multidão
Pintou um lance engraçado
Um jegue foi sensação!
Quando viu o carro verdinho
Com a fome que ele estava
Chegou bem devagarinho,
Encostou e deu uma bocada!

É Turuca tocando e o povo atrás.
Esse tal desse samba é bom demais
A galera sambando como quê
E Turuca botando para ferver

Com aquela confusão
Chamaram o militar,
Pediram para resolver
E para o jegue parar de mastigar o carro
E deixar a briga para lá...
Essa história interessante
Só Turuca para contar”!
(Luiz Caldas, 2014)⁸

Para completar a análise deste acontecimento peculiar há, entre as experiências, a possibilidade de riso, fato, o que não é visto como algo negativo, mas um elemento que

⁸ Música: “Turuca Caiu no Samba”, do álbum, “Pode Sambar”, de Luiz Caldas, ano de 2014. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luis-caldas/discografia/pode-sambar-2014/>

se faz presente nas participações da Mudança, cujo tratamento pode ser dado apenas como mais um recurso de divulgação de mercado.

Pode-se dizer que o depoimento das jornadas do Turuca Carro de Palha foi um dos mais cômicos, porém não menos consciente e politizado. Como folião permanente e livre, no sentido de não estar ligado a financiamentos públicos, e deixar seu carro livre de quaisquer faixas de protesto, sua fala sem viés político compreende a dimensão da importância do “carnaval do povo, do bairro”, ao avaliar o processo de mercantilização da festa da cidade em circuitos, exemplificado através do carnaval extinto do bairro do Uruguai, em Salvador.

Essa discussão das transformações leva a mais um aspecto forte na festa. Outra transformação do contexto espacial é o estímulo do carnaval da Mudança ao modelo atual de minitrios nas ruas através do financiamento público. Algumas ações de gestores públicos em colocar trios nas ruas do bairro na manhã de segunda-feira, ocupam o espaço dos foliões, das bandas e blocos de chão, ao passo que induz tensões em direção a descaracterização da Mudança à agregação mercantil. Há um movimento claro nos últimos anos da expansão do modelo, embora “falido” do carnaval dos grandes trios. Pode-se afirmar, que o bairro é visto como mais um ponto estratégico para absorção de técnicas e transformação de público.

Durante o período de trabalho de campo, em 2019 a presença de diversos trios já estava acentuada limitando o espaço e o trajeto do percurso. A festa já estava com uma lotação acentuada de pessoas no largo, por volta das 13h, e para conseguir avançar no trajeto, foi necessário descer a ladeira do final de linha, acessar a rua de vale Padre Domingos de Brito, subir novamente até o arco e acessar novamente o desfile. Este trecho largo de rua permitiu o novo acesso ao percurso, mesmo lotado de pessoas, ambulantes e com a passagem de sequência de minitrios.

Observou-se, também, no ano de 2019, o adensamento representativo de trios na Mudança. Os foliões avulsos, crianças e famílias estavam espremidos na rua estreita da Prediliano Pita. Alguns bloquinhos se destacaram no percurso, o Quadro 3 lista alguns destes grupos, os quais foram possíveis conversar, mesmo com o intenso barulho e calor. O bloquinho Os *Pierrots* de Plataforma (nome de bairro de origem) participou em menor número de seus associados mascarados, no entanto, o número de integrantes chegou a

105 integrantes, de acordo com um dos responsáveis pela organização da pequena equipe até o desfile da Mudança.

QUADRO 3 - Blocos identificados durante o circuito Riachão, percurso da Mudança do Garcia em 2019.

Bloco	Lugar de origem	Modalidade de desfile	Fantasia ou traje	Sexo/Idade	Tipo de Financiamento	Onde desfilam
As abelhinhas	Garcia	Minitrio puxado por carro	Fantasiados de abelhas com rosto à mostra	Homens e mulheres acima dos 18 anos	Contribuições dos integrantes	Somente na Mudança do Garcia
Os Pierrots de Plataforma	Plataforma	A pé	Roupas de <i>pierrot</i> com rosto escondido	Homens e mulheres acima de 16 anos	Mensalidade dos integrantes valor R\$ 100 reais	Mudança do Garcia, Pelourinho
Amigos do acarajé	Fazenda Garcia	A pé	Abadá	Homens e mulheres acima dos 18 anos	Mensalidade dos integrantes	Somente na Mudança do Garcia

Fonte: Autora (2019) a partir da observação de campo

No caso da Mudança não há taxas para participação das atrações. Neste período da Mudança, em 2018 surgiu o convite da atração do músico Ivan Huol. O músico propôs, há vinte anos, o conceito de desfile com microtrio enquanto alternativa ao tamanho do trio elétrico na cidade. Segundo o produtor musical da banca de Ivan Huol, a participação é profissionalizada com tema diversificado por ano para o desfile da banda com o design do microtrio e figurino da banda, produtores, técnicos, motoristas, seguranças a produção é identificada e o trabalho acontece com a parceria do financiamento público, em 2025 por parte da empresa estadual Bahiagás.

De acordo com os dados fornecidos e catalogados pela organização da Mudança, as atrações de minitrio na Mudança do Garcia para o ano pós-pandemia de 2025 superaram as atrações de chão e do conjunto de blocos, apresentados no Quadro 4 abaixo.

QUADRO 4 - Ordem das atrações da Mudança do Garcia 2025 para saída do desfile por categoria

	Banda de catarro e sopro ¹	Bloco	Representação e Fantasia	Minitrios
Atração estimada	1ª Charanga da Mudança	2ª Bloco do Galo	3ª Baleia de Itapoã	13ª Ivan Huol
		5ª Samba Popular	4ª Carro de palha	14ª Vitrolab
		6ª As Abelhinhas	12ª Pierrot de Plataforma	15ª Pranchão Claudya Costta
		7ª Chupe Bico		16ª Trio Feras Mil
		8ª Bloco das Baianas		17ª Trio Mucugê
		9ª Sambalança		18ª Trio Marimbada
		10ª Samba do Papelão		19ª Trio Samba e Suor
		11ª Bloco Antiaixaria (com carro furgão)		20ª Trio Muller
				21ª Trio Samba do Pânta
Totais	N = 1	N = 8	N = 3	N = 9

¹A expressão popular utilizada para classificar banda de músicos composto somente por instrumentos de sopro.

Fonte: Organização da Mudança do Garcia (2025).

No percurso da Mudança não havia blocos de trio até a sua inserção estimulada. A dimensão da música durante o carnaval é ainda mais gigantesca e as formas do seu consumo é variado, isto dentre ritmos, amplificações e público. Os entendimentos entre os participantes fornecem um período aproximado de inserção dos minitrios na Mudança, visto através das seguintes falas:

“Antes era um carro de som com uma bandinha. O trio começou com Pedro Irujo patrocinando o *Bloco dos Cornos*, eram dois trios só, esse ano teve sete, oito trios na Mudança”.

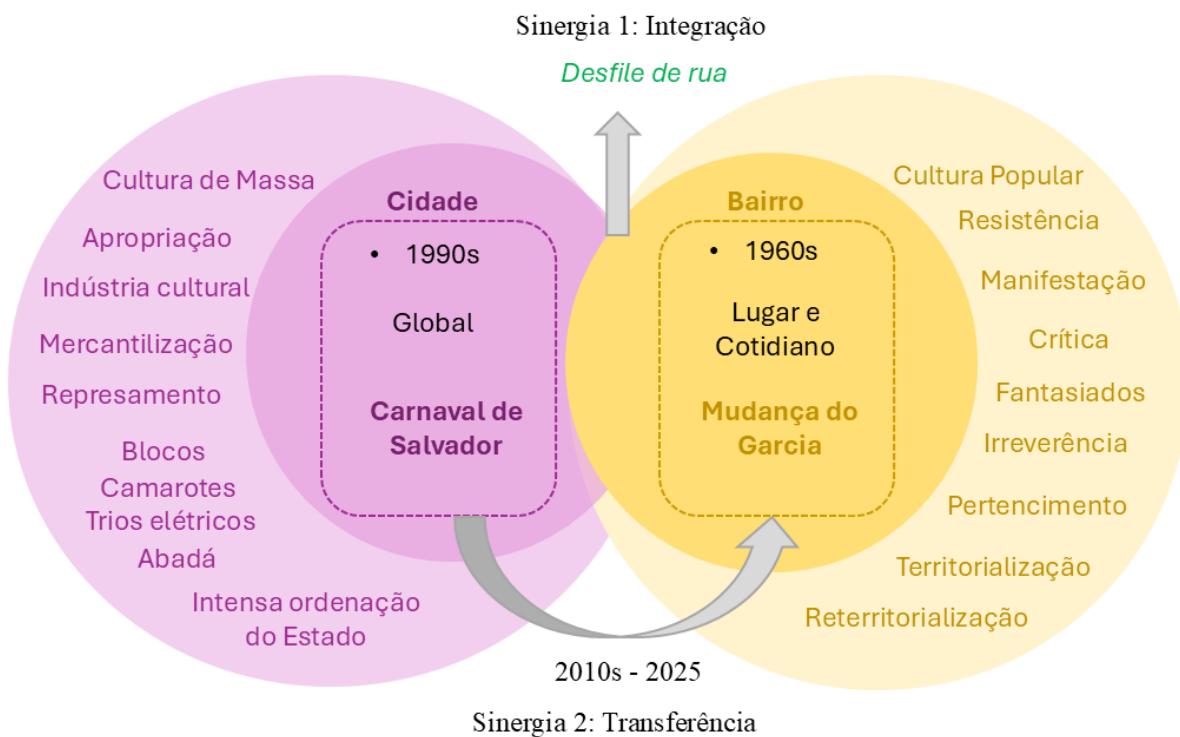
“A Prefeitura acha que a Mudança é bagunça, é colocar um trio e sai. E a Mudança não é isso, é a parte cultural”.

(Organizador 2, home, 71 anos, nascido no bairro do Garcia)

Essas falas estão alinhadas com a construção de características contemporâneas do carnaval de bairro, competitivo de se fazer parte do modelo orientado à estrutura do carnaval de massa produzido pela cidade. Embora o carnaval da cidade tenha, ao longo do tempo, incorporado variadas manifestações culturais do lugar (Dias, 2018), o movimento sinérgico atual é dado, de certa forma, pela busca dos patrocínios públicos que sustentam esse modelo padronizado em declínio, o qual sustentam uma sinergia para

um desfile de rua integralizador das massas. Os blocos de trio puxados pelas chamadas estrelas da axé music são fenômenos relativamente recentes na história do carnaval da cidade, no entanto bastante expressivo, exemplo deste cenário. É plausível dizer, contudo, que a essência do lugar ainda persiste, não interrompendo o seu cotidiano. Na Figura 19 abaixo, é apresentado um esquema desta troca.

FIGURA 19 – Processo de sinergia entre o carnaval da cidade e carnaval de bairro



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Da transferência das características do carnaval da cidade para o carnaval de bairro do Garcia, o tempo da Mudança acompanhou, neste modo, o tempo dos blocos de trios. A média de tempo do desfile dos trios na Mudança é de 4 horas, isto sem intercorrências. Porém, no presente, não acessa a passarela do Campo Grande com todas as atrações de minitrios, as quais desfilam no bairro, devido a concorrência do horário dos desfiles dos blocos comerciais que desfilam no Circuito Osmar. Nem sempre o desfile da Mudança chega no portão de forma unificada e, assim, os foliões passarem todos juntos.

“Teve vezes que o desfile fluiu melhor, principalmente, quando chegou no Campo Grande, quando a gente consegue passar “tranquilamente”! Eu digo que na hora de chegar no Campo Grande tem que chegar todo mundo junto,

porque se só uma atração chega, eles implicam [organização do carnaval da cidade], pois fica abrindo e fechando o portão. Quando abre o portão todo mundo entra sem revista. Então, se dez atrações passarem, dez vezes tem que abrir o portão! Isso para ver o cortejo. Mas alguns preferem nem entrar no Campo Grande porque para sair é difícil, tem que pegar Av. Sete e pega os trios e blocos grandes. Talvez seja melhor ficar ali no Garcia, mesmo!”
(Produtor musical, 57 anos)

O diálogo do bairro com a cidade visto a partir da presença desta manifestação carnavalesca em um dos principais circuitos do carnaval de Salvador, o circuito Osmar⁹ insiste e resiste. O poder público quer e não planeja nada que englobe a comunidade e a organização da Mudança do Garcia. De acordo, com a entrevista do principal dirigente, Organizador 1, aproximações da gestão pública estadual dos últimos dois anos com a festividade possibilitou o diálogo de mudança de análise sobre o caráter do desfile, visto somente enquanto manifestação de protestos contra as gestões políticas, motivador de conflitos.

“A população antiga possui uma relação de pertencimento com o bairro, porém o movimento carnavalesco de agora, o qual nunca irá acabar, não é a Mudança do Garcia... com as características das quais ela foi criada! As pessoas ainda mantêm algumas características para ganhar o dinheiro, mas objetivamente não é a Mudança! Porque na verdade as características que tinha a Mudança se perderam! Ela não é uma coisa do bairro mais, ela é uma coisa geral da cidade! Eu gosto do bairro, é a minha vida, mas não é a Mudança!”
(Folião permanente 1, homem, 68 anos)”

Neste quesito, merece atenção o fato de que não foi relatado nas falas, quaisquer episódios graves de violências durante o desfile da Mudança no bairro, além destes efeitos na entrada da passarela do Campo Grande. Hajamos vista, um episódio de menor escala tenha sido retratado durante o horário de desfile do microtrio, conforme ilustra o trecho a seguir:

“Eu nunca vi violência e nunca ouvi falar de violência na rua da Mudança. Uma vez, eu vi duas senhoras, duas senhoras, brigando, mas eu vi que elas moradoras! [risos] A violência ali foi que um deu tapa na cara da outra, mas rapidamente passou. Parecia briga de vizinha.”
(Produtor musical, 57 anos)

Em alusão aos tensionamentos do som alto dos trios, da compressão dos foliões de bloco, na passarela do Campo Grande, é válido lembrar o trecho do fala do

⁹ O circuito Osmar é denominado também como circuito "Avenida", e abrange o desfile nas ruas do Campo Grande à Praça Castro Alves.

Organizador 2: “*Fruto desta época também surgiu nosso movimento de samba da “Remandiola”, com pandeiro, timbau, que era engolido no Campo Grande, isso na época do Axé*”.

“A prefeitura por pirraça ou não, sempre coloca a gente estrangulado nos blocos mais cheios, nas Muquiranas, na frente da pipoca de Igor Canário. É para a gente correr mesmo”. [correr, no sentido de desfilar rápido]
(Organizador 2, Dirigente da ARCCB, homem, 71 anos, nascido no bairro do Garcia)

Mesmo que o horário da saída da Mudança para o ingresso na passarela do Campo Grande tenha feito parte de uma agenda do Carnaval da cidade, já após anos de 2010, com organização parcial do tempo, este sempre foi um quesito de descaso pelo poder público, com relatos de ameaças, de acordo alguns trechos de entrevista, como este mostrado abaixo:

“O quantitativo da população de foliões é grande e o tempo da Mudança é lenta, entrar ali no Campo Grande é difícil, é uma loucura, naquele horário de pico e aqueles trios grandes. Teve uma vez que a gente não conseguia se mover. E a polícia militar fez uma pressão para as pessoas da frente passarem, porque a gente estava chegando entre dois blocos muito fortes daquele dia, que era o Canário e o outro não lembro. Se a gente não passasse, iríamos ficar horas”.
(Produtor musical, 57 anos)

Os resultados das entrevistas apontam que, dentre as falas dos entrevistados acima dos 60 anos, nascidos e criados no bairro, alguns deles, autointitulados de “velha guarda”, a Mudança do Garcia virou tema de motivo político, devido a inserção intensa da participação de pessoas pertencentes aos sindicatos operários. Tudo isto superou, ao longo dos anos, o limite meramente estético e comunitário da manifestação carnavalesca. Isto pode ser considerado, a medida em que se incorporou à rua da Mudança, conteúdos contestatórios dos grupos com identidades projetadas em partes distintas da cidade, inclusive do bairro e do mundo, os quais buscam a valorização das suas narrativas e coesão dos discursos integradores.

Entende-se entre os participantes mais antigos, que a visibilidade midiática, a performance do desfile e os corpos dos foliões na entrada do Circuito do Campo Grande, tornaram-se fundamentais ao desenvolvimento das práticas da cultura da mudança. Assume-se, desta forma, o quanto preciso é o seu nome. Mudam-se a cada ano, os seus gritos, produzidos a partir da temporalidade.

A Mudança é ao longo do tempo, persistente no formato de um carnaval popular e absolutamente criativo em usos das fantasias e manifestações (Oliva Junior, 2008).

Contudo o choque, atualmente, entre a cultura de massa e a cultura popular pode ser mensurado na fala dos entrevistados residentes, quando perguntados como avaliam as transformações ocorridas na Mudança e qual a tendência do circuito:

“A cultura popular acaba, têm multidão, é claro, mas não é a cultura da Mudança do Garcia”.
(Organizador 2, Dirigente da ARCCB)

Embora a sociedade presencie um amplo desenvolvimento do “meio técnico-científico-informacional” (Santos, 2006, p. 159), a intencionalidade quanto a divulgação do desfile é historicamente menor no horário nobre da divulgação e programação dos meios televisivos, estando a cobertura do bloco nos sites e redes sociais.

Alguns canais da mídia local, mostram, especificamente nos seus programas culturais em teor humorístico, o trajeto e personagens que acompanham a Mudança, pinelados em forma de comédia, informam a chegada da Mudança do Garcia ao circuito Osmar, noticiam em teor humorístico os atrasos dos blocos dos famosos puxadores dos trios e, do acesso quase sempre dificultado para a passarela e momento de ápice e dispersão. Dentro de uma abordagem qualitativa, para Serpa (2013), a relação entre lugar e mídia articula as atividades comandadas por grupos influentes na cidade, nos espaços-tempo de representação e comunicação, os quais mediam os processos de apropriação socioespacial da técnica e sua transcrição através da tecnologia.

6.4 Perspectivas e Transformações

Com o objetivo de sintetizar a história se considerou neste trabalho atores estratégicos atualmente nas atividades da Mudança para mapear o discurso de memória. As entrevistas contribuíram para as prospecções, análises e associação do carnaval do bairro e do carnaval estabelecido na grande cidade.

Quanto à mensuração sobre avaliação de tendências da Mudança um ponto comum de extrema importância nas falas foi revelado e deve ser aqui considerado. Com base nas respostas, pode-se dizer que a maioria dos participantes indicaram a tendência de um carnaval intrabairro da Mudança. Toma-se aqui, a fala de um dos atores: “*Um contrafluxo e percurso de carnaval exclusivo do bairro*”. Assume-se ainda que há resistência desta configuração espacial por parte de integrantes da velha guarda da Mudança que, por sua vez, guardam na memória o esforço e significado de irromper a

tradicional passarela do carnaval de Salvador. Esses resultados indicam que o ritmo e a magnitude da expansão da Mudança.

No que tange a presença de trios no circuito, grande parte dos depoimentos revelaram insatisfação quanto à expansão dos equipamentos sonoros. Contudo, o processo parece ter sido consolidado, à medida que os gestores públicos incentivam o carnaval do bairro inserindo trios, patrocinando atrações puxadoras dos trios. Com as entrevistas foi possível identificar esforços nesta linha.

Neste quesito, ocorrem divergências entre o membro da Mudança velha, seu principal representante, Organizador 2, e a direção geral, Organizador 1. Enquanto o presidente da AMAG, tenta conciliar a inclusão dos minitrios para agradar ao público, cada vez maior da festa e fixar o Circuito do Garcia no carnaval de rua da cidade, o dirigente da ARCCB, diz: “Minha concepção é radical, era acabar com todos os trios”. De forma similar, o *Turuca Carro de Palha*, acrescenta: “*Meu temor é que acabe a Mudança como acabou o bloco dos Caciques e os outros e virar mais um circuito igual, inclusive não tem nem estrutura*”.

Ainda sobre a presença dos trios, um ponto interessante foi verificar que, até mesmo músicos puxadores do trio no percurso, responderam não serem favoráveis à permanência de micro/minitrios na Mudança. A justificativa parte ainda, de deixar o ambiente da festa conflituoso, devido ao espaço de rua, porém trabalham com a estrutura, enquanto meio de visibilidade. A fala abaixo mostra momentos diferentes de no movimento:

“De todas as participações, em duas vezes, não fizeram todo o trajeto. Uma vez devido ao trio da frente quebrar e a segunda vez porque foi combinado a saída do final de linha até a curva grande”
(Produtor musical, 57 anos)

Salienta-se, ainda, a atenção ao acesso e mobilidade ao largo reduzida, relatado por Organizador 2: “Antes a gente fazia a volta no largo, hoje não podemos mais com tanto carro, trio e ambulante.” Algumas sugestões em substituições a estrutura de trio da festa, contemplaram:

- i. Inserir um carro alegórico;
- ii. Utilizar carros menores com menor potencial de poluição e ruído.

A partir das informações levantadas, observa-se que o estrutura de carnaval homogeneizado é criticado por participantes, sobretudo por aqueles que possuem uma

ligação com o bairro. A imposição verticalizada da infusão dos trios, pode-se dizer, estratégica, especialmente trazidos nos depoimento, como: “*Tem coisas ali que não dá para colocar na ordem*” (Músico Puxador de trio); “*Pra mim tá perdendo o brilho, hoje é muito carro de som*” (Folião Permanente - Turuca Carro de Palha).

Dentre as afirmações mais fortes, descrevem-se os seguintes trechos de conversa em relação a este assunto: “*Devemos lutar pela origem da Mudança, lutar pela parte histórica que não é cantor em cima, a história é em baixo*”; “*A Mudança não é para ter trio. Já se falou de trio, não quer trio na Mudança, mas tem trio lá e ninguém diz nada! Sem caixa de som, é pra ter charanga, banjo*”. Já em comparação com o carnaval da cidade, a inconformação veemente da homogeneização do carnaval do Garcia, é trazido: “*A Mudança é isso, é? Isso tem na Barra. O carnaval do Santo Antônio está concorrendo com a Mudança. Hoje quem vem para o Garcia é o público chicheteiro*”.

A introdução dos trios ao carnaval do Garcia, ainda parece, no presente ser um obstáculo complexo de ser sanado, já que um arranjo de recursos é possibilitado, a partir da massificação deste modelo. Notadamente existe uma inadequação dos trios ao espaço, à proximidade ao público, mas seguinte fala exemplifica a “cultura” criada dos grandes trios na cidade: “*Quanto maior o trio... isso diz a ver da importância do evento*”.

As alterações do tempo recente e a ineficiente participação dos moradores do bairro, podem tornar a expressão popular da Mudança cada vez mais plástica e artificial, transformando algo genuíno em produto comercial. Isso é descrito para relembrar e responder à seguinte pergunta de Lima (2010, p.127): “*De onde vão surgir as sementes de um novo ciclo cultural carnavalesco, do salão ou da rua, das gravadoras ou dos Curuzus, Garcias e Tororós da vida?*”

Além disso, considerando as transições, a estética particular da Mudança ainda persiste, embora alguns objetos e ações se sobreponham ao caráter peculiar do festejo popular, construído a partir dos processos horizontais da sociedade, é preciso considerar simbolismos e traços da estética particular que ainda persiste.

Embora seja difícil dissociar sua identidade reivindicatória das ruas e nas falas dos populares no presente, pode-se dizer que houve uma transformação no seu conteúdo, ao verificar que o contexto foi amplificado por outras pautas, mas que a essência da crítica ainda resiste na Mudança.

De acordo com o Organizador 2, hoje com o trio e a situação política, até os sindicatos não participam tanto, o movimento sindical caiu muito depois do governo de Lula. Mas nos anos do Governo do Bolsonaro as críticas e fantasias voltaram ainda mais intensas: “*Até fantasia de presidiário para ele!*”, acrescenta. Somado a isto, após a pandemia muitos blocos e movimentos se afastaram, como bloco do Galo, e bloco da Baixaria, e voltou esse ano de 2025. A Figura 20 abaixo mostra o percurso “esvaziado” da Mudança na passarela do Campo Grande no carnaval de 2024

FIGURA 20 - Entrada da Mudança na passarela do Campo Grande, carnaval de 2024.



Fonte: Paula Fróes/CORREIO

Neste quesito, foi possível verificar nas falas dos participantes, autointitulados, como a velha guarda do movimento, que existe clara intencionalidade sobre a imagem cultural reproduzida.

Ocorre ainda, nas falas, uma preocupação em equalizar as músicas ritmos e tempos da tradição do carnaval da Mudança, pois para a maioria dos entrevistados a cultura da festa “*A festa cada vez mais tá perdendo suas características*” e assim, deve-se pensar na manutenção das características singulares, em preservação, manutenção e estímulo. Para além de se perder nos modelos que acompanham o espírito do tempo, conciliar para preservar aspectos importantes do território produzido.

É inegável a capacidade transformativa da Mudança, a partir da manutenção territorial envolto de marcadores simbólicos, embora a dinâmica socioespacial vista nos últimos anos tenha tensionado novas incorporações.

Indubitavelmente a Mudança é autêntica, antiga e tradicional, mas não individual. Porém, enquanto realidade é resultante das trocas e formas profundas estáveis, carregado de demais elementos, os quais formam no presente uma festa de consumo cultural. Parte da Mudança, mesmo as mais tradicionais, se perdeu com a vida social e outras partes podem jamais serem reconhecidas.

Para os organizadores e vereadora municipal, a forma de patrimonialização, enquanto forma cultural, reconhecido e vivenciado, pode ser útil, enquanto estratégia do Estado, na instrumentalização da memória. Contudo, as reuniões entre os pares são em escassos encontros e, quando a reunião ocorre, tem função apenas administrativa, como se verificou nos relatos sobre os temas e frequência das reuniões.

Os discursos dos atores entrevistados incluíram identificações de problemas, os quais exigem um processo racional de desenvolvimento de projetos para o fortalecimento das relações de vizinhança, criação de valor na salvaguarda da Mudança do Garcia, e da vida comunitária do bairro. Estas ações são imbricadas ao cotidiano do bairro.

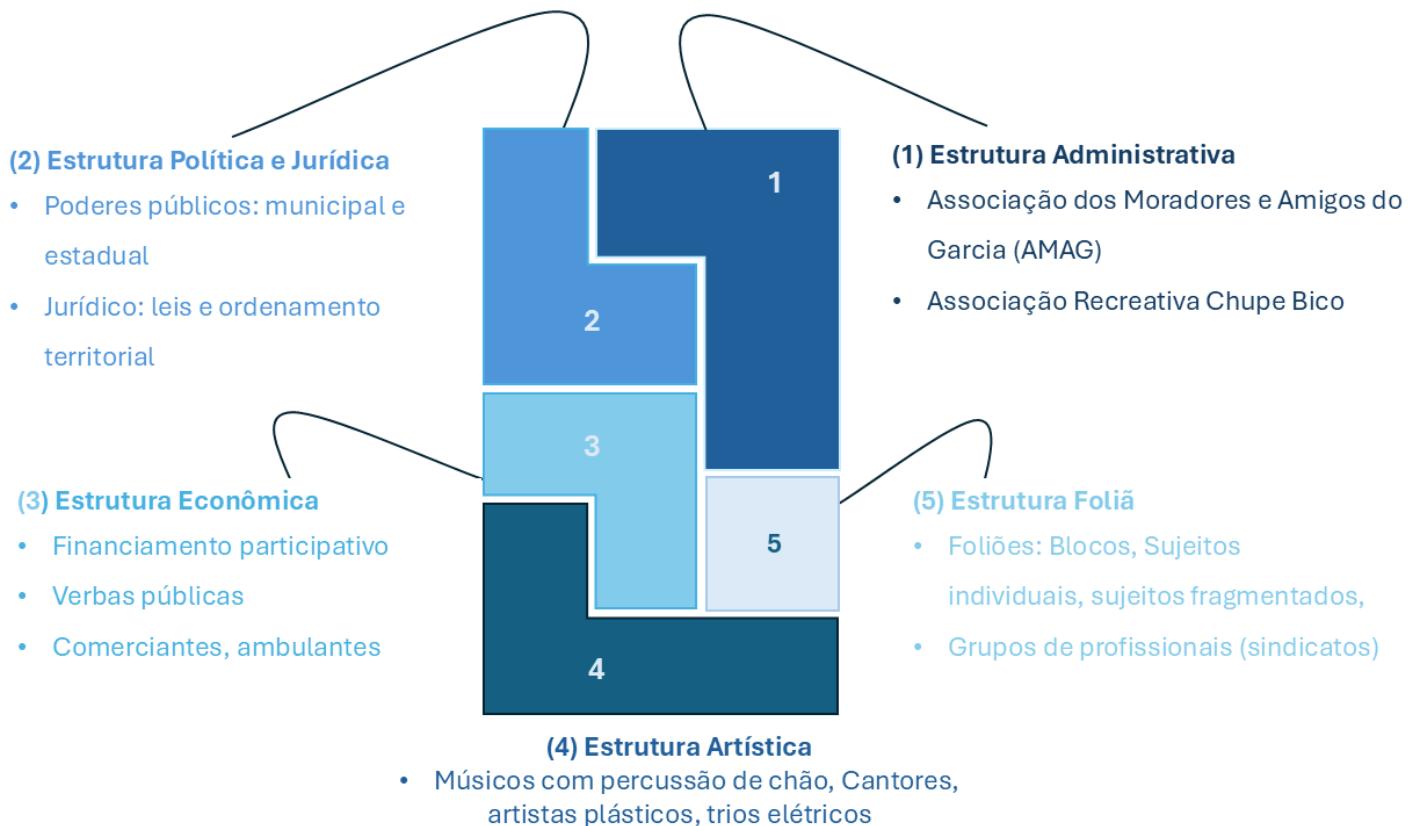
A história da Mudança é do envolvimento coletivo, não houve outra maneira de construção do movimento sem a participação dos moradores, dos foliões, dos agentes públicos, que apresentavam relações de vizinhança e familiaridade com o bairro.

Para responder quais as consequências deste processo de massificação cultural urbana, de apropriação efêmera dos espaços públicos de Salvador, perguntamos sobre as avaliações às transformações ocorridas na Mudança do Garcia e as satisfações a respeito do percurso e criação do circuito Riachão. Desta forma, as narrativas das formas e apropriações ocorridas na Mudança revelam que, há uma variação de intensidade e atribuição de valor da cultura inserido no processo econômico Mitchell (2008).

Nesta abordagem, os atores assumem papel fundamental no contexto da territorialidade da Mudança. Embora não haja de forma transparente e contínua as aplicações das leis, orçamentos e financiamentos da Mudança do Garcia para toda população, identificam-se de cinco estruturas presentes na festa, as quais necessitam ser

projetadas e sistematizadas. A Figura 21 ilustra o contexto atual da festa segundo a perspectiva supramencionada.

FIGURA 21 – Identificação de estruturas presentes na Mudança do Garcia (Círculo Riachão), no presente



Fonte: elaborado a partir dos resultados das entrevistas (2025)

Neste modelo, as vantagens residem no fato de existirem integrações de recursos de naturezas distintas em uma territorialidade com arranjos específicos. Partindo deste modelo, pode-se pensar na dinâmica em forma de níveis organizacionais, sempre integrando e analisando as visões dos múltiplos atores aos seus cenários.

Algo valioso, o qual deve ser considerado, está no fato das pessoas que vivenciaram a maior parte do período de desenvolvimento da Mudança – isto no século XX – pertenciam a grupos ativos e com conhecimento da festa, referenciam tais experiências. Neste quesito a estrutura foliã, artística e parte da estrutura administrativa de bairro integram em maior nível uma estrutura cultural da Mudança, a qual se tornou possível identificar grupo com elementos e práticas culturais de massa e grupos que ainda

persistem com traçados na territorialidade da cultura popular ainda presentes nos ritmos, nas músicas, estética, culinária, laços e interações histórica de vizinhança.

Haja vista que a festa é uma manifestação carnavalesca espontânea de bairro durante o tempo, pressupondo a influência dos aspectos socioespaciais contextualizados, não há como se pensar na Mudança sem pensar no bairro, na Fazenda Garcia. Nesta perspectiva, a jornada de reexistência passa a ser vista pelo seu processo passado. Diante dos argumentos apresentados é razoável dizer que as práticas de consumo do presente são ressignificadas a partir da origem das interações de vizinhança, as quais se desenvolvem ao longo das últimas décadas.

Estes processos contribuíram para a construção de valor histórico e singular da festa. O exemplo do passado pode ser considerado quanto ao fortalecimento das relações cotidianas de bairro. Deve-se ir além da dualidade carnaval da cidade versus carnaval do bairro, compreendendo e destacando o papel das interações comunitárias de identidade.

A compreensão envolve as interpretações do que deve ser feito, incluindo o saber-fazer tradicional, o engajamento socioemocional e as práticas modernas de obtenção de instrumentalização técnica, as quais respeitem o regramento identitário. A Mudança é sem dúvidas, resultante das cocriações das experiências de grupos.

Frente às discussões sobre a identidade da Mudança, conciliar uma aproximação entre a manutenção popular e as práticas de consumo podem ser legítimas. Trata-se de um contexto ampliado, mas presente na festa, ou seja, novas formas de organização da mudança são fundamentais, dado o processo atual de reexistência.

O espírito do presente convida a repensar ações, o qual primeiro, deve-se entender a condição atual da festividade e o papel socioespacial que a Mudança desempenha na história do carnaval da cidade de Salvador e no carnaval do Garcia. Um caminho possível é buscar responder às seguintes perguntas: Será que existe um percurso ideal envolvendo as partes? Ou ainda, como ressignificar o processo atual em mais um ato de resistência ao modelo impositivo do capital? Quais resgates e ações são propostas pela comunidade?

Diante disto, é preciso assumir o contato dialógico constante e público com os atores participantes e demais sujeitos passíveis de integração. Dessa forma, se obriga a tornar claro as comunicações comunitárias, a criar diversos cenários e propostas a

avaliação diagnóstico. As transformações não se fazem acima de contextos e políticas neoliberais, que afetam este fazer com raízes e frutos do cotidiano do bairro.

Finalmente, com esse conteúdo, pode-se sugerir criar a cultura dialógica aberta das ações de grupo. Assim, conduzir e avançar nas ações as quais possam tensionar políticas públicas (propostas de programas e ações) efetivas para a Mudança do Garcia – e manifestações culturais de bairro na cidade – através da interlocução com órgãos públicos e a gestão pública possa contemplar resultados da organização comunitária e do movimento popular. Para isto, a proposição de cenários e a consulta ativa da população do bairro e dos atores sociais da Mudança.

Necessário a coleta, sistematização e espacialização de dados para elaboração dos diagnósticos e cenários, mapeamentos para processos de tomada de decisão da organização e reivindicação para efetivação das políticas públicas já garantidas (respectiva lei do Circuito), bem como de demais formulações, as quais abrangem as seguintes condutas comunitárias:

- Desenvolver estudos, planos comunitários e/ou mobilização social e elaboração e análise de indicadores;
- Sensibilizar e mobilizar a população através da organização comunitária e movimento popular das oficinas de inclusão e atividades de mapeamento;
- Executar consultas ativas no bairro, utilizando o espaço do largo para campanhas e ações de comunicação efetiva, através de cartazes, conversas, imagens e convites das entidades e dos participantes que possam debater sobre suas participações.

O grupo de organizadores pode focar na inserção e conquista da população adulto e juvenil nos processos educativos de musicalidade e ritmo, nos processos de gestão. O bairro possui instrumentos físicos através dos espaços da escola pública para turnos de palestras, oficinas e cursos. O serviço da **Rádio Poste** da Associação Chupe Bico possui alto falantes em alguns pontos do bairro e podem ser uteis nesta comunicação e no ordenamento do desfile da Mudança, obviamente necessitando de maior aporte técnico para seu alcance.

É preciso, contudo, que a dinâmica do desfile da Mudança especifique suas temporalidades e espaços, privilegiando das passagens das atrações e personagens ligados historicamente ao carnaval do bairro, através de horários estabelecidos e condutas mínimas, respeitando o espírito desta heterotopia crônica de forma espontânea e agregadora, como sempre se apresentou.

O movimento deve ser forte e partir do bairro. Sugere-se assim, a construção e divulgação de relatórios e documentos para visar a instrumentalização de políticas públicas que alcancem os projetos elaborados por comissão de bairro.

Na perspectiva da construção de séries históricas e dados referente ao tamanho da festa ainda carece no carnaval da Mudança números e estatísticas propriamente sobre a festa. Os poderes públicos passam as décadas sem organizar registros deste carnaval, isento de documentação e registros estatísticos próprios do bairro, sem organização histórica, estando a popularização dos veículos midiáticos, principalmente através de websites, a difundir os movimentos através de suas imagens e reportagens durante o carnaval oficial.

Os achados da pesquisa mostram que é nas ruas do bairro, ao longo do tempo, que as relações afetivas e diárias acontecem. Os espaços públicos da grande cidade, muitas vezes são lugares de insegurança e violência. Na Mudança, além da celebração coletiva, tornou-se uma territorialidade em forma e conteúdo de expressão de identidades dos grupos vulnerabilizados cotidianamente. Sejam estes grupos formados por mulheres, idosos, identidades LGBTQIAPN+, trabalhadores, os quais se manifestam e existem nas ruas com seus corpos sem serem criminalizados e, assim efetivam sua diversidade cultural, ao passo que reforçam a manifestação carnavalesca Mudança do Garcia e agregam ainda mais importância a sua existência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propõe problematizar a Mudança do Garcia do ponto de vista dos processos de dominação do capital da grande cidade e resistência mediante a discussão da produção de territorialidade por meio da manifestação popular presente no Carnaval do bairro.

As transformações urbanas se tornaram ainda mais necessárias na era da pós-

pandemia. A sociedade mudou, as dificuldades econômicas se acentuaram, os processos de violência e de guerras no mundo se amplificaram e a Mudança sempre incluiu o grito de grupos mais vulneráveis.

De maneira mais audiente, as entonações reivindicatórias foram vistas no pós-golpe (*impeachment*) da Presidenta Dilma, no período de eleição do político autodeclarado de direita e nos primeiros dois anos de atuação. No primeiro carnaval pós-pandêmico (2023), a concentração continuou efervescente, embora com traços da cultura neoliberal de massa ainda bem mais marcadas na territorialidade produzida da festa.

Os resultados da pesquisa mostram tensões presentes no movimento. Os conflitos acontecem entre cultura de massa e cultura popular na Mudança do Garcia, em que o tempo poderá revelar se a resistência viva da Mudança conseguirá modificar a disposição atual e recompor hábitos populares, os quais sejam mais intensos do que os de massa dos últimos anos.

Além disso, ocorre um descontentamento dos participantes do bairro e dos participantes externos, não residentes do Garcia. Este ponto também necessita ser enfrentado, considerando a vida diária e construção das relações identitárias do bairro.

Há momentos diferenciados da Mudança a depender do governo, o qual esteja. As críticas presentes na Mudança ao governo estadual desapareceram, uma vez que o governo vigente é de esquerda. Isso também se refere a gestão em âmbito federal, mas ainda pode ser visto com protestos na gestão municipal.

Em linhas gerais, entende-se o sentimento de pertencimento dos colaboradores em relação à festividade da Mudança, mesmo levando em conta a participação absorvida no modelo da indústria de massa. Embora, esta indústria de negócio esteja agindo através da gestão pública da cidade e provoque uma “descaracterização” a partir da inserção de aportes técnicos culturalistas, a territorialidade criada pela Mudança guarda especificidades próprias construídas através das relações de convivência e afetividade. Estes traços ainda estão presentes em sua espacialidade, na participação das pessoas residentes do bairro, nos momentos e *clusters* de encontro entre amigos e familiares, na prática do feijão servido durante a festa e das comidas de matriz africana. A memória por mais que se pareça distante da festa genuína (antes dos trios e aumento populacional), que é a Mudança pode ser trazida e ressignificada nos limites do carnaval de bairro. A Mudança existe e resiste ainda na atual fase!

Ao concluir este trabalho, identificam-se necessárias algumas investigações sobre o fenômeno, a partir da seguinte agenda de pesquisa:

- a) Investigação da manifestação carnavalesca Mudança do Garcia como suporte para o debate da etnicidade e ancestralidade;
- b) Acrédito as demais pesquisas das características dos foliões ocasionais da Mudança;
- c) Investigação com enfoque da Geografia Humanística a fim de revelar o modo como a tradição da Mudança do Garcia tem quanto ao processo de consciência e como ela interfere na experiência que o grupo possui;
- d) Estudo da Praça pública Marquês de Olinda, central ao final de linha do bairro, apresenta temporalidades e usos distintos, concentra para a saída do desfile e seu retorno, bem como pulsa em aglomerações durante o tempo do percurso. A Praça é também local de atividade voltadas às atividade de saúde dos moradores idosos;
- e) Análise e identificação de demais clusters culturais presentes no bairro, como as casas de shows, os redutos de encontros de artistas e dos eventos culturais, as festas de largo, lavagens do bairro, dentre outros;
- f) Análise detalhada da participação feminina no carnaval da cidade e nas manifestações culturais carnavalescas, suas implicações e projetos de inserção feminina na festa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; DE ALMEIDA, Jorge Miranda. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Ivan de. **Mídia e carnaval:** uma representação midiática do Bloco Mudança do Garcia em 1930. Salvador: Cogito, 2014.

ANDRADE, Adriano Bittencourt; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador**. 2^a edição, Edufba, Salvador: 2009.

ARAÚJO, U. C. **A Baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente**. In: CARDOSO, C., TAVARES, F., and PEREIRA, C., orgs. *Baía de todos os santos: aspectos humanos [online]*.

Salvador: EDUFBA, pp. 49-67, 2011.

BAHIA. Secretaria de Cultura do Estado Da Bahia (SECULTBA). **Samba raiz do Celebração na Palma da Mão abre a Mudança do Garcia nesta segunda**. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/55556/samba-raiz-do-celebracao-na-palma-da-mao-abre-mudanca-do-garcia-nesta-segunda> Acesso em 17 de jun. de 2025.

BAHIA. Secretaria de Segurança Pública. **SSP contabiliza 11 milhões de pessoas no Carnaval 2025 e nenhuma morte violenta**. Disponível em: <https://ssp.ba.gov.br/2025/03/05/ssp-contabiliza-11-milhoes-de-pessoas-no-carnaval-2025-e-nenhuma-morte-violenta/> Acesso em 15 mai. de 2025.

BRASIL DE FATO. **Bloco Mudança do Garcia pode se tornar patrimônio imaterial da Bahia** (2024). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/09/bloco-mudanca-do-garcia-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-bahia/> Acesso em 29 mai. de 2025.

CARDOSO, Carlos Henrique. Mudança do Garcia: diversidade e alegria no carnaval baiano. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (org.). **Festas na Baía de Todos os Santos:** visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador: Edufba, 2015, p. 17-27.

CARLOS, A. F. A. A virada espacial. **Mercator**, v. 14, p. 7-16, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Em nome da cidade (e da propriedade). **Actas del XIV Coloquio Internacional de Geocrítica: Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 27, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 4^a edição, 2000.

CORREIO. **Com cortejo esvaziado, Mudança do Garcia passa pelo Circuito Osmar**. <https://www.correio24horas.com.br/carnaval-2024/com-cortejo-esvaziado-mudanca-do->

garcia-passa-pelo-circuito-osmar-0224 Acesso em jun de 2025.

COSTA, Carlos Alberto Santos. A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760). **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 117, dez. 2005. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/210>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 103-134, 2003.

DE OLIVA JUNIOR, Edgard Mesquita. Mudança do Garcia: uma estética particular no carnaval da Bahia.

TEIXEIRA, A. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1993.

DIAS, Clímaco César Siqueira. **Carnaval de Salvador: mercantilização e produção de espaços de segregação, exclusão e conflito**. 198 f. Dissertação de Mestrado: Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

DIAS, Clímaco César Siqueira. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador**. 286 f. Tese de Doutorado: Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

DIAS, Clímaco Cesar Siqueira. Carnaval de Salvador: o declínio da festa mercantil. **GeoTextos**, 2018.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. SciELO-EDUFBA, 2006.

DUNCAN, James. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 63-102, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução Salma Tannus, Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FRANCO, Angela; DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Mundo e lugar: a urbanidade do pensamento de Maria Brandão**. Brasil, 2021.

G1 Globo - **Carnaval de Salvador tem 8 circuitos oficiais; conheça quais são e as histórias de cada um**. Disponível em:
<https://g1.globo.com/ba/bahia/carnavalnabahia/noticia/2025/02/28/circuitos-carnaval-de-salvador.ghtml> Acesso em 7 de junho de 2025.

G1 Globo - **'Mudança do Garcia' tem 'mini jegue' e protesto contra corrupção**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/carnaval/2015/noticia/2015/02/sob-sol-forte-mudanca-do-garcia-leva-irreverencia-para-avenida.html> Acesso em 7 de junho de 2025.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Edições 70. Lisboa – Portugal. S/D. Título original: Die Idee der Phänomenologie (Band II Husserliana) Martinus Nijhoff, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População e domicílios: Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, 2025.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Mudança do Garcia tem relevância no carnaval de Salvador com movimentação marcada por tradição e resistência**. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2024/02/mudanca-do-garcia-tem-relevancia-no-carnaval-de-salvador-com-movimentacao-marcada-por-tradicao-e-resistencia/>

LÉFÈBVRE, H. **Espacio y política: El derecho a la ciudad**, II. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LIMA, Paulo Costa. Quem é você? Carnaval e Psicanálise. In: LIMA, Paulo Costa. **Música popular e adjacências**. Salvador: Edufba, 2010, p. 71-74.

LOPES, Rafael Santana. Os sentidos comunicacionais na mudança do Garcia. **XVIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Enecult, Salvador, agosto de 2022.

MARICATO, E. **Direito à terra ou direito à cidade**. Revista de Cultura Vozes, v. 89, n. 6, 1985.

MACHADO, Ana Flavia Martins. **O carnaval vai passar... Dinâmica social e transformações na folia de Salvador**. 286 f. Tese de Doutorado: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MIGUEZ, Paulo. Afrofolias: notas sobre a presença negra no carnaval de Salvador. **Revista Extraprensa**, v. 14, n. 1, p. 133-147, 2020.

MITCHELL, D. **Não existe aquilo que chamamos de cultura**. Espaço e Cultura, 2008.

MOURA, M., org. **O oriente é aqui: o cortejo de referências fantásticas de outros mundos no Carnaval de Salvador**. In: A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 86-129. ISBN 978-85-232-1209-4. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wnm5w/pdf/moura-9788523212094-04>

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Africanidades espetaculares dos blocos afros: Ilê Ayê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma para a cena contemporânea numa cidade transatlântica. **Revista Repertório**, v. 19, p. 103-113, 2012.

PORTAL ACORDA CIDADE. 'Mudança do Garcia' traz irreverência e protestos a favor da democracia para a avenida. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/variedades/mudanca-do-garcia-traz-irreverencia-e-protestos-a-favor-da-democracia-para-a-avenida/> Acesso em 17 de jun. de 2025.

REZENDE, Ana Flávia; SARAIVA, Luiz Alex Silva; ANDRADE, Luís Fernando Silva. “Transformando Cruz em Encruzilhada”: Blocos Afro de Carnaval e a Produção de Espaços Negros em Belo Horizonte. **Organizações & Sociedade**, v. 30, p. 670-694, 2024.

SALVADOR. **Lei Ordinária Municipal nº 7.171**, de 20 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://leismunicipal.is/mekbt>. Acesso em 16 de junho de 2025.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2006.

SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: Edufba. p.208, 2008.

SERPA, Angelo. Cultura de massa versus cultura popular na cidade do espetáculo e da “retradicionalização. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, nº. 22, p. 79-96, jan./Dez. de 2007. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3514/2441>.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 17, n. 1, p. 168-185, 2013.

SILVA, Adriana Maria Lage. **Aspectos socioespaciais da cidade de Salvador na primeira república: o governo de JJ Seabra**. Dissertação de Mestrado: Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 120 fl, 2013.

SOARES, RAFAEL LIMA SILVA. **As Escolas de Samba da Cidade do Salvador**. 159 f. Dissertação de Mestrado: Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia, Cachoeira, 2015.

SOARES, Rafael Lima Silva et al. **Os sambas-enredo das escolas de samba do carnaval de Salvador**. 355 f. Tese de Doutorado: Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

SOUZA, Fernanda Ferreira de Castro Fontainha. **Memória Vídeo-Documentário: Mudança do Garcia**. Trabalho de Conclusão de Curso: Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**. São Paulo: UNESP, 2004.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**, v. 3, p. 75-103, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de A. **Pobreza urbana e a formação de bairros populares em Salvador na longa duração**. Espaço e Tempo, GEOUSP, São Paulo, nº 20, p. 19-30, 2006. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74005/77664>>
2025

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro ter conhecimento dos objetivos da pesquisa intitulada “Manifestações Culturais e o cotidiano na localidade da Fazenda Garcia, bairro do Garcia em Salvador - Bahia”, desenvolvida por Thaís Góes de Souza, orientada pelo Prof. Dr. Clímaco César Siqueira Dias e aceito participar voluntariamente de sua entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados desta pesquisa acadêmica em demais trabalhos científicos, como do sigilo quanto a identificação e respostas pessoais.

Salvador, _____ de 2025.

Assinatura

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (ORGANIZADORES)

BLOCO A

- Reside no bairro do Garcia ou na Fazenda Garcia? Outro bairro?
- Como folião você participa dos festejos carnavalescos há quanto tempo?
- Me conte um pouco de como começou a sua participação na organização da Mudança... Você participa da Mudança do Garcia há quantos carnavais?
- Você participa de outros desfiles? Ou participa de outros módulos do carnaval, no mesmo dia ou em outros dias? De quais?

BLOCO B

- Como é feito o planejamento da festa?
- A Mudança contrapõe historicamente o modelo do carnaval de rua do bloco de trio elétrico. Como pode ser explicado a presença dos trios elétricos de médio e grande porte nas ruas estreitas do bairro, principalmente na Fazenda Garcia nos últimos anos?
- Ainda sobre a presença dos trios, sabe-se que a identidade da Mudança está vinculada às reivindicações. Deste modo, como consideram a concentração destes veículos com a permanência dos grupos de percussão no desfile de chão?
- Por que a Mudança praticamente acaba quando passa no Circuito do Campo Grande?
- As carroças puxadas por animais são os principais motivos disto?
- Como é o relacionamento com patrocinadores? O principal e talvez o único patrocinador é o Estado e cada sindicato ou grupo se autofinancia
- Quando e como os recursos financeiros do principal patrocinador, no caso, o governo do Estado da Bahia são distribuídos para a festa? Há um crescimento ou declínio dos valores recebidos durante os últimos dez anos?
- Neste contexto, quando houve o reconhecimento legal da Mudança do Garcia, enquanto Circuito Riachão por parte do poder público municipal, a festa contou com maiores contribuições? (Peço que cite marcos quanto às conquistas por direitos às verbas públicas voltadas a cultura local.)
- Quais aspectos da festa você considera relevantes?

- Ocorrem brigas e/ou disputa por território de grupos que ofereçam algum risco ou impedimento da saída o desfile da Mudança?
- Como você avalia a presença midiática na festa?
- Quais efeitos da formalização do Circuito Riachão a partir de 2015?
- Qual a tendência do circuito?
- Você acha satisfatório como o final do percurso acontece?
- Vocês utilizam as redes sociais?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (DIRIGENTES DE OUTROS BLOCOS)

BLOCO A

- Reside no bairro do Garcia ou na Fazenda Garcia? Outro bairro?
- Qual o nome do(s) bloco(s) que participa?
- Qual a idade do bloco?
- Você integra o bloco há quantos carnavais?
- Você conhece a Mudança do Garcia? () SIM () NÃO

BLOCO B

Caso participe da festa:

- Você participa da Mudança do Garcia há quantos carnavais?
- Por que o seu bloco participa da Mudança do Garcia?
- Como vocês organizam a participação do seu bloco na festa?
- O(s) bloco(s) que participa é/são profissionalizado(s)?
- O bloco se autofinancia para a festa ou recebe recursos de outras fontes? Quais?
- Onde e qual horário vocês se concentram para a saída?
- Você costumam orientar seus associados a se fantasiarem ou a levarem cartazes individuais para a Mudança do Garcia?
- Você realizam todo o percurso do Circuito Riachão?
- Você acham satisfatório como o final do percurso acontece?
- Você participam de outros desfiles? O bloco participa de outros módulos do carnaval, no mesmo dia ou em outros dias? De quais?

- Como vocês avaliam as transformações ocorridas na Mudança do Garcia?
- Qual a tendência da festa para vocês, no caso, vocês acham que a festa está cada ano mais concorrida ou esvaziada?
- Você utilizam as redes sociais para divulgar a participação na Mudança do Garcia?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA (MEMBROS DE GRUPOS DE SAMBA)

BLOCO A

- Reside no bairro do Garcia ou na Fazenda Garcia? Outro bairro?
- Qual o nome do(s) bloco(s) que participa?
- Qual a idade do bloco?
- Você integra o bloco há quantos carnavales?
- Você conhece a Mudança do Garcia? () SIM () NÃO

BLOCO B

Caso participe da festa:

- Você participa da Mudança do Garcia há quantos carnavales?
- Por que o seu bloco participa da Mudança do Garcia?
- Como vocês organizam a participação do seu bloco na festa?
- O(s) bloco(s) que participa é/são profissionalizado(s)?
- Os músicos integrantes são profissionais do samba?
- O bloco se autofinancia para a festa ou recebe recursos de outras fontes? Quais?
- Onde e qual horário vocês se concentram para a saída?
- Você costuma se fantasiar ou levar cartazes para a Mudança do Garcia?
- Você realiza todo o percurso do Circuito Riachão?
- Você acha satisfatório como o final do percurso acontece?
- O bloco participa de outros módulos do carnaval, no mesmo dia ou em outros dias? De quais?
- Como o bloco avalia as transformações ocorridas na Mudança do Garcia?

- Qual a tendência da festa para vocês, no caso, vocês acham que a festa está a cada ano mais concorrida ou esvaziada?
- Vocês utilizam as redes sociais para divulgar a participação na Mudança do Garcia?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA (REPRESENTAÇÃO DE SINDICATOS PARTICIPANTES DA FESTA)

BLOCO A

- Qual o nome do Sindicato?
- Qual setor vocês representam?
- Há quanto tempo o Sindicato foi formado?
- Você conhece a Mudança do Garcia? () SIM () NÃO

BLOCO B

Caso participe da festa:

- O Sindicato participa da Mudança do Garcia há quantos carnavais?
- Por que o seu sindicato participa da Mudança do Garcia?
- Como é feito o planejamento do Sindicato para o desfile?
- Onde e qual horário vocês se concentram para a saída?
- O Sindicato se autofinancia para a festa, como vocês organizam os recursos financeiros para a participação?
- A identificação estética do Sindicato é importante durante o percurso, quais elementos e adereços utilizam especificamente para a Mudança do Garcia?
- Vocês costumam orientar seus associados a se fantasiarem ou a levarem cartazes individuais para a Mudança do Garcia?
- Vocês realizam todo o percurso do Circuito Riachão?
- Vocês acham satisfatório como o final do percurso acontece?
- O Sindicato participa de outros módulos do carnaval, no mesmo dia ou em outros dias? De quais?
- Como o Sindicato avalia as transformações ocorridas na Mudança do Garcia?

- Qual a tendência da festa para vocês, no caso, vocês acham que a festa está a cada ano mais concorrida ou esvaziada?
- O que significa para o Sindicato participar da mudança do Garcia?
- Vocês utilizam as redes sociais para divulgar a participação na Mudança do Garcia?

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA (RESTAURANTES)

- Qual o nome do estabelecimento comercial?
- Há quanto tempo o estabelecimento funciona na Fazenda Garcia? E durante a Mudança do Garcia?
- Vocês planejam a rotina do empreendimento para o dia da festa e nos outros dias do carnaval?
- Como o seu empreendimento funciona no dia da festa?
- A identificação estética do estabelecimento é importante durante a segunda-feira da Mudança, vocês costumam fixar cartazes ou dizeres na fachada do imóvel? O que dizem?
- Como avalia as transformações ocorridas na Mudança do Garcia?
- Qual a tendência da festa para vocês, no caso, você acha que a festa está a cada ano mais concorrida ou esvaziada?
- O que significa estar inserido no circuito da festa? Você incentiva a Mudança com recursos financeiros?
- Vocês utilizam as redes sociais para divulgar a participação na Mudança do Garcia?

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA (GESTORES PÚBLICOS: VEREADORES)

- Reside no bairro do Garcia ou na Fazenda Garcia? Outro bairro?
- Me conte um pouco de como começou a sua participação na Mudança... Você participa da Mudança do Garcia há quantos carnavais?
- Quais os seus níveis de participação? Mesmo antes do cargo político e da vinculação partidária.
- Você participa de outros desfiles? Ou participa de outros módulos do carnaval, no mesmo dia ou em outros dias? De quais?
- O que você ver como vantagem com a transformação da Mudança do Garcia, do carnaval do Garcia em circuito? Essas vantagens têm acontecido?
- Como se dá sua participação nas comissões da Mudança e reuniões sobre o bairro? Já houve pautas e projetos propostos durante a sua gestão levados ao sistema político? Quais resultados?
- Quais ações e perspectivas para os próximos anos do carnaval do Garcia? Há o planejamento de médio ou longo prazo?

APÊNDICE H - QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

Q1. Qual gênero você se identifica? () Feminino () Masculino

() Outro gênero – especifique _____

Q2. Qual categoria abaixo inclui sua faixa etária?

() 18 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () 51 a 60 anos () 61 anos ou mais

Q3. Qual cor ou raça, você se identifica? () Preta () Branca () Pardo () Indígena

Q4. Qual é a sua escolaridade completa:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior

() Pós-graduação *lato sensu*

() Pós-graduação *stricto sensu* () Mestrado () Doutorado

Outra opção _____

Q5. Qual categoria abaixo inclui sua faixa de renda familiar?

() até 2 salários mínimos [R\$1.412,00 – R\$2.824,00]

() acima de 2 até 5 salários mínimos [R\$2.825,00 – R\$7.060,00]

() acima de 5 salários mínimos [acima de R\$7.061,00]

APÊNDICE I - CONTRATO DE CESSÃO DE IMAGENS - ACERVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS



CONTRATO DE CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, de um lado, a **SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO - SECULT**, inscrita no CNPJ sob o nº 13.927.801/0028-69, com sede a Rua Humberto de Campos, nº 251, Graça, nesta Capital, representada neste ato pelo seu **Secretário, CLÁUDIO TINOCO MELO DE OLIVEIRA**, responsável pelo Arquivo Histórico Municipal de Salvador, situado à Rua Chile, 31 – Centro, nesta Capital, doravante denominado **CEDENTE** e do outro, **THAÍS GÓES DE SOUZA**, CPF _____ RG _____ – SSP-BA, residente à Rua Salvador – Bahia, doravante denominada **CESSIONÁRIA**, resolve celebrar o presente **CONTRATO DE CESSÃO DE DIREITOS**, segundo as cláusulas e condições que se seguem:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente contrato tem por objeto a cessão de direitos referente à utilização de 101 (cento e uma) imagens digitais relativas ao Bairro do Garcia, Salvador, do Setor de Arquivos Audiovisuais, da Coordenadoria de Equipamentos Turísticos, setor/serviço do **CEDENTE**, com a finalidade de que a **CESSIONÁRIA** possa ilustrar Monografia “Manifestações culturais e o cotidiano no final de linha do Bairro Garcia, em Salvador - Bahia”, para o Curso de Bacharelado em Geografia – UFBA.

CLÁUSULA SEGUNDA - DAS CONDIÇÕES DA CESSÃO

São condições da presente cessão de direitos:

- I. A cessão de direitos será gratuita, dispensando qualquer tipo de ônus, gratificação, vantagem ou remuneração, renunciando o **CEDENTE** a qualquer reclamação quanto à remuneração ou indenização, em juízo ou fora dele;

Thaís
Rua Chile, 31 Centro -Salvador - Bahia - CEP 40.020.000 / Tel.: (71)32027800

II. A utilização das imagens de que trata a presente cessão de direitos se restringe, exclusivamente, a finalidade prevista na Cláusula Primeira deste contrato, sendo proibida, salvo expressa autorização do CEDENTE, a reprodução de cópias das imagens digitais ora cedidas em qualquer outro veículo ou meio de divulgação, parcial ou integralmente, bem como a transferência, cessão ou permissão de utilização por terceiros;

III. O presente contrato é celebrado em caráter irrevogável, não comportando arrependimento de ambas as partes e será respeitado em todas as cláusulas pelas partes contratantes, como também pelos seus sucessores, de qualquer ordem ou espécie;

IV. A CESSIONÁRIA fica obrigada a conceder expressamente os créditos das imagens digitais ao Fotógrafo, quando houver, e ao Arquivo Histórico Municipal de Salvador/SECULT, explicitando o Fundo ou Coleção a que a mesma pertence e o Número do Documento.

V. As fotografias digitalizadas possuem os seguintes números de identificação:

DO FUNDO ESP – Estado de São Paulo

Pasta 042 – Foto (0313 f/v), Pasta 296 – Fotos (0387 f/v, 1570), Pasta 038 – Foto (0551 f/v), Pasta 034 – Foto (0324 f/v), Pasta 033 – Fotos (0568 f/v, 0630 f/v). Subtotal – 13 (treze) imagens.

DO FUNDO PMS – Prefeitura Municipal do Salvador

Pasta EPUCS – Foto (001.116, 000.162), 332 – Foto (8328 f/v). Subtotal – 04 (quatro) imagens.

DO FUNDO DN – Diário de Notícias

Pasta 113 – Fotos (7509 f/v, 7511 f/v, 7513 f/v, 7510 f/v, 7506 f/v, 1743 f/v, 7505 f/v, 7496 f/v, 7499 f/v), Pasta 116 – Fotos (1894 f/v, 1752 f/v), Pasta Rua Chile, 31 Centro -Salvador - Bahia - CEP 40.020.000 / Tel.: (71)32027800



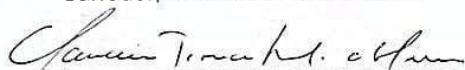
117 – Fotos (1790 f/v, 1763 f/v, 1770 f/v, 1774 f/v, 1776 f/v, 1779 f/v, 1781 f/v, 1782 f/v, 1783 f/v, 1786 f/v, 1787 f/v, 1764 f/v). Pasta 118 – Fotos (1858 f/v, 1821 f/v, 1846 f/v, 1826 f/v, 1807 f/v, 1810 f/v), Pasta 122 – Fotos (2103 f/v, 2113 f/v), Pasta 123 – Foto (2054 f/v), Pasta 127 – Fotos (3299 f/v, 3297 f/v, 7491 f/v), Pasta 128 – Foto (1814 f/v), Pasta 131 – Fotos (2141 f/v, 2132 f/v, 2130 f/v, 0092 f/v, 2124 f/v, 2123 f/v). Subtotal – 84 (oitenta e quatro) imagens.

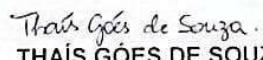
CLÁUSULA TERCEIRA – DO FORO

Fica eleito o Foro da Comarca de Salvador para dirimir as questões oriundas do presente contrato e que não tenham sido objeto de acerto entre as partes contratantes.

E estando assim justos e contratados, assinam o presente contrato em 02 (duas) vias de igual teor e forma, sob a presença de testemunhas, que também o assinam.

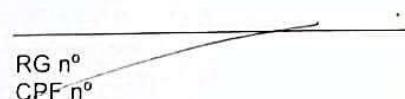
Salvador, 27 de fevereiro de 2019.


CLÁUDIO TINOCO MELO DE OLIVEIRA
Secretário
CEDENTE


THAÍS GÓES DE SOUZA
CESSIONÁRIA

Testemunhas:

1. 
RG nº _____
CPF nº _____

2. 
RG nº _____
CPF nº _____

Rua Chile, 31 Centro - Salvador - Bahia - CEP 40.020.000 / Tel.: (71)32027800